



Universidade Católica Portuguesa

Centro Regional de Braga

RELATÓRIO DE ESTÁGIO

Apresentado à Universidade Católica
Portuguesa para obtenção do grau de mestre
em **Psicologia da Família**.

Patrícia Novais Martinho



FACULDADE DE FILOSOFIA
SETEMBRO 2014



Universidade Católica Portuguesa

Centro Regional de Braga

RELATÓRIO DE ESTÁGIO

Local do Estágio: Centro de Acolhimento
Temporário – APAC-CAT “ Casa dos
sonhos”

Relatório de Estágio apresentado à
Universidade Católica Portuguesa para
obtenção do grau de mestre em **Psicologia da
Família.**

Patrícia Novais Martinho

Sob a Orientação da Prof.^a Doutora **Fabrizia Raguso**



FACULDADE DE FILOSOFIA
SETEMBRO 2014

Agradecimentos

Agradecer, são poucas as vezes que o fazemos ao longo da nossa vida, por vezes achamos que quem está ao nosso lado sabe que agradecemos, mas não seria importante o fazer mais vezes e diretamente? Primeiramente OBRIGADA aos meus pais, é também por eles que fiz este percurso académico, foram eles que me apoiaram ao longo desta caminhada, foram eles que estiveram nos momentos difíceis e que me encorajaram a “levantar a cabeça” e enfrentar os obstáculos que surgiam. Tenho orgulho e o prazer de ser vossa filha, mais uma vez obrigada por estarem sempre do meu lado e me apoiarem em todas as etapas da minha vida.

À minha irmã, que mesmo longe sempre me apoiou e me encorajou a lutar pelos meus sonhos. Com as nossas conversas ou até mesmo discussões fizeste-me crescer, ser uma pessoa melhor. Foste e continuas a ser um exemplo para mim. Obrigada por acreditares em mim e nunca me deixares cair. Ao meu afilhado Gabi, pelos sorrisos e pelos abraços, que me deram mais força e fizeram que eu acreditasse que somos importantes na vida das pessoas e que um pequeno gesto muda a vida de alguém.

À minha amiga Priscilla, que foi a minha grande inspiração ao longo destes cinco anos de faculdade. Foste a pessoa que acreditou em mim, que me apoiou, que lutou comigo neste percurso. A ti devo muito, foram cinco anos que rimos, choramos, gritamos. Nunca irei esquecer o que fizeste por mim. Querida amiga estás cá dentro.

Aos meus amigos Stephanie, Bárbara, Rejane, grupo triplex, grupos de jovens, obrigada pela vossa amizade, pelo enorme convívio que me proporcionaram.

À Professora Fabrizia, agradeço o seu ensinamento, a sua compreensão, e sobretudo por me ter apresentado a área da Psicologia da Família, que sem dúvida é fascinante. Mais uma vez obrigada pela sua orientação, apoio e por sempre transmitir a importância do querer conhecer mais.

À Dr.^a Vânia, um eterno obrigada pela sua disponibilidade, por acreditar no meu trabalho. São muitas as palavras que me disse e foram muitos os ensinamentos que irei guardar na memória. Desta forma, agradeço a sua confiança e o sentido de responsabilidade que desde muito cedo depositou em mim, foram essenciais para o meu crescimento.

À Educadora Liliana pelo seu carinho e apoio incansável ao longo desta experiência no CAT. A toda a equipa do CAT, principalmente à Emanuela, Diana, Andreia e Flávia que me proporcionaram momentos de grande apoio e companheirismo. A todas as crianças do

CAT, foram vocês que me fizeram olhar de forma diferente a realidade. Foram vocês que me proporcionaram o meu verdadeiro ensinamento.

Resumo

O presente relatório visa apresentar as atividades decorrentes no estágio curricular enquadrado no Mestrado em Psicologia da Família da Faculdade de Filosofia de Braga que decorreu entre Setembro de 2013 e Junho de 2014. O estágio foi desenvolvido no Centro de Acolhimento Temporário de Barcelos (APAC-CAT). O mesmo tem como objetivo acolher crianças dos 0 aos 18 anos em situações de perigo decorrentes de abandono, maus tratos, negligência ou outros fatores. Após um período de observação e caracterização da instituição, analisou-se as suas necessidades e identificaram-se os alvos de intervenção. Deste modo, criou-se um programa de intervenção em grupo dirigido às crianças da instituição, este foi dividido em dois grupos pelas distintas faixas etárias. Criou-se e realizou-se uma ação de formação “A importância do acolhimento. Percursos operacionais” direcionada aos colaboradores do CAT. Como também foi realizado um acompanhamento individual a M.L. mãe de um jovem institucionalizado no CAT. Participou-se e cooperou-se em demais atividades como o dia da criança, os calendários, o Sceno-Vida, formações e reuniões.

Palavras-chave: crianças, famílias, acolhimento, resiliência, intervenção

Abstract

This report aims to present the activities resulting from the training courses within the framework of the Family Psychology Master's degree of Braga Philosophy Faculty which took place between September 2013 and June 2014. This internship was developed in Acolhimento Temporário de Barcelos (APAC-CAT). APAC-CAT purpose is to welcome children aged between 0 and 18 years living in dangerous situation resulting from abandonment, abuse, neglect or other factors. After an observation period and an institution characterization, we analysed their needs and identify the intervention targets. In this way, an group intervention program was created for the children of the institution, it was divided into two groups by age. A teaching program was created and realized on "The importance of the host. Operating records "directed to the employees of CAT. An individual monitoring to the ML mother of a young institutionalized in CAT was also performed. We participated and cooperated in other activities as the day of the child, the calendars, the Sceno-Vida, trainings and meetings.

Keywords: child, family, welcome, resilience, intervention

Índice

Agradecimentos.....	I
Resumo.....	III
Abstract	III
Índice	IV
Índice de anexos	VI
Índice de Tabelas.....	VII
Índice de Imagens.....	VII
Índice de Gráficos	VII
Índice de Siglas	VIII
Introdução.....	1
1. Caracterização do contexto institucional de estágio	3
1.1.1. O CAT e a sua finalidade.....	4
1.1.1.1. Admissão	5
1.1.1.2. Acolhimento/programa de acolhimento inicial	5
1.1.1.3. Avaliação Diagnóstica em Contexto Institucional	5
1.1.1.4. Elaboração do PSEI /Preparação da Saída da Instituição	6
1.1.1.5. Função do Psicólogo e do estagiário segundo a instituição	6
2. Atividade Desenvolvidas em Âmbito de Estágio Curricular	7
2.1. Observação e Entrevista Semi-Estruturada	7
2.2. Identificação das necessidades	8
3. Atividades Implementadas.....	11
3.1. Intervenção em Grupo – objetivos; população alvo e constituição dos grupos.....	11
3.1.1. Fundamentação Teórica	12
3.1.2. Metodologia / Apresentação sucinta da estrutura das atividades.....	17
Grupo de intervenção 4-6 anos (anexo VI)	17
Avaliação e Reflexão Pessoal	21
Grupo de intervenção 9-15 anos (anexo VII).....	24
Avaliação e Reflexão Pessoal	29
3.2. Ação de Formação “A importância do acolhimento. Percursos operacionais” - Objetivos e estrutura; População Alvo	33
3.2.2. Fundamentação Teórica	34

3.2.3. Metodologia / Apresentação sucinta da estrutura das atividades	37
3.2.4. Avaliação e Reflexão Pessoal	42
3.3. Acompanhamento Individual	46
3.3.1. Descrição sucinta do pedido/motivo do acompanhamento.....	46
3.3.2. História de vida	46
3.3.3. Trabalho realizado nos acompanhamentos individuais	48
3.3.4. Hipóteses de trabalho para eventuais próximos acompanhamentos	51
3.3.5. Reflexão Pessoal do Acompanhamento Individual	52
3.4. Outras atividades realizadas	54
3.4.1. Atividades de adaptação às novas instalações no CAT	55
3.4.2. Vídeo (anexo XVI)	55
3.4.3. Horário das colaboradoras e Calendário de Aniversários (anexo XVII)	55
3.4.4. Sceno-Vida (anexo XVIII).....	55
3.4.5. Dia da criança/família	56
Anexos.....	64

Índice de Anexos

Anexo I - Organigrama Geral.....	65
Anexo II - Organigrama do CAT	66
Anexo III - Plano de atividades 2013/2014 do CAT.....	67
Anexo IV - Guião de Entrevista Semi-Estruturada.....	76
Anexo V - Consentimento Informado	78
Anexo VI - Estrutura Metodológica do grupo de Intervenção 4-6 anos	80
Anexo VII - Estrutura Metodológica do grupo de Intervenção 9-15 anos.....	95
Anexo VIII - Avaliação do programa de Intervenção 9-15anos	110
Anexo IX - Entrevista ao grupo 9-15 anos (avaliar impacto)	111
Anexo X - Sistema Nacional de acolhimento e acolhimento infantil e juvenil realizado com o intuito de funcionar em rede.....	112
Anexo XI - Estrutura Metodológica da ação de formação “A importância do acolhimento. Percursos operacionais”.	113
Anexo XII -Avaliação sobre a formação (impacto)	132
Anexo XIII - Genograma	134
Anexo XIV - Notas de consulta	135
Anexo XV - Atividades de adaptação às novas instalações no CAT.....	173
Anexo XVI -Vídeo	176
Anexo XVII - Horário das colaboradoras/ Calendário de aniversários	177
Anexo XVIII - Sceno-Vida	178

Índice de Tabelas

Tabela 1. Principais necessidades encontradas	9
Tabela 2. Grupo de intervenção 4-6 anos de idade (estrutura/planificação das sessões).....	17
Tabela 3. Grupo de intervenção 9-15 anos de idade (estrutura/planificação das sessões).....	25
Tabela 4. Ação de Formação “A importância do acolhimento. Percursos operacionais” (estrutura/planificação das sessões)	38

Índice de Imagens

Imagem 1. Regras.....	18
Imagem 2. Desenho Livre.....	18
Imagem 3. Trabalho ao longo de toda a intervenção em grupo.....	21
Imagem 4. Regras criadas pelo grupo.....	26
Imagem 5. Desenhos e palavras de reflexão.....	26
Imagem 6. Brasão familiar do CAT.....	41
Imagem 7. 2º/3º/4º encontro.....	49
Imagem 8. Genograma completo de M.L.....	49

Índice de Gráficos

Gráfico 1. Avaliação do programa de intervenção (anexo VIII).....	31
---	----

Índice de Siglas

APAC – Associação de Pais e Amigos das Crianças

CAT – Centro de Acolhimento Temporário

PSEI – Plano Socioeducativo Individual

RSI – Rendimento Social de Inserção

CAO – Centro de Atividades Ocupacionais

CPCJ – Comissão de Proteção de Crianças e Jovens

Introdução

O presente relatório de estágio descreve todo o percurso de estágio curricular na instituição Associação de Pais e Amigos de Crianças na valência do Centro de Acolhimento Temporário (APAC-CAT) durante o ano letivo 2013/2014, respeitando ao segundo ano de mestrado em Psicologia da Família na Faculdade de Filosofia de Braga – UCP. O estágio curricular, bem como o relatório de estágio, foram realizados sob a orientação local da Dr.^a Vânia Gonçalves e a supervisão da Dr.^a Fabrizia Raguso.

Aquando da escolha do local de estágio, o facto de o CAT estar interligado com casos judiciais contribuiu para que a minha preferência tivesse em conta um estágio mais diversificado em que pudesse ter contacto com diversas realidades, neste caso, o afastamento das crianças às famílias por diversas importâncias (negligência, falta de condições económicas, estruturais e emocionais), a adoção, e por outro lado, conhecer a realidade do trabalho com as famílias e as crianças num Centro de Acolhimento Temporário.

A Associação de Pais e Amigos das Crianças é uma instituição com várias valências entre as quais o Centro de Acolhimento Temporário onde acolhe crianças/jovens que por várias razões foram afastadas das suas famílias e onde são delineamentos novos projetos de vida. Esta instituição quando acolhe uma criança procura proporcionar o melhor apoio possível protegendo e defendendo os seus direitos. Para que a criança seja acolhida no CAT são vários os procedimentos a seguir como: a admissão, o programa de acolhimento inicial, a avaliação diagnóstica em contexto institucional, bem como a elaboração do PSEI e a preparação da saída da instituição. Por tudo isto, é de ressaltar que o CAT é uma âncora, um apoio, um colo para todas aquelas crianças institucionalizadas. Nesta instituição muitos são os deveres de um psicólogo para com o utentes mas o que salienta mais em tantos compromissos é o intervir, o prevenir e o apoiar.

Este relatório contempla a descrição das diversas experiências, quer pessoais, quer profissionais que este estágio me proporcionou enquanto estagiária de Psicologia na proximidade e articulação com um dos Centros de Acolhimento Temporários.

Na primeira parte podemos encontrar uma breve descrição da instituição e os objetivos de cada valência, dando maior relevância ao CAT, referindo os seus objetivos, a prestação do seu serviço, a admissão de uma criança, o programa de acolhimento inicial, bem como a sua avaliação/diagnóstico em contexto institucional e a elaboração do PSI (Plano Socioeducativo

Individual) juntamente com a preparação da saída da instituição. Ressalvando ainda a função do Psicólogo e do estagiário segundo a instituição.

Seguidamente serão apresentados as propostas de intervenção realizadas no CAT, após um trabalho de observação e levantamento de necessidades, sendo elas uma intervenção e grupo, uma ação de formação e um acompanhamento de um caso individual.

Por fim, a última parte dedica-se a uma síntese reflexiva do contributo do estágio curricular na minha formação enquanto pessoa e profissional na área de Psicologia da Família.

1. Caracterização do contexto institucional de estágio

Neste ponto do relatório de estágio serão descritas de uma forma sucinta os objetivos e a forma como a Associação de Pais e Amigos das Crianças (APAC) atua, bem como as suas valências. Contudo é de salientar que a valência do CAT “Casa dos sonhos” terá uma maior atenção, por ter sido o local do estágio curricular.

A Associação de Pais e Amigos de Crianças, denotada por APAC, foi constituída a 24 de Maio de 1995, sendo considerada uma Instituição Particular de Solidariedade Social sem fins lucrativos, reconhecida de Utilidade Pública. APAC sobreveio da iniciativa de alguns pais e amigos de crianças portadoras de paralisia cerebral, que não obtinham respostas adequadas às patologias, ao nível da reabilitação.

O principal objetivo da instituição é desenvolver ações de reabilitação, orientação, integração e apoio a crianças e jovens com paralisia cerebral, deficiências neuromotoras, com problemas de desenvolvimento e/ou em situação de risco, completando atividades de orientação e apoio psico-social, médico-funcional e terapêutico.

Valências da Associação de Pais e Amigos das Crianças

São várias as valências da APAC (Apoio Ambulatório; Apoio Técnico Precoce; Rendimento Social de Inserção; Centro de Atividades Ocupacionais; Centro de Acolhimento Temporário (CAT)), contudo apenas o CAT será de seguida descrito de forma a poder transmitir os seus objetivos e a forma como trabalha, por ter sido o local do estágio curricular.

Centro de Acolhimento Temporário (CAT)

O Centro de Acolhimento Temporário “Casa dos sonhos” surge em Setembro de 1999, para crianças/jovens dos 0 aos 18 anos em condições de perigo subsequentes de abandono, maus tratos, negligência ou outros fatores.

A sua equipa é constituída por uma Psicóloga, uma Educadora de Infância, uma Técnica de Serviço Social e oito Técnicas de Ação Educativa. Nesta valência, os técnicos têm como compromisso proteger, valorizar, apoiar as crianças/jovens num dos primeiros desafios da sua história de vida, reedificando afetos e reestruturando vivências, garantindo a obtenção de um sentido de identidade, promotor do seu desenvolvimento.

O CAT surge da necessidade de acolher crianças/jovens que foram afastadas das suas famílias e que aguardam que lhes seja traçado um novo projeto de vida. Esta instituição procura minimizar os problemas e as carências emocionais sentidas pelas crianças em

situação de urgência, dando apoio na transição entre famílias disfuncionais ou ausentes e as famílias recuperadas ou de substituição.

Deste modo, o principal objetivo do Centro de Acolhimento é assegurar as condições das crianças que estão em regime de internato, facultando meios e garantias para o seu crescimento físico, a sua evolução intelectual, cultural e profissional, visando a sua inclusão na comunidade envolvente e a ligação ao seu seio familiar de origem. Privilegiando as relações afetivas enquanto bases essenciais para o processo de maturação e desenvolvimento psíquico da criança/jovem. É neste sentido pertinente realçar que o CAT, procura desde o acolhimento da criança na instituição, que seja traçado o futuro da mesma, promovendo a sua desinstitucionalização num espaço de tempo útil e o mais curto possível. Contudo, nem sempre é possível que esse desenlace tenha um final pretendido, isto é, que haja uma integração da criança na sua família biológica ou numa alternativa, adotiva ou de tutela, sendo que nestas condições não resta outra alternativa ao CAT a opção pelo acolhimento prolongado.

1.1.1. O CAT e a sua finalidade

Sendo o Centro de Acolhimento Temporário uma valência de grande importância, esta deve assegurar: a) o acolhimento imediato e absolutamente transitório de utentes em situações de perigo; b) a realização de estudos rápidos e diagnósticos corretos, conducentes a projetos de vida concretizáveis; c) proporcionar aos utentes a satisfação de todas as necessidades básicas, em condições de vida tão aproximadas quanto possível às da estrutura familiar; d) promover o desenvolvimento integral dos utentes de forma a atenuar os fatores de risco e potenciar os fatores de proteção; e) realizar um diagnóstico da situação tendo em conta a informação já disponível noutros serviços e outros atores sociais envolvidos nas situações; f) construir com os utentes projetos de vida; g) promover o equilíbrio emocional e afetivo; h) proporcionar um apoio, procurando despistar e diagnosticar os aspetos mais carenciados de intervenção em termos de saúde, socialização e escolaridade, recorrendo aos espaços educativos e lúdicos existentes no meio envolvente, i) desenvolver uma intervenção da família e da comunidade de origem do cliente, visando a caracterização sociofamiliar e o encontrar das soluções possíveis, em articulação e concertação com as instituições e os serviços locais, tendo em vista o regresso do utente à família.

1.1.1.1. Admissão

Crianças e jovens a quem foi aplicada uma medida de promoção e proteção de acolhimento institucional, prazo máximo de 6 meses. Podendo ser por via: do Tribunal, da Comissão de Proteção de Crianças e Jovens e Entidades com competências em matéria de infância e juventude.

A admissão em CAT constitui uma intervenção para a promoção dos direitos e proteção da criança/jovem em perigo. Aquando de um pedido de admissão o coordenador técnico tem como objetivo reunir a restante equipa técnica assegurando que essa reunião ocorre até 8 horas após a recção do pedido do CAT. Caso haja uma admissão ou uma recusa é de todo pertinente enviar por escrito à entidade que solicitou o acolhimento, a resposta encontrada e a razão da admissão.

1.1.1.2. Acolhimento/programa de acolhimento inicial

A equipa técnica deve estar atenta a todos os sinais que possam surgir, interpretá-los e resolver, no imediato, situações que contribuam para reforçar o sofrimento da criança/jovem, respeitando sempre os tempos e a fragilidade emocional da mesma.

Relativamente ao programa de acolhimento inicial este deve ser realizado durante a primeira semana após a chegada da criança/jovem ao CAT que envolve: a designação do gestor de caso; a identificação e organização do espaço da criança; familiarização com os espaços coletivos do CAT; familiarização com os pares do CAT; familiarização com os adultos do CAT, bem como com os seus espaços de trabalho e as suas funções; conhecimento das regras e o modo de funcionamento do CAT pelas crianças/jovens e as suas famílias.

1.1.1.3. Avaliação Diagnóstica em Contexto Institucional

O prazo para a recolha das informações é de um mês e meio após o acolhimento. Esta avaliação tem como intuito: avaliar a adaptação da criança/jovem ao CAT, tendo em conta o seu estado emocional e comportamental; avaliar o comportamento da criança/jovem e a sua capacidade de adaptação e integração no CAT; realizar uma observação cuidada e que se efetue um levantamento e registo dos resultados da mesma.

No âmbito da avaliação da criança deve-se proceder ao registo na “grelha de observação da criança” ou “avaliação diagnóstica dos zero aos três meses” e “avaliação diagnóstica dos três aos seis meses” de acordo com a faixa etária da criança.

1.1.1.4. Elaboração do PSEI /Preparação da Saída da Instituição

Elaborar o Plano Socioeducativo Individual tem como base os objetivos identificados para cada criança e que consubstanciam as suas necessidades sociais e educativas. Assim, o PSEI deverá ser constituído por um ou mais projetos de intervenção, conforme as necessidades reconhecidas na avaliação diagnóstica. Relativamente à aprovação do mesmo pretende-se que este depois de elaborado pela equipa técnica, sob supervisão do psicólogo, seja conduzido à consideração do Coordenador Técnico e por ele aprovado. Já no que concerne à avaliação do PSEI, são tidos em consideração: as informações diárias do responsável pela criança; os relatórios e informações relativas às atividades desenvolvidas no CAT; os relatórios e informações provenientes de outras instituições.

A preparação da Saída da Instituição é um projeto de preparação para saída das crianças e dos jovens da instituição que faz parte do PSEI e é regulada por uma medida de promoção e proteção através de um enquadramento jurídico.

Trata-se de uma instrução de trabalho fundamental que deverá ser alvo de intervenção ao longo de todo o período de acolhimento, já que saída do CAT deverá ser iniciada desde o primeiro dia de acolhimento. Será uma intervenção cuidada e planeada visto que abrange muitos mais fatores que não apenas a saída física da criança da instituição.

1.1.1.5. Função do Psicólogo e do estagiário segundo a instituição

Função do Psicólogo

Ser Psicólogo na APAC é poder proporcionar aos utentes e às suas famílias qualidade de vida e assegurar que os objetivos de intervenção sejam atingidos. Contudo, ser psicólogo é proporcionar mais, nesse sentido a tabela em anexo apresenta as funções que o Psicólogo exerce na instituição.

Função do estagiário

No que concerne às tarefas a desempenhar pelo estagiário, a instituição pretende que de acordo com o âmbito do estágio, que este cumpra integralmente com o protocolado com a Instituição formadora; que mantenha sigilo sobre as informações relativas à Instituição, colaboradores/fornecedores, Direção, quer com colaboradores/ fornecedores, quer com clientes, quer com pessoas externas à Instituição; que cumpra o Regulamento Interno da Valência e o Regulamento Geral da Instituição.

2. Atividade Desenvolvidas em Âmbito de Estágio Curricular

O CAT, como supramencionado, ressalva que o papel do psicólogo se debruce numa multiplicidade de tarefas e desafios. Deste modo, a realização do estágio permitiu que a experiência fosse diversificada, enriquecendo-a, não apenas pelas atividades empreendidas como pelas competências adquiridas, indo para além das expectativas que tinha inicialmente. Seguidamente serão expostas sucintamente as atividades levadas a cabo durante todo o estágio.

2.1. Observação e Entrevista Semi-Estruturada

É muito importante sermos nós o primeiro instrumento (Como sublinha a perspetiva da 2ª cibernética referindo a importância do observador que passou a ser visto como parte do mundo sendo a realidade a construção do observador (Filomeno,2002)), refletir, saber estar e observar. Quando estamos a avaliar ou a observar, não devemos esquecer que também estamos a ser avaliados e observados, ao longo da nossa vida temos um duplo papel: somos observadores e somos observados. Nesse sentido nunca deve ser esquecido que é através do olhar que podemos compreender o outro, mas também podemos ser aceites ou não pelo outro.

O primeiro método utilizado no estágio, foi a observação que foi realizada ao longo de todo o estágio mas que foi mais intensificada durante os primeiros 3 meses observando os participantes no contexto quotidiano da instituição de forma a permitir identificar as dinâmicas e assim ter um maior conhecimento da realidade da mesma.

Esta observação foi registada em anotações diárias pela estagiária de forma a poderem ser analisadas por si e pela sua supervisora Doutora Fabrizia Raguso. Estas anotações de alguma forma auxiliaram a estagiária a poder observar possíveis necessidades diárias na instituição.

Neste sentido, ao longo dos primeiros meses de estágio foi possível observar o trabalho de cada valência da APAC (como reunião do RSI, trabalho dos utentes no CAO, consulta de psicologia na APAC).

Quanto ao CAT ao longo do estágio foi possível observar algumas reuniões de equipa, reuniões com a CPCJ, algumas consultas de psicologia (avaliações, como desenho da família, Griffiths, o genograma), alguns acolhimentos (dia do acolhimento de uma criança e respetiva formalidade, com CPCJ e por vezes família), despedidas de crianças (quando a medida é encerrada pelo tribunal, os procedimentos a realizar e como é trabalhado esse momento com a

crianças e o grupo de crianças que continuará no CAT, bem como a equipa técnica) e visitas domiciliárias.

Nesta metodologia que é a observação, o principal instrumento é o próprio investigador, por esse motivo é necessário ter em conta que o mesmo esteja o mais entregue e disponível possível neste trabalho, e foi isso que ao longo do estágio se sucedeu, a maior entrega possível a todos os trabalhos que eram solicitados e uma grande receptividade em aprender.

A segunda metodologia utilizada foi a entrevista semi-estruturada (anexo IV) aplicada a todos os técnicos e colaboradores do CAT, com o intuito de poder identificar as principais necessidades da instituição junto daqueles que fazem e têm um maior conhecimento das mesmas. A escolha desta metodologia deveu-se por ser um instrumento rápido e eficiente, mas também por ser um instrumento com perguntas abertas e capaz de se poder acrescentar questões ou aprofundar respostas realizadas pelos participantes. Não esquecendo contudo que paralelamente à entrevista semi-estruturada foi construído um consentimento informado (anexo V) de forma a ser entregue no momento da aplicação da entrevista.

Após a aplicação das entrevistas a todos os técnicos e colaboradores do CAT, juntamente com as notas de observação diárias e através da transcrição de todas as entrevistas, foi possível compreender de uma forma mais clara os dados recolhidos e ter de um formato mais organizado a apresentação das necessidades.

2.2. Identificação das necessidades

As principais necessidades que conseguimos identificar nestes três meses de observação e de aplicação das entrevistas e posterior transcrição das mesmas, podem ser divididas em dois tipos: 1) a necessidade de um maior conhecimento dos colaboradores acerca do acolhimento, de forma a poderem elaborar um conjunto de estratégias/dinâmicas de apoio que sejam facilitadoras da integração da criança na instituição e reflexão sobre as famílias e como podem trabalhar e facilitar a comunicação com as mesmas, para que o acolhimento seja da criança mas também da família; 2) construir um espaço onde fosse possível às crianças refletirem/falarem da sua experiência de afastamento das famílias e a permanência delas na instituição mas, contudo ter em atenção a diversas e distintas idades existentes.

Estas duas necessidades foram identificadas, após a transcrição das entrevistas e sucessivamente a construção de uma tabela estruturada para que as necessidades fossem de fácil compreensão. Esta tabela teve como intuito identificar as necessidades e estrutura-las a

fim de após esta organização termos acesso às áreas que seriam alvo da nossa intervenção, tanto para a ação de formação como a intervenção em grupo.

Tabela 1. *Principais necessidades encontradas*

<i>Benefícios no CAT</i>	<i>Limitações no CAT</i>
-Oportunidade de ajudar e proporcionar amparo na vida das crianças que entram no CAT; -Ser uma instituição pequena permite trabalhar com todos os utentes e as suas famílias, criando um contato mais próximo e direto; -Proporcionar proteção e bem-estar à criança; -Um espaço familiar, que procura ser um espaço de facilitação do bem-estar e do desenvolvimento emocional das crianças.	-Horários não rotativos (muito tempo só à noite ou só de dia); -Dificuldade em implementar novas atividades; -As crianças verem os técnicos como figura de poder o que pode por em causa a confiança desejável entre técnico e criança; -O trabalho com as famílias nem sempre é o adequado (criar um espaço terapêutico em que fosse um espaço para estas famílias);
<i>Equipa de Trabalho/ Relações com as crianças</i>	<i>Papel do Psicólogo</i>
-Necessidade de mais formações; -Necessidade de saber como comunicar e trabalhar com famílias e crianças multiproblemáticas; -Dificuldade na organização após a entrada de uma nova criança; -Dificuldade em implementar e organizar novas atividades; -Dificuldade na despedida a uma criança;	-O trabalho com as famílias nem sempre é o adequado; -Necessidade de criar um espaço de reflexão em grupos (contudo a discrepância nas idades dificulta);

Relativamente aos colaboradores, pareceu-nos fundamental que se investisse na sua formação, para promover a reflexão sobre o acolhimento de forma a poderem ter oportunidade de pensarem sobre a importância que este tem relativamente à integração facilitadora ou não da criança na instituição, além da construção de estratégias/dinâmicas (a implementar tanto na primeira/segunda semana do acolhimento como ao longo do acolhimento da criança) que podem ser úteis para que de alguma forma a criança se sinta acolhida por todos os que colaboram no CAT, sendo deste modo importante criar algumas

reflexões, tarefas em grupo de forma a poderem dar a devida importância ao acolhimento, à família e à criança. Para além desta formação focalizar o acolhimento, a família, as crianças, será importante sensibilizar as colaboradoras que as mesmas são figuras de referência, são elas que cuidam, que educam e nesse sentido é importante que as mesmas se consciencializem do mesmo e que trabalhem e se apoiem enquanto grupo.

Quanto às crianças, é fundamental intervir com elas para que estas sejam ouvidas sobre o seu afastamento relativamente à sua família, onde sabemos que independentemente dos maus tratos e de porem em risco a criança, são pais, avós, tios, são familiares e fazem parte da vida e da história da criança. Neste sentido, podemos de alguma forma disponibilizar um espaço de escuta, de partilha e uma melhor adaptação e compreensão à sua nova realidade que pode ser temporária ou não. Por outro lado seria fundamental dar mais importância ao núcleo familiar destas crianças ou seja, não só falar do pai e mãe, mas também dos tios, avós, primos, para que este compreenda que independentemente da dificuldade e do afastamento dos seus pais esta criança tem uma família.

3. Atividades Implementadas

A partir do trabalho de observação e consequentemente a implementação das entrevistas semi-estruturadas e as suas interpretações, achamos pertinente estabelecer como prioridade a criação de um programa de intervenção em grupo com as crianças do CAT, uma ação de formação de sensibilização aos colaboradores do CAT e um acompanhamento de Psicologia com a supervisão da Dr.^a Fabrizia Raguso, bem como a orientação da Dr.^a Vânia Gonçalves. Seguidamente serão expostas as intervenções levadas a cabo durante todo o estágio.

3.1. Intervenção em Grupo – objetivos; população alvo e constituição dos grupos

Decorrente da atividade de observação e de estabelecimento de prioridades, criou-se primeiramente uma intervenção em grupo. Esta intervenção visou responder a uma das necessidades evidenciadas nas entrevistas semi-estruturadas.

Tínhamos como objetivo fomentar a reflexão acerca do afastamento das crianças, relativamente às suas famílias e de igual modo sobre a sua permanência na instituição. Por esse motivo a prioridade da instituição e objetivo geral é propiciar às crianças do CAT um espaço de reflexão onde possam dialogar, desenhar e realizar outras atividades que ajudem a se expressarem, interiorizarem e integrarem a experiência de afastamento da família, e a consequente vivência da institucionalização. Recorremos ao longo deste percurso ao uso de tarefas/atividades como o *Genograma* e o *Desenho Livre*, sendo eles instrumentos expressivos com os quais pretendíamos favorecer a compreensão por parte das crianças das suas relações familiares e apoiar a sua integração na Instituição. Ao mesmo tempo, a reflexão desenvolvida em grupo e pessoalmente sobre esta fase da sua vida, permitiria favorecer a construção e realização do projeto pessoal de reintegração no seu contexto natural de vida.

Já a nível de objetivos específicos pretendíamos: Proporcionar às crianças um melhor entendimento relativamente à sua experiência na instituição; Proporcionar às crianças uma melhor capacidade de resiliência face às suas experiências de vida; Proporcionar através de jogos¹ uma maior coesão no grupo e permitir com um elemento faz de conta dramatizar desejos, medos e experiências dolorosas através de palavras e ações; Dar a compreender através de atividades que juntos se podem apoiar, pois estão todos na mesma situação.

¹ O jogo do “faz-de- conta” ou jogo simbólico incide na competência da criança transformar um objeto em outro, não relacionado com o primeiro, ou de recriar ações que se concretizaram no quotidiano, oferecendo-lhe uma resolução diferente. O “faz de conta” caracteriza-se dentro do contexto imaginário pela exploração e significado do mundo, em termos de imagens e símbolos e a capacidade de compreender situações, (Vygotsky & Cole, 1978; Piaget & Inhelder, 1979; cit in Cerqueira, 2012).

Os intervenientes foram todas as crianças acolhidas no CAT. Este critério de inclusão justificou-se pelo facto de serem um grupo pequeno constituído por apenas 9 crianças. Desta forma, foi possível intervir com todas elas de forma a auxiliar essas mesmas crianças relativamente às suas experiências vividas. Contudo, 2 das 9 crianças não participaram nesta intervenção por não cumprirem os requisitos mínimos de idade (com apenas 2 anos de idade²). Os intervenientes foram assim divididos em dois grupos homogêneos por quanto possível respeito à idade. O primeiro grupo foi constituído pelas crianças de idade compreendida entre os 9 e os 15 anos (3 pré-adolescentes – duas do sexo feminino e uma do sexo masculino, contudo devido à saída de uma das crianças do sexo feminino o grupo ficou reduzido a duas crianças); o segundo grupo foi integrado pelas crianças de idade compreendida entre os 4 e os 6 anos (4 crianças do sexo feminino).

3.1.1. Fundamentação Teórica

Segundo Guedeney e Guedeney (2004), a teoria da vinculação sobrevém como um conceito chave na segunda metade do século XX, na psicologia e na psicopatologia. Poucas são as teorias que tiveram um impacto e uma capacidade de estimulação acerca da sua investigação, relativamente ao comportamento social e relacional da criança, explicação de fenómenos de transmissão entre gerações e tanta dinâmica evolutiva. Os mesmos autores salientam ainda, que esta teoria nasceu devido às separações violentas e às carências precoces, num dédalo dos contributos de várias áreas tais como, a psicanálise, a etologia, as ciências cognitivas, a informática e cibernética (contributos de observação, reconstrução e da narração).

Bowlby em 1950 e 1954 com os seus estudos concluiu que, as crianças se fossem separadas da mãe, eram expostas a uma carga de stress, defendendo assim, que as crianças institucionalizadas eram afetadas no seu desenvolvimento, resultante da falta de interação com a sua figura materna (Ainsworth & Bowlby, 1991; Hazan & Shaver, 1994; cit in Ganchinho, 2011). No fim dos anos 50 após John Bowlby redigir a obra “A natureza da ligação da criança com a mãe”, começa-se a refletir sobre o conceito de “vinculação”, definido como diferente da dependência, sendo que o seu objetivo é favorecer a sobrevivência e não suscitar o amor (Guedeney e Guedeney, 2004).

² Dois anos de idade é marcado pelo início da tomada de consciência de si próprio, do seu corpo, dos seus movimentos corporais e pela construção das primeiras frases, por esse motivo não seria viável uma intervenção com estas duas crianças (Vinogradov & Yalom, 2012).

Relativamente à experiência familiar dos indivíduos que desenvolvem uma vinculação segura esta é caracterizada pelo suporte parental, especialmente em situações difíceis, mas também pelo respeito pela sua individualidade, encorajamento da autonomia e comunicação aberta sobre as experiências de vinculação (Anjos, 2010; Cigarro, 2011). Deste modo, verifica-se que a vinculação é constituída por aspetos significativos para o desenvolvimento do ser humano, bem como para a formação de relações interpessoais. Importa assim salientar, que são as relações estabelecidas com aqueles que são mais próximos da criança, que contribuem de forma significativa para o seu desenvolvimento. Segundo Almaça (2009), as relações significativas podem ser fatores de risco ou de proteção, pois ora promovem o sentimento de segurança e a autoestima e concorrem para o bem-estar global do indivíduo, ora geram condições adversas de existência e implicam considerável sofrimento. Efetivamente, a natureza e a qualidade das relações emocionalmente significativas que ocorrem no período da infância, parecem influenciar o modo como o indivíduo irá estabelecer relações no futuro, neste sentido, a qualidade da vinculação parental demonstra ser fundamental para o jovem e para o adulto, que irá estabelecer novos vínculos no seu contexto (Sousa, 2010; Cigarro, 2011).

De acordo com Petrini (2003) *“os vínculos familiares realizam uma relação na qual a pessoa entra com a totalidade de sua existência, de seu temperamento, de suas capacidades e limites, diferentemente do que acontece com quase todos os outros ambientes da vida, nos quais se estabelecem relações parciais, limitadas a capacidades específicas, correspondentes a funções determinadas”*. A Família é assim um agente primário de socialização, é o palco do desenvolvimento humano, é a partir dela que se constroem histórias, tradições, valores. Por isso o desenvolvimento de cada indivíduo passa primeiramente pela família, pois a família é considerada fundamental para a construção de identidade individual e grupal do ser humano e que nunca nem ninguém se pode desligar dela.

Relativamente ao processo de socialização é uma tarefa fundamental de desenvolvimento da família. De facto, esta busca introduzir os filhos num contexto social mais extenso do que o seio familiar, auxiliando-os na construção de padrões de comportamentos socialmente aceites (Pacheco, Silveira & Schneider, 2008). É importante que durante a infância, os pais tenham como objetivo dirigir os comportamentos desses, de maneira a seguir determinados princípios morais e adquirirem atitudes que levem à autonomia e à responsabilidade.

As modificações nas relações entre pais e filhos resultantes das alterações pelas quais a família vem passando, têm conduzido a um crescente questionamento sobre o papel dos pais na educação dos seus filhos (Costa, Teixeira & Gomes, 2000). Neste sentido a instituição família, é encarada o lugar mais importante para o desenvolvimento dos laços afetivos do indivíduo, mesmo que não atenda aos padrões ideias estabelecidos pela sociedade (Rizinni, 2001; Sousa Peres, 2002, cit in Oriente & Sousa, 2005). Segundo Petrini (2003), o complexo simbólico da família é o primeiro cimento da sociedade e o primeiro ponto de auxílio. Neste sentido o mesmo autor refere ainda, que a família é tão importante que quando se está distante dela, esta continua a estar presente como uma realidade simbólica, na qual liga as pessoas entre si num projeto de vida. Rosa, Nascimento, Matos e Santos (2012) mencionam ainda, que a família é um importante microssistema no que diz respeito ao desenvolvimento de uma criança e adolescente, que tem como principal intuito oferecer segurança e proteção. Contudo, na impossibilidade de a família cumprir com o seu papel, existem medidas protetivas previstas no Estatuto da Criança e Adolescente (ECA,1990) que devem ser implementadas, como a colocação em instituições de acolhimento que passam a exercer um apoio fundamental no seu desenvolvimento.

Foi em meados do século XVII, que surgiu a institucionalização sob a defesa da proteção das crianças. Nesta época mesmo que tentassem garantir a sobrevivência das crianças abandonadas o índice de mortalidade infantil era elevado devido às precárias condições de saúde, higiene, além de que existiam registros históricos de crianças vendidas com o objetivo de servirem de escravos. Porém é de ressaltar a mudança no âmbito social e cultural que proporcionaram transformações quanto à forma de olhar e tratar crianças e adolescentes (Marzol, Bonafé & Yunes, 2012).

Relativamente à institucionalização como contexto de desenvolvimento infantil, é fundamental ter em conta três sistemas distintos mas interligados: o ambiente físico e social (estrutura, espaços, equipamentos, rotinas, dinâmicas), as crenças, valores e padrões de comportamento dos profissionais tais como os cuidadores habituais, os técnicos e outros indivíduos que interajam com as crianças (Calvancate, Magalhães & Pontes, 2007). A institucionalização atualmente é assim vista como uma medida de proteção utilizada sempre que os direitos das crianças e dos adolescentes estejam ameaçados ou violados. Esta medida leva a um afastamento da criança relativamente aos facilitadores da violência e/ou situação de risco, mas também a uma privação do convívio familiar (Siqueira, Tubino, Schwarz & Dell’Aglío, 2009). Neste sentido, o retorno ao convívio familiar deve ser promovido aquando

a família apresentar condições favoráveis para o retorno da criança/jovem, consolidando o caráter provisório da medida de institucionalização, visto que é direito fundamental de toda a criança e adolescente conviver em família e sociedade (Siqueira, Zoltowski, Giordani, Otero & Dell’Aglia, 2010).

Para a criança que é institucionalizada, o mundo que ela vivia, reconhecia muitas vezes conturbado e até perigoso deixa de existir (alguns casos temporariamente) tendo que substituí-lo pela instituição que a recebe onde abarca experiências de perdas como: dos seus referenciais de vida e desafios como associar novos referenciais. Assim, o mundo da criança que engloba o passado, o presente e o futuro ficam abalados, perdendo a sensação de segurança e controle em relação ao que lhe vai acontecer (Marin, 1999; Mazorra & Tinoco, 2001, cit in Tinoco & Franco, 2011). Deste modo, tanto para a criança, como para os pais e os profissionais a passagem pela institucionalização é complicada e intensa, pois engloba uma experiência de perda e adaptação a esta nova fase de vida como também envolve um processo de luto. Luto no sentido em que existe um rompimento de um vínculo e como tal subsiste um processo essencial de elaboração de uma perda onde a chave do sucesso passa pela possibilidade de elaboração dos lutos e reconstrução de vínculos sadios (Bowlby, 1993; Parkes, 1998).

Cabe assim à instituição proporcionar recursos para que a criança e adolescente possa encarar eventos negativos provenientes tanto das famílias como do mundo externo (Moré & Sperancetta, 2010). Olhando de uma forma positiva a institucionalização, uma vez que cria oportunidades de desenvolvimento e é uma parte integrante da rede de apoio social e afetivo da criança (Cavalcante, Magalhães & Pontes, 2007).

Os autores Siqueira, Tubino, Schwarz e Dell’Aglia (2009), salientam que são vários fatores de proteção, podem estar presentes na institucionalização, tais como acolhimento, compreensão e respeito das histórias individuais de cada um, vinculação afetiva entre funcionários e as crianças/jovens, sentimentos de proteção, melhoria nas condições físicas de moradia e alimentação, reinserção escolar. Uma relação significativa permite assim, cooperar na resiliência diminuindo os efeitos das adversidades (Alexandre & Vieira, 2004).

A compreensão e os estudos desenvolvidos ao longo dos últimos anos, do conceito de resiliência permitiram compreender algumas das características implícitas que possibilitem uma intervenção adequada nos casos em que se verifique a incapacidade de superação das adversidades de vida (problemas emocionais, desenvolvimentais, económicos e ambientais) (Goldstain & Brooks, 2005). Resiliência segundo Walsh (2012), é a aptidão de uma pessoa

recuperar da adversidade saindo fortalecida e com mais recursos, é um processo ativo de resistência, auto-correção e crescimento como resposta à crise e desafios da vida. Deste modo, em situações de desenvolvimento de risco, o suporte de uma figura de referência, ou seja um membro da equipa da instituição, podem ser fundamentais para que o processo de resiliência aconteça de forma a construir um fator protetivo e de confiança frente à vulnerabilidade (Wekerle et al., 2007, cit in Dalbem & Dell'Aglio, 2001).

É de ressaltar que existem ambientes facilitadores de resiliência nas instituições. Para que isso aconteça é fundamental que a instituição possibilite às crianças/adolescentes que se relacionem com os seus pares, com a equipa técnica e que sejam valorizadas, incentivadas a procurarem novas soluções para os obstáculos e desafios que vão surgindo nas suas vidas. Mas sobretudo, que a equipa incentive estas crianças e jovens institucionalizados a criarem sonhos e a construir caminhos que possam futuramente serem concretizados (Flach, 1991, cit in Sequeira, 2009).

Nesse sentido, pode ser útil incentivar a partilha em grupo. Grupo *per si* deriva do italiano e significa um conjunto, um número de pessoas que formam um todo, e que geralmente tem princípios, objetivos ou mesmo experiências em comum. De acordo com Tellegen (1984), do ponto de vista sistémico, entende-se um grupo, seja ele uma família, uma turma de uma escola, uma equipa de futebol, um grupo de trabalho, um grupo terapêutico, sempre que exista relações entre pessoas, papéis, atributos, funções, normas, padrões de comunicação. Seguindo este modelo sistémico temos a possibilidade de abranger as inter-relações entre as inúmeras dimensões que compõem um grupo - pessoais e interpessoais, conscientes e inconscientes, funcionais, institucionais e socio-culturais. Segundo Vinogradov e Yalom (1996), é ainda de salientar que num grupo é necessário que seja favorecida a coesão do mesmo e isso só é possível se os membros reconhecerem que será um grupo de apoio interpessoal e rico de informações. Os mesmos autores mencionam ainda que, se cada membro se considerar um potencial de ajuda e apoio para os outros, a experiência de grupo funcionará melhor. De acordo com Yalom (2006, cit in Soster, Neumann & Cardoso, 2013) coesão é contemplada de relevância social, pois mantém uma ligação de temas psicossociológicos como os de comunicação, conformidade, afiliação, liderança e poder. O sentimento de pertença faz parte de uma coesão que detém relação com a participação no grupo. Quanto maior é a coesão, menor será o abandono, deste modo o conceito chave para a constituição do grupo é a sua coesão.

Assim, estar em grupo, é ter a capacidade de escuta, de partilha, de compreensão, de construir uma experiência de sucesso entre todos.

3.1.2. Metodologia / Apresentação sucinta da estrutura das atividades

Sendo que os intervenientes foram divididos em dois grupos homogêneos por quanto possível respeito ao fator idade, a intervenção em grupo decorreu entre o dia 14 de Março de 2014 e o dia 14 de Abril, completando cada grupo 6 sessões no total. É de ressaltar que as sessões tiveram encontros com uma frequência semanal, as estruturas metodológicas de cada intervenção de grupo encontram-se em anexo.

Grupo de intervenção 4-6 anos (anexo VI)

A intervenção em grupo com o grupo de quatro crianças com idades compreendidas entre os 4 e 6 anos de idade teve sempre em atenção proporcionar dinâmicas apelativas e interativas para que as mesmas pudessem proporcionar uma reflexão consciente e/ou inconsciente dos temas a abordar.

Tabela 2. *Grupo de intervenção 4-6 anos de idade (estrutura/planificação das sessões)*

<i>Sessão</i>	<i>Objetivos gerais</i>	<i>Objetivos específicos</i>
Sessão nº1 – A união faz a força	1) Promover relação entre os participantes e o monitor do grupo (a estagiária); 2) Promover a coesão do grupo.	Apresentação do plano das atividades e seus objetivos; Motivar os participantes para o programa; Fortalecer as relações do grupo; Asseverar o respeito pelo grupo e pelas regras estabelecidas na intervenção em grupo.
Sessão nº2 – Nós conseguimos	1) Interiorização e a elaboração da experiência de acolhimento.	Proporcionar espaço de comunicação e escuta; Reflexão da experiência de acolhimento de cada criança.
Sessão nº3 – Quem são as nossas Famílias?	1) Compreender através do desenho e do diálogo o olhar que cada criança tem sobre as suas famílias.	Reflexão/ significado que cada criança dá à família; Interiorização/ Diálogo sobre o afastamento de cada criança às famílias.
Sessão nº4 – Quem está ao nosso lado?	1) Compreender/ Refletir o significado que as crianças dão ao CAT.	Proporcionar espaço de união entre o grupo; Reflexão sobre a importância do apoio/ amparo entre o grupo com a mesma situação de vida e com que as rodeia; Reflexão sobre o significado que o CAT tem para as crianças.
Sessão nº5- Somos Resilientes	1) Dar a conhecer a importância da resiliência/ trabalhar a resiliência.	Refletir sobre a importância da resiliência através da história da borboleta/árvore.
Sessão nº6 – Convívio	1) Avaliar o impacto que esta intervenção teve nas crianças.	Relembrar as actividades e o que cada uma significou para cada criança; Reflexão/ Interiorização das crianças sobre esta intervenção.

A sessão nº1 “A união faz a força”, tinha como objetivos gerais promover a relação entre as crianças e a monitora do grupo e a promoção da coesão do grupo. Os objetivos específicos visaram apresentar o plano de atividades e seus objetivos, motivar as crianças para o programa, fortalecer as relações entre os pares e garantir o respeito pelo grupo e pelas regras estabelecidas na intervenção. Esta primeira sessão foi marcada pela agitação do grupo, uma vez que na entrada para a sala as mesmas depararam-se com tintas e papel de cenário no chão. Por esse motivo houve alguma dificuldade em iniciar a sessão. Durante esta sessão foi explicado de uma forma bastante simples, sucinta e motivadora o programa e os seus objetivos. Após esse momento, seguiu-se a atividade da cartolina com as regras onde cada criança participou na atividade e refletiu sobre as mesmas com o auxílio dos pares e da monitora. Dando seguimento à sessão foi realizada uma dinâmica com bola que teve como intuito que cada criança se desse a conhecer mais de si. Esta dinâmica proporcionou um grande envolvimento do grupo e uma maior descontração. Para terminar a sessão nº1, apresentou-se através de alguns exemplos palavras que seriam importantes ao longo da intervenção, posteriormente houve um espaço de pintura livre com papel cenário, onde o grupo participou com bastante entusiasmo e onde demonstraram saber ser grupo, através de ajuda que proporcionavam aos pares.



Imagem 1. Regras.



Imagem 2. Desenho livre.

A sessão nº2 “ Nós conseguimos”, teve como objetivo geral a interiorização e a elaboração da experiência de acolhimento, e como objetivos específicos proporcionar espaço de comunicação e escuta, bem como a reflexão da experiência de acolhimento de cada criança. O encontro iniciou-se com a leitura de uma história que estava enquadrada no tema da institucionalização ou seja o afastamento às suas famílias, onde cada criança

teve de dar continuidade à história. A fim de proporcionar um momento de descontração após este momento, houve um espaço de dança e música onde as crianças dançaram e cantaram. No final da sessão foi narrada ao grupo uma nova história onde se falou do CAT- Casa dos sonhos e da institucionalização englobando o nome de cada criança do grupo, por fim as crianças realizaram um teatro sobre a última história.

A sessão nº3 “Quem são as nossas famílias?”, teve como objetivo geral compreender através do desenho e do diálogo o olhar que cada criança tem sobre as suas famílias e como objetivos específicos refletir e compreender o significado que cada criança dá à família, bem como interiorizar/ falar sobre o afastamento de cada criança às famílias. A sessão iniciou com a elaboração do desenho da família. Durante esta atividade proposta foi possível observar uma enorme entrega e concentração de cada criança no desenho. No final da realização dos desenhos, cada criança descreveu o seu. Após um momento de maior descontração novamente com dança e canto a sessão terminou com a apresentação de uma casa e uma família de bonecos em madeira, onde foi solicitado a cada criança que conta-se a história do seu desenho ou de outra família com os bonecos e a casa, projetando assim o significado do seu desenhos, das suas famílias.

Sessão nº4 “ Quem está ao nosso lado?”, teve como objetivo geral compreender e refletir o significado que as crianças dão ao CAT- casa dos sonhos. No que concerne aos objetivos específicos estes visaram proporcionar um espaço de união entre o grupo, reflexão sobre a importância do amparo entre o grupo com a mesma situação de vida e reflexão sobre o significado que a casa dos sonhos tem para cada criança. Num primeiro momento, foi realizado um jogo de bolas e do laço, onde as crianças poderão brincar, no fim deste jogo foi transmitido ao grupo a importância da ajuda dos amigos, do grupo perante as adversidades. Num segundo momento, passamos à visualização de um vídeo com vários excertos de personagens de desenhos animados da Disney, onde é retratada a importância de quem está ao nosso lado, quem nos ampara, quem nos apoia e à reflexão do mesmo, por parte de cada criança. O último momento desta sessão, depreendeu-se com a realização por parte de cada criança, de um desenho da casa dos sonhos, onde foi visível a interajuda e união do grupo. Terminado a sessão nº4 com a descrição por parte das crianças sobre os seus desenhos.

Sessão nº5 “Somos Resilientes!”, teve como objetivo geral dar a compreender a importância da resiliência/ trabalhar a resiliência e como objetivo específico refletir sobre a importância da resiliência através da história da borboleta/árvore. Demos então início á sessão com a narração da história “ A lição da borboleta” com a ajuda do suporte informático mas uma forma breve para que o grupo interiorizasse a sua mensagem (a lagarta após um homem ter aberto o seu casulo, ficou doente, mas após algum tempo conseguiu recuperar tornando-se um linda borboleta). Num segundo momento e dando continuidade à interiorização sobre a resiliência apresentamos ao grupo a imagem da árvore e solicitamos que a pintassem. Após algum tempo, reuniu-se o grupo à volta da imagem e mencionamos *esta árvore tem folhas mas por vezes por causa do tempo elas caem ficando mais fragilizada, mas quando voltam a nascer a árvore ganha nova vida e força, por isso vou vos entregar duas folhas a cada uma e vocês vão pinta-las e colá-las ajudando assim a árvore a ficar mais forte*. Foi então que se entregou a cada criança duas folhas para pintarem, no fim desta atividade cada criança colou as suas folhas no desenho da árvore. Para terminar esta sessão, reforçamos a ideia que é como a situação que estão a passar, por vezes ficam doentes, estão longe das famílias mas um dia tudo fica melhor e terão forças para enfrentar os desafios com a ajuda de quem as rodeia. Dando um espaço de reflexão às crianças sobre a história da borboleta e da árvore.

Sessão nº6 “Convívio”, foi inteiramente destinada a avaliar o impacto que esta intervenção teve nas crianças, tendo como objetivos específicos relembrar as atividades elaboradas ao longo das sessões e o que significou para cada criança, bem como a reflexão e interiorização sobre esta intervenção. Nesta sessão estava presente na sala todos os trabalhos realizados por cada criança ao longo da intervenção. Nesta sessão começamos por abrir um espaço de reflexão sobre as atividades que o grupo realizou. Este momento foi um pouco agitado, por parte do grupo uma vez que todas queriam falar das atividades ao mesmo tempo, contudo após alguns minutos o grupo estabilizou e assim cada criança falou acerca das atividades realizadas. Por fim, e de forma a terminar as atividades desta sessão, foi questionado ao grupo o que mais gostaram (onde a maioria expressou os desenhos da família) e posteriormente salientado a importância de serem fortes como a borboleta e a árvore, e que nunca se esquecessem que os momentos no CAT são importantes e que podem ajuda-las e ajudar as suas famílias. Para terminar esta intervenção foi realizado um lanche convívio.



Imagem 3. Trabalhos realizados ao longo de toda a intervenção em grupo.

Avaliação e Reflexão Pessoal

No que concerne à avaliação do programa de intervenção em grupo de 4-6 anos de idade, é importante iniciar a mesma referindo alguns aspetos de cada sessão de uma forma sintetizada. Deste modo, no que diz respeito à sessão nº1, esta apresentou uma falha logo no início da sessão, isto porque colocamos à vista as tintas e o papel cenário logo num primeiro momento o que fez com que o grupo demonstrasse alguma distração e agitação. Esta escolha deveu-se, a pensarmos ser mais difícil dar continuidade à sessão se tivéssemos de parar a mesma e preparar o momento da pintura. Outro aspeto menos conseguido, foi o das palavras uma vez que eram complexas e não tinham contacto visual com os exemplos apresentados. Ou seja, se os exemplos fossem apresentados de forma dinâmica através de desenhos animados no computador, talvez pudesse ter havido uma maior interiorização. Contudo, é de salientar que foi a primeira sessão de intervenção em grupo de idades bastantes precoces e foi com estas falhas que aprendemos e melhoramos. Relativamente à comunicação ao longo da sessão, esta foi sempre transmitida de uma forma simples e sucinta, o que implicou um enorme esforço da nossa parte. De uma forma geral consideramos que os objetivos foram atingidos, no entanto e como já foi referido algumas dinâmicas poderiam ter sido idealizadas de uma forma diferente. É ainda de referir, que o grupo pela agitação, destabilizou um pouco o ambiente que era pretendido, porém ao longo das atividades conseguimos cativar a suas atenções, nomeadamente com as apresentações com a bola e as regras com o “senhor lei”, onde demonstraram estar bastante atentas e a interiorizarem através das imagens. Quanto à nossa preparação para a sessão foi adequada, no entanto a ansiedade e o nervosismo estiveram patentes.

No que diz respeito à sessão nº2, somos da opinião que os objetivos não foram totalmente realizados com sucesso. Isto porque, um dos objetivos específicos era uma reflexão da experiência de acolhimento de cada criança, o que não se veio a concretizar

uma vez que, as crianças falaram não do acolhimento mas sim das suas casas. Neste sentido, pensamos que houve uma falha na construção da história, o que as conduziu para a reflexão da família e das suas casas. Contudo, é de salientar que a sessão proporcionou reflexões sobre a situação de vida de cada criança e reforçou a intencionalidade que cada uma tem em voltar para junto das suas famílias. No final da sessão apercebemo-nos desta falha e de alguma forma tentamos colmata-la. Narrando uma nova história com a experiência de quatro crianças no CAT, onde frisamos os seus próprios nomes de forma a poderem interiorizar. Estas histórias foram recebidas de forma positiva pelas crianças, sendo que as mesmas escolheram representa-la no espaço teatral no final da sessão. A primeira emoção que nos surgiu após o final da sessão, foi de total insucesso, mas após uma reflexão mais cuidada, independentemente do objetivo não ter sido realizado totalmente com sucesso, o que trabalhamos foi importante, uma vez que permitiu seguir as reflexões na sessão nº3 que estava previsto falar das suas famílias.

Em relação à sessão nº3, esta precisou ser reajustada após uma reflexão nos dias anterior à sessão. De facto, acrescentamos material de reflexão que fosse mais apelativo para o final da sessão. Nesse sentido, apresentamos um conjunto de bonecos (família – pai, mãe, filhos, avós e casa em madeira) com o intuito de poderem representar/projetar o seu olhar sobre as suas famílias, bem como criar uma história através dos desenhos das suas famílias. No que diz respeito à sessão propriamente dita, esta cumpriu com sucesso os objetivos pretendidos, ressalvando que houve uma entrega bastante positiva das crianças quanto às suas reflexões/significados, através dos desenhos, das descrições dos mesmos e através da representação com os bonecos e a casa sobre as suas histórias.

Na sessão nº 4, esta deparou-se inicialmente com uma dificuldade, uma vez que tivemos de modificar o local da sessão devido a obras na sala que estava estipulada para as intervenções. Por esse motivo a primeira atividade que foi realizada com bolas ficou um pouco aquém devido ao pouco espaço da sala, contudo teve o objetivo e impacto pretendido. No que diz respeito aos aspetos menos positivos nesta sessão, este deve-se ao vídeo uma vez que apresentou vários excertos de desenhos animados, o que fez com que algumas crianças não compreendessem o significado pretendido do vídeo. Nesse sentido e de forma a corrigir esta falha, voltamos a apresentar o vídeo fazendo ressalvas em algumas cenas, o que permitiu no final da atividade refletirem e compreenderem o significado da importância de quem está ao nosso lado e de quem nos apoia. Quanto à atividade do desenho sobre o CAT, o grupo concretizou de forma positiva, colmatando

a mesma com reflexões do que mais gostam e menos no CAT, não demonstrando qualquer receio em partilhar.

A sessão nº5 decorreu conforme o planeado, o grupo aderiu de forma bastante positiva às atividades propostas, no entanto devemos ressaltar que no momento inicial da sessão o comportamento das crianças estava bastante alterado. Por esse motivo, antes de iniciarmos as atividades da sessão jogamos ao jogo do silêncio e da estátua de forma a asseverar um ambiente propício. Relativamente a esta sessão, podemos salientar que observamos um grupo mais dinâmico e capaz de interiorizar através de histórias o conceito de resiliência. O que podemos deste modo, mencionar que os objetivos foram cumpridos com sucesso. Porém, o tema da resiliência é bastante complexo, por esse motivo seria fundamental caso houvesse possibilidade dar continuidade a este tema com as crianças, através das histórias, de atividades, ou seja, este tema poderia ser alargado pelo menos por mais duas a três sessões.

No que concerne à sessão nº6, foi possível cumprir com sucesso os objetivos pretendidos, contudo salientamos que foi crucial no nosso ponto de vista a presença dos trabalhos na sala. Ao longo da reflexão dos trabalhos o grupo demonstrou satisfação por verem os seus trabalhos exposto, solicitando-nos para ficarem com os mesmos. Referimos ainda, que foi possível observar um grupo com vontade de falar sobre os seus trabalhos realizados na intervenção uma vez que no final dirigiram-se à Educadora do CAT e colaboradoras e apresentaram a importância nos seus trabalhos.

Após uma análise cuidada de cada uma das sessões podemos fazer algumas observações. A avaliação da intervenção com este grupo de crianças de 4-6 teve como resultado, uma vontade expressiva por parte das crianças em estarem na intervenção, quando o grupo partilhava “quando é que vamos fazer mais jogos” durante o período de intervenção, bem como até ao final da minha permanência no CAT. Contudo algumas crianças demonstraram dificuldade na partilha verbal em grupo/na reflexão. Foi unânime a positividade das atividades, dos desenhos, das pinturas, do teatro, as histórias da borboleta e da árvore e a reflexão a partir delas. Como pontos menos conseguidos devemos ressaltar, alguma complexidade em atividades e alguns objetivos não realizados com sucesso, como por exemplo a história criada por nós deveria ser mais simples e criar uma atividade que pudessem falar mais diretamente sobre o estarem longe de casa e o estarem a viver no CAT. Esta intervenção teria mais sucesso se houvesse um período mais alargado, ou seja, se cada tema fosse abordado durante três sessões passando às seguintes. Isto porque, sendo temas importantes e um pouco

complexos e sendo fundamental a interiorização dos mesmos e seus significados era de todo pertinente mais tempo visto a faixa etária do grupo.

Por tudo que foi referido e de uma forma geral, consideramos que o programa teve sucesso e impacto em cada criança, de facto as crianças aderiram de forma genuína a cada atividade e a esta intervenção e demonstraram e demonstram ainda hoje a vontade de participarem nestas dinâmicas. Quanto ao significado que dá-mos a esta intervenção, é de satisfação de termos conseguido concretizar esta intervenção, de termos desenvolvido novas competências e de sabermos-nos adaptar à população alvo, escutando, partilhando, refletindo e brincando.

Grupo de intervenção 9-15 anos (anexo VII)

O grupo 9-15 anos, numa primeira sessão foi constituído por três pré-adolescentes, contudo após a saída de uma dos pré-adolescentes do CAT, os intervenientes ficaram reduzidos a dois elementos, um do sexo masculino e outro do sexo feminino. Ao longo das sessões o nosso foco foi proporcionar essencialmente um espaço de reflexão, escuta e partilha.

Tabela 3. Grupo de intervenção 9-15 anos de idade (estrutura/planificação das sessões)

<i>Sessão</i>	<i>Objetivos gerais</i>	<i>Objetivos específicos</i>
Sessão nº1 – Quem somos?	1) Promover a relação entre os participantes e a monitora do grupo; 2) Promover a coesão do grupo; 3) Apresentar os objetivos de toda a intervenção e motivar para o envolvimento.	Apresentação do plano das atividades e os seus objetivos; Motivar os participantes para o programa; Fortalecer as relações do grupo; Asseverar o respeito pelo grupo e pelas regras estabelecidas na intervenção.
Sessão nº2 – Somos Resilientes!	1) Apresentar o conceito de resiliência.	Proporcionar um espaço de reflexão sobre a resiliência.
Sessão nº3 – Tu és mais forte!	1) Estimular a interiorização simbólica do conceito de resiliência.	Reflexão sobre a importância da resiliência no contexto de vida de cada pré-adolescente e adolescente.
Sessão nº4 – Quem é a minha família?	1) Reflexão sobre o núcleo familiar de cada participante (através do genograma); 2) Refletir sobre o que cada participante sente relativamente ao afastamento das suas famílias.	Reflexão sobre o significado que cada participante dá à sua família; Permitir um espaço de escuta e de partilha sobre as suas famílias; Reflexão e partilha sobre o afastamento das suas famílias.
Sessão nº5- Não estamos sozinhos!	1) Reconhecer e refletir sobre as “figuras” e relações na vida de cada um; 2) Compreender o sentido e a experiência de viver no CAT.	Refletir sobre a importância do amparo, do apoio e das “figuras” que as promovem; Refletir sobre que significado é que cada participante dá ao CAT, através de um desenho (símbolo).
Sessão nº6 – Convívio	1) Avaliar o impacto que esta intervenção teve nos participantes.	Relembrar as atividades e o que cada uma significou para cada participante; Reflexão dos participantes sobre o programa de intervenção. Avaliação dos participantes ao programa.

A sessão nº1 “Quem somos?”, teve como objetivos gerais a promoção da relação entre os participantes e a monitora de grupo e a coesão de grupo, bem como apresentar os objetivos de toda a intervenção e motivar para o envolvimento. Como objetivos específicos, apresentar o plano das atividades e os seus objetivos através de um panfleto ilustrativo motivando-os, fortalecer as relações do grupo e asseverar o respeito pelo grupo e pelas regras estabelecidas na intervenção em grupo. Relativamente à sessão a mesma iniciou-se com a apresentação dos objetivos das seis sessões de forma sucinta e motivadora, salientando a visualização de um filme, realização de jogos,

diálogo/reflexão sobre as suas famílias e a sua presença no CAT- casa dos sonhos. Depois houve lugar para a atividade da cartolina com as regras, onde em grupo tiveram de construir um conjunto de regras que pudessem garantir um bom funcionamento das seis sessões. No fim desta atividade foi-lhes solicitado que assinassem a cartolina a fim de se responsabilizarem perante as regras que criaram. Num terceiro momento, foi realizado a dinâmica “Este sou eu” onde levantamos algumas questões para reflexão individual, no final cada um tinha de partilhar as suas respostas com o restante grupo, este momento proporcionou um maior conhecimento entre os participantes. Para terminar a sessão nº1, criou-se um espaço de reflexão através do desenho e da palavra, ou seja, cada pré-adolescente perante algumas palavras no papel de cenário, deu o seu significado através de um desenho ou através de uma nova palavra. Esta atividade não só permitiu cooperação entre o grupo, como permitiu terminar a sessão num ambiente reflexão.

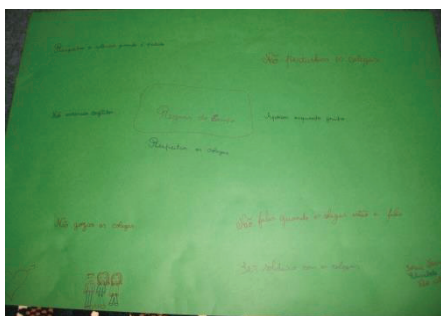


Imagem 4. Regras criadas pelo grupo.

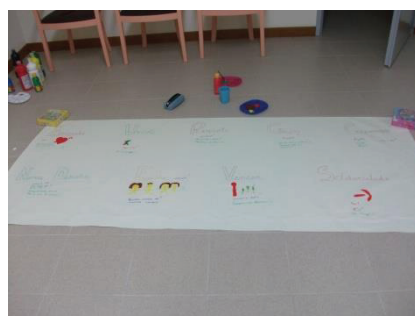


Imagem 5. Desenhos e palavras de reflexão.

Sessão nº2 “Somos Resilientes”, teve como objetivo geral apresentação do conceito de resiliência e como objetivo específico, proporcionar um espaço de reflexão sobre resiliência através da visualização de um filme. Nesta sessão é de salientar, que já não se encontrava um pré-adolescente devido á sua saída no CAT. Anteriormente ao início da sessão, foi dito aos dois elementos do grupo a saída do outro elemento, e lhes entregue cartas escritas pelo mesmo. Após este momento de mais tensão e alguns minutos, foi dado inicio a segunda sessão. Esta sessão, teve como atividade a visualização do desenho animado “Os Croods”. Este, é um filme ambientado onde existe uma família em plena era pré-histórica, eles vivem escondidos a maior parte do tempo dentro de uma caverna. São uma família liderada por um pai que receia o mundo exterior. Contudo, grandes transformações acontecem, pois um adolescente acaba por conhecer a jovem Guy sua filha e ele apresenta um incrível um novo mundo, para o

desespero do pai protetor. Agora, juntos acabam por enfrentar novos desafios e se adaptarem a uma nova e divertida era. Esta história demonstra a capacidade de resiliência da família Croods e é sobre estas mudanças e capacidades que falamos na sessão seguinte.

Sessão nº 3 “Tu és mais forte”, teve como objetivo geral estimular a interiorização simbólica do conceito de resiliência e como objetivo específico refletir sobre a importância da resiliência no contexto de vida de cada pré-adolescente. Começamos esta sessão por questionar ao grupo sobre o que se lembravam do filme, criando assim um ambiente de reflexão, de partilha e escuta. Após este momento, foi apresentado três excertos do filme, no final de cada um, os pré-adolescentes refletiram sobre os mesmos e partilharam os significados que consideraram. Dando seguimento à sessão foi-lhes mencionado o termo resiliência e o seu significado, referindo por fim que o filme retratava esse mesmo conceito. A seguir foi-lhes entregue a letra da música “Tu és mais forte- Boss Ac” e ouvimos em conjunto, no fim solicitamos que lessem e refletissem sobre a letra a fim de poderem encontrar o conceito de resiliência na música bem como nas suas vidas. De forma a terminar a sessão nº 3, narramos a história “a lição da borboleta” e criamos um espaço de reflexão sobre a mesma, onde cada um dos elementos do grupo partilhou a sua.

Sessão nº4 “Quem é a minha família?”, tinha como objetivos gerais a reflexão sobre o núcleo familiar de cada participante, através do genograma e refletir sobre o que cada participante sente quanto ao afastamento das suas famílias. No que concerne aos objetivos específicos estes visaram refletir sobre o significado que cada participante dá à sua família, permitir um espaço de escuta e de partilha sobre as suas famílias e refletir e partilhar sobre o afastamento das suas famílias. Começamos por solicitar aos participantes que mencionassem figuras (pessoas), situações das suas vidas onde poderia estar patente a resiliência. Estas reflexões e partilhas proporcionaram um momento de escuta entre os pares bem como deu a compreender que os mesmos já conseguiam identificar e compreender o conceito de resiliência. A segunda atividade consistiu em realizarem o seu genograma, permitindo deste modo que cada pré-adolescente entra-se no seu mundo familiar e percebesse a sua história. No fim desta atividade individual, cada um foi convidado a apresentar a sua família e a falar sobre o que mais gostavam de fazer e o que menos gostavam de fazer em família, o que gostaria

de fazer e que nunca fez em família e como se imagina na possibilidade do regresso a casa (o que mudaria). De forma a terminar esta sessão, foi realizada uma atividade das mãos, onde cada um teve de desenhar a sua mão direita e a sua mão esquerda e onde tiveram de colocar em cada dedo o que mais gostam na família e o que menos gostam. Esta atividade permitiu de alguma forma permitir um espaço seguro, onde cada um pudesse partilhar os seus sentimentos relativamente à sua família e se consciencializassem através da escrita/ do desenho.

Sessão nº5 “Não estamos sozinhos!”, os grandes objetivos desta sessão era reconhecer e refletir sobre as “figuras” e relações protetoras na vida de cada um e compreender o sentido e a experiência de viver no CAT. Tendo como objetivos específicos refletir sobre a importância do amparo, do apoio e das “figuras” que as promovem e refletir sobre que significado é que cada participante dá ao CAT, através de um desenho (símbolo). Esta sessão iniciou-se com a visualização de vídeo com vários excertos de personagens de desenhos animados, onde passa a mensagem que devemos dar importância a quem está do nosso lado, quem nos ampara, quem nos apoia. A partir deste vídeo, foi aberto um espaço de reflexão sobre a importância do amparo e das “figuras” e relações protetoras na vida de cada um, bem como do apoio que sentem onde vivem (CAT- casa dos sonhos). Num segundo momento foi visualizado um vídeo “ La Luna” e a sua reflexão. A mensagem que tentamos transmitir foi que é preciso reverenciar a história, mas é preciso que os jovens encontrem o seu próprio caminho e acreditem num futuro melhor independentemente dos desafios que lhes surjam. Por fim, solicitamos que cada participante desenhasse um símbolo da casa dos sonhos, onde tiveram de colocar: a maior fortaleza, aquilo que mais valorizam na casa dos sonhos, o que menos gostam, o desejo maior para a casa dos sonhos e o lema. Esta atividade permitiu a cada um refletir sobre o significado que dão à sua institucionalização, bem como à sua experiência de viver na casa dos sonhos. Terminando assim a 5ª sessão.

Sessão nº6 “Convívio”, foi inteiramente dedicada a avaliar o impacto que esta intervenção teve nos participantes. No que diz respeito aos objetivos específicos estes visaram relembrar as atividades e o que cada uma significou para cada participante, reflexão dos participantes sobre o programa de intervenção e avaliação do mesmo. Nesta sessão estiveram todas as atividades realizadas pelo grupo. De forma a dar início à sessão, foi questionado ao grupo sobre o que se lembravam das atividades que

realizaram, de forma a refletirem novamente de uma forma mais breve todos os temas abordados. Após este momento, perguntamos a cada participante a atividade que gostaram mais e que menos simpatizaram, esta atividade permitiu que cada um se pudesse expressar e partilhar as suas opiniões. Dando continuidade a esta reflexão/avaliação do grupo relativamente às atividades, foi-lhes entregue a avaliação do programa onde se uma forma geral foi uma avaliação positiva. Para terminar esta sessão, referimos a importância de serem resilientes e que este momento no CAT poderia ser uma oportunidade de melhoria para os seus futuros e das suas famílias. Finalizando a sessão e o programa de intervenção num lanche convívio.

Avaliação e Reflexão Pessoal

No que concerne à avaliação do programa de intervenção em grupo de 9-15 anos de idade, é importante começar a mesma mencionando alguns aspetos de cada sessão de uma forma sintetizada.

Relativamente à sessão nº1 deparamo-nos inicialmente com uma dificuldade, um dos pré-adolescente nomeadamente o mais velho evidenciou desinteresse em participar nesta intervenção, o que nos deixou sem saber reagir por alguns segundos. Contudo, após algum diálogo e reflexão, foi notório ao longo da sessão a aceitação e o interesse do mesmo. Na nossa opinião todas as atividades foram realizadas com sucesso uma vez que os objetivos pretendidos foram alcançados. Outro aspeto a ser mencionado, foi a participação ativa do grupo em todas as atividades e a cooperação dos pares nomeadamente na atividade das regras e na atividade das palavras no papel de cenário. Assim, atrevemo-nos a dizer que sendo esta sessão a primeira na nossa intervenção no CAT, a mesma correu com sucesso, independentemente de algum nervosismo e receio de fracassar. Porém se pudéssemos de alguma forma melhorar o que aconteceu nesta sessão, talvez dessemos um maior espaço de reflexão aos desenhos e palavras da última atividade, o que não se fez devido á falta de tempo. É ainda de ressaltar que o aspeto da confidencialidade foi sempre reforçado.

A sessão nº2, devido às emoções vivenciadas pela saída de uma criança do CAT (que fazia parte deste grupo de intervenção), o grupo demonstrava algum desinteresse em participar na sessão. Contudo, após saberem que seria a visualização de um filme o grupo demonstrou um comportamento mais animador. Ao longo da sessão houve um ambiente calmo e interessado pelo filme, mesmo sendo ele extenso. Relativamente a

esta sessão consideramos que foi bastante positiva não só porque foi uma atividade diferente, como também porque permitiu que houvesse uma descontração do grupo após alguma tensão.

No que concerne à sessão nº3, existiram algumas dificuldades da nossa parte, isto porque um dos elementos do grupo, demonstrou um comportamento retraído, timidez em falar sobre a atividade da música que estava relacionada com a sua vida e dificuldade na compreensão da história da borboleta. Após uma reflexão cuidadosa destas dificuldades no final da sessão, concluímos que foram resolvidas de forma positiva, uma vez que tentamos criar um ambiente mais agradável possível e animador, referimos a importância da partilha, partilhando na música reflexões nossas e no final da história sintetizamos a mesma de uma forma mais simples e sintetizada. É importante ainda mencionar, que não realizamos a última parte da sessão que estava planeada “os participantes refletissem sobre episódios, figuras, situações que favorecem a resiliência nas suas vidas”, pois achamos durante a última parte da sessão que faria sentido este momento no início da sessão seguinte, de forma a proporcionar uma reflexão desta sessão. Por tudo que foi referido salientamos que os objetivos pretendidos foram cumpridos positivamente.

A sessão nº 4 decorreu conforme o planeado mantendo o esquema previsto. É importante referirmos que foi a sessão que sentimos e vimos uma maior entrega por parte do grupo nas atividades, uma vontade de falarem e se expressarem. Tendo sido o tema central, as suas famílias pensamos que foi o motivo da necessidade de partilharem e de maior vontade em falarem das mesmas o que contribui para cumprir com sucesso os objetivos pretendidos. Ao longo da sessão, das reflexões e das respostas foi visível da nossa parte, o interesse do grupo em partilhar mais sobre a sua história e sobre a sua família, os momentos positivos como os menos positivos com eles, transmitindo a confiança do grupo e na monitora do grupo. Contudo, devemos mencionar que no final da sessão não realizamos a última atividade prevista de reflexão e partilha sobre o motivo pelo qual estão no CAT, porque não achamos pertinente terminar uma sessão que foi agradável e de alegria num momento de maior tensão e sofrimento.

Quanto à sessão nº 5, esta não foi realizada na sala prevista para as intervenções devido a obras, contudo esta situação foi resolvida atempadamente. No que diz respeito à sessão propriamente dita, foi possível cumprir positivamente os objetivos pretendidos. É fundamental mencionarmos que foi possível observar as interligações que os participantes fizeram dos temas abordados ao longo desta intervenção e as suas

reflexões, o que no nosso ponto de vista demonstra a capacidade de compreensão do grupo quanto aos objetivos gerais desta intervenção e a capacidade em interligar os temas das várias sessões realizadas. No que diz respeito às atividades desenvolvidas, estas foram úteis tanto para se consciencializarem de quem são as suas figuras de apoio, bem como poderem ter um espaço de escuta e de partilha sobre o significado e o sentimento de estarem no CAT (atividade enriquecedora tanto para os participantes como para nós, pois nos dada a possibilidade de olharmos o CAT com os seus olhos).

Relativamente à sessão nº6, cumprimos os objetivos pretendidos, nomeadamente o relembrar de todas as atividades desenvolvidas ao longo da intervenção e a partilha e reflexão sobre o programa, onde mencionaram a atividade que mais gostaram e a que menos gostaram. As atividades que mais gostaram debruçaram-se no filme, na música e na sessão sobre a família (genograma), por outro lado as atividades que menos gostaram foram a história da borboleta e o jogo “Este sou eu”. No que concerne à avaliação do programa, os resultados obtidos foram os seguintes:

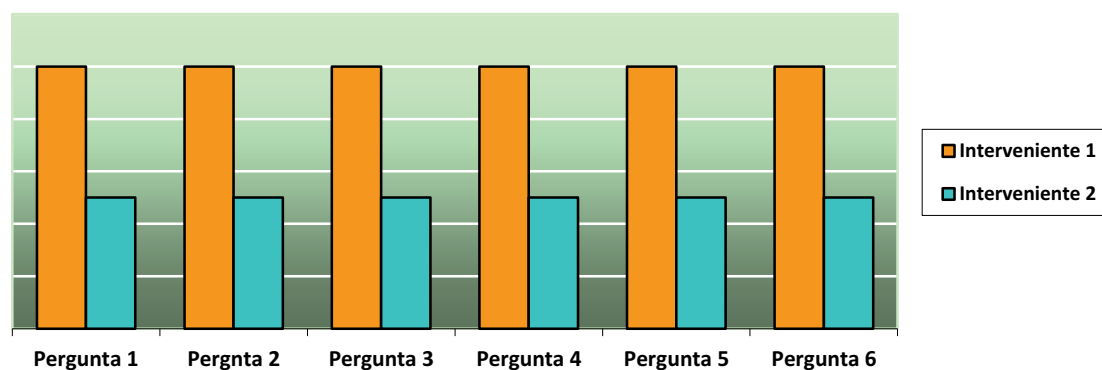


Gráfico 1. Avaliação do programa de intervenção (anexo VIII).

De um modo geral, a avaliação do programa de intervenção foi positiva, sendo que as avaliações dos intervenientes foram ao encontro do Satisfeito e Muito Satisfeito relativamente às perguntas de satisfação. Contudo, esta não foi a única avaliação realizada; após um mês do fim da intervenção, foi realizada uma entrevista (anexo IX) aos intervenientes de forma a poder avaliar o impacto da mesma. As respostas foram as seguintes:

Pergunta relativamente ao que foi mais importante e/ou intenso

↪ V. “ver o filme porque foi mais fácil perceber o que é a resiliência”;

S. “ falar de resiliência ajudou-me a ver as coisas negativas em coisas boas”;

Pergunta sobre as atividades/reflexões em que ajudaram para refletir na vida e às relações com as pessoas

-  V. “agora vejo de outra forma as coisas, sei que posso sobreviver de outra forma e estar com as pessoas que gostam a minha família”;
- S. “a pensar em coisas boas e a falar da minha família com os outros”.

Pergunta acerca das atividades/reflexões em que ajudaram nas atitudes perante a vida

-  V. “ ser...como se diz resiliente porque vejo que estou aqui para melhorar a minha vida agora é outra”;
- S. “ a ver que o CAT está a ajudar-me e à minha família ao tentar que eu volte para casa”.

Pergunta quanto à resiliência em que ajudou a refletir sobre a experiencia no CAT

-  V. “Vejo que me querem ajudar e antes não via isso, mas é difícil”;
- S. “ o CAT quer que as crianças voltem para casa delas e que as crianças aqui podem ser felizes”.

Pergunta de que forma foi importante falar das suas famílias

-  V. “ é sempre bom falar da minha família, gostava de estar com eles, mais do que estar aqui”;
- S. “ porque são importantes para mim e fico feliz ao falar deles, tenho muitas saudades de estar em casa”.

Quanto a uma avaliação geral e após estas avaliações, consideramos que esta intervenção poderia ter mais sucesso se houvesse um período mais alargado na intervenção com sessões e mais atividades. Isto porque, para estes pré-adolescentes falarem e interiorizarem sobre os temas como: as famílias, a resiliência, a institucionalização é necessário um bom tempo de acompanhamento/intervenção, e isso do nosso ponto de vista foi uma limitação. É ainda de ressaltar que é notória a capacidade de reflexão dos intervenientes sobre temas tão complexos e sobretudo a falarem e terem um olhar um pouco diferente sobre os mesmos. Relativamente aos

elementos do grupo observamos uma maior coesão entre os dois fora e dentro da intervenção, uma entrega sem receios sobre as suas reflexões e sobre os temas abordados, o que possibilitou nas últimas sessões sentirmos que a intervenção estava aos poucos a melhorar, quanto ao seu conteúdo.

Esta intervenção tornou-se uma mais-valia para nós, pois permitiu-nos crescer com eles, através das suas reflexões, olhar e sentir o que uma criança institucionalizada olha e sente, bem como permitiu-nos planificar e organizar sessões e objetivos adequados à população alvo. Contudo não podemos deixar de referir que esta intervenção com dois utentes teve as suas limitações, uma vez que não havia uma maior partilha de reflexões e conhecimento de diversas situações de outras crianças, e sentissem que era tudo direcionado aos mesmos. Ou seja, se fosse um grupo maior, os elementos conheciam mais histórias de vida, tinham mais reflexões, poderiam criar mais debates e não sentiriam esta intervenção tão centralizada neles mas sim para o grupo. Por outro lado, existe uma positividade por haver só dois elementos nesta intervenção, criou-se uma maior proximidade entre os membros, maior espaço na partilha das reflexões e uma maior coesão.

3.2. Ação de Formação “A importância do acolhimento. Percursos operacionais” - Objetivos e estrutura; População Alvo

Esta atividade de ação de formação visava apresentar a importância que o bom acolhimento institucional tem não só para a criança relativamente ao seu presente e ao seu futuro, mas também a importância que se deve dar às famílias da criança institucionalizada. Ao longo de três sessões foram apresentadas algumas características que devem ser trabalhadas no acolhimento não só com a criança, mas também enquanto equipa de colaboradores. Com o intuito de reforçar este trabalho foram criadas estratégias de apoio que auxiliem as colaboradoras no momento do acolhimento como também na adaptação da criança à instituição. As intervenientes foram todas as colaboradoras do Centro de Acolhimento Temporário (CAT).

Tínhamos como objetivos gerais, facultar às colaboradoras do CAT um maior conhecimento sobre as práticas de acolhimento através de uma base teórica e reflexões que enquanto equipa e enquanto grupo podem ajudar num maior bem-estar na criança acolhida. Já a nível de objetivos específicos pretendíamos: dar a conhecer o que o acolhimento implica numa criança e o que o grupo/equipa pode ajudar para que o acolhimento seja mais fácil para a criança/jovem; relacionar o conceito de resiliência

com o modelo relacional e o que pode ajudar num melhor relacionamento entre colaboradores e criança/jovem; construir estratégias de apoio que ajudem a criança numa melhor integração na instituição no dia do acolhimento e ao longo da sua adaptação.

3.2.2. Fundamentação Teórica

Segundo Cerqueira (2000), outrora, onde as sociedades olhavam para as crianças como “adultos em miniatura”, eram poucas as organizações de proteção à infância existentes. Estas eram descritas como instituições onde sobressaíam os sentimentos de caridade e assumiam uma postura paternalista, criando desta forma um lugar para as crianças órfãs e abandonadas, por períodos de tempo indeterminados, deixando assim de importunar aos olhos da sociedade consciência moral da mesma. Assim, foram muitas as instituições que surgiram em Portugal, mas foi nos primeiros anos do séc. XX que se afirmou um novo olhar sobre os direitos das crianças.

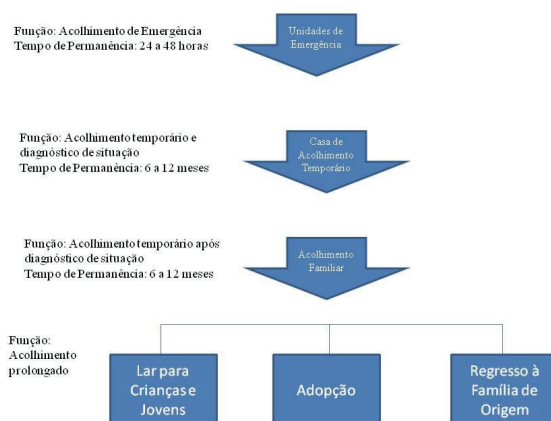
A criança como sujeito de direitos é algo que se encontra previsto na Declaração Universal dos Direitos da Criança, adoptada pela Assembleia-Geral Das Nações Unidas e aprovada pela Organização das Nações Unidas (O.N.U.) em 1989 e ratificada por Portugal a 12 de Setembro de 1990 (Declaração Universal dos Direitos das crianças – UNICEF Portugal). De acordo com a lei 147/99 de 01 de Setembro, que diz respeito ao sistema nacional de protecção de crianças de jovens em risco, subsiste uma intervenção por parte da Comissão de Protecção de Crianças e Jovens, onde prevalece o superior interesse da criança, ou seja, existem intervenções diretas ou indiretas onde se tem em conta os seus interesses e direitos (Ramião, 2007).

Relativamente à Lei de Protecção de Crianças e Jovens em Perigo, uma das medidas de promoção e protecção é o acolhimento de crianças e jovens em instituições no art. 49º onde refere “*consiste na colocação da criança ou jovem aos cuidados de uma entidade que disponha de instalações e equipamento de acolhimento permanente e de uma equipa técnica que lhes garanta os cuidados adequados às suas necessidades e lhes proporcionem condições que permitam a sua educação, bem-estar e desenvolvimento integral*”. Ainda segundo a mesma lei no art.53º menciona que “*as instituições de acolhimento funcionam em regime aberto e são organizadas em unidades que favoreçam uma relação afectiva do tipo familiar, uma vida diária personalizada e a integração na comunidade*”. Relativamente à família e/ou outros significativos, “*(...) podem visitar a criança ou o jovem, de acordo com os horários e*

as regras de funcionamento da instituição, salvo decisão judicial em contrário” (Diário da República –Isérie-A, 1999).

Segundo Ministério do Trabalho e da Solidariedade (2000), os lares de acolhimento de cariz decisivo para as crianças e jovens encontram-se no contexto do sistema nacional de acolhimento e acolhimento infantil e juvenil em condições de risco. Este sistema nacional, é realizado com o intuito de funcionar em rede (Anexo X).

(Anexo X)



Deste modo, segundo o Ministério do Trabalho e Solidariedade (2000) o acolhimento institucional potenciou o surgimento de um novo paradigma que resultou na necessidade de passar de uma intervenção assistencialista para uma intervenção técnica e terapêutica. Ao longo destes últimos 10 anos evoluiu-se de um acolhimento assistencial e macro institucional para um acolhimento do tipo familiar, especializado e em alguns casos terapêutico. O modelo familiar de acordo com Del Valle e Fuertes (2002), é caracterizado por instituições de pequena dimensão, com 8 a 12 crianças/jovens, que utiliza os recursos da comunidade (escola, serviços médicos, formação profissional) e que sobretudo privilegia a integração nas equipas de profissionais qualificados que iniciam uma intervenção terapêutica e profissional, propondo o desenvolvimento integral bio- psico –social da criança/jovem. Não esquecendo, que são instituições que garantem as portas constantemente abertas à família, havendo uma dinamização constante dos projetos de vida da criança/jovem com o intuito de estimularem a participação dos membros nestes projetos. Gomes (2010, p.14) refere ainda “*o trabalho com a família biológica é determinante, embora tantas vezes inglório. Mas é uma demonstração que tem de ser feita, para que nenhuma criança fique privada da sua família por uma mera circunstância ultrapassável*”, sendo por este motivo fundamental ao nível da intervenção precoce uma articulação entre os

sistemas de segurança social, saúde e educação, com o intuito de auxiliar a família a superar qualquer situação que a tenha separado do seu filho, salvaguardando o equilíbrio afetivo e emocional dos menores (Fernandes & Silva, 1996).

De acordo com Gomes (2010), o acolhimento institucional em Portugal tem sofrido diversas alterações positivas. Embora ainda em algumas instituições encontremos um elevado número de crianças e, conseqüentemente, uma enorme variedade de necessidades, os técnicos que fazem parte destas começam a evidenciar necessidades formativas para conseguir responder às características, cada vez mais complexas, das crianças/jovens acolhidas que provêm de realidades cada vez mais custosas. Simultaneamente, tem-se observado de acordo com o mesmo autor, uma apreensão crescente no que diz respeito à organização e sistematização da intervenção em acolhimento institucional. Porém, Alves (2007) salienta que se deve ter em conta a prevalência das dificuldades de comportamento das crianças e jovens que criam uma séria preocupação na sua institucionalização. Isto porque, segundo Bowlby (1951/1995) *“as crianças não são lousas das quais o passado pode ser apagado com uma esponja, e sim seres humanos, que carregam consigo suas experiências anteriores e cujo comportamento presente é profundamente influenciado por tudo o que se passou antes.”* Por esse motivo, deve-se ter em atenção que aquando a institucionalização a criança deve ter os mesmos direitos que de todas as crianças, sendo fundamental que todos os intervenientes neste processo os entendam e os interiorizem (Gomes, 2010).

Ainda de ressaltar que para a criança/jovem que se encontra afastada do meio familiar de origem, as pessoas que trabalham na instituição são para ela vistas como figuras de referência e agentes de confiança e segurança. Deste modo, os profissionais que integram equipas técnicas e educativas nas diversas instituições de acolhimento devem estabelecer uma relação de confiança e segurança, entre as crianças e profissionais, de modo a que se verifique respeito, disponibilidade, proteção, afetividade e compreensão. Mas também deve-se ter em conta, que estes profissionais sejam qualificados, empenhados e sobretudo terem uma atitude positiva e capacidade de lidar com situações de frustração, garantindo assim respostas individuais a cada criança/jovem, pois cada criança/jovem é único, não se podendo dar deste modo a mesma resposta a todas as crianças e jovens institucionalizados (Gomes, 2010).

São estes elementos significativos que muitas vezes são nomeados pela categoria de “tutores de desenvolvimento ou tutores de resiliência” que ajustam os elos de relacionamento recebidos e compreendidos pela criança/jovem, criando oportunidades

relacionais que podem propiciar sentidos de superação em situações de dificuldade (Marzol, Bonafé & Yunes, 2012).

O sentido ao processo resiliente depende da qualidade relacional, bem como a adaptação positiva e de um crescimento “por dentro e por fora” (Mota & Matos, 2008). Assim segundo Dorian (2003; cit in Vectore & Carvalho, 2008), é importante criar nas instituições ambientes mais positivos, com maior segurança e estabilidade e promotores de resiliência, o que significa proporcionar um local onde exista fatores de proteção para o desenvolvimento humano. Sendo que o termo resiliência tem como significado “superação” de crises e adversidades em indivíduos, grupos e organizações (Yunes, 2003). Ser resiliente é ter a capacidade de olhar para a adversidade como um desafio uma oportunidade. É saber lidar com os desafios, se adaptar e sobretudo crescer positivamente com os mesmos. Mais do que sobreviver é a capacidade de prosperar. Contudo, é necessário termos uma base apoio, assim é importante referir que a resiliência é sustentada em relacionamentos, isto é, para superar a adversidade, os indivíduos precisam de relações na sua vida/ figuras de referência que: acreditem no seu valor e potencial; afirme os seus pontos fortes, habilidades; inspire esperanças e sonhos; veja fracassos como oportunidades de aprendizado e crescimento (Walsh, 2013). O trabalho em equipa neste sentido é fundamental, pois assim permite partilhar informações e dúvidas, responsabilidades, garantir um maior suporte emocional de todos os trabalhadores, aumentando o sentimento de pertença, pois todas as equipas de cada instituição são importantes e nenhuma consegue funcionar bem sem a colaboração da outra (Manual de Boas Práticas – Um Guia para o acolhimento residencial das crianças e jovens, 2005).

3.2.3. Metodologia / Apresentação sucinta da estrutura das atividades

Esta formação teve lugar na Sala de Formações do CAT e desenvolveu-se a partir das principais necessidades formativas das colaboradoras. De forma a responder a estas necessidades, propusemos uma formação de três sessões, com um espaço quinzenal entre as mesmas. Esta ação de formação teve deste modo a duração de 4h30 minutos, tendo cada sessão a duração de 1h30 minutos e contou com a presença das oito colaboradoras. As estruturas metodológicas da ação de formação encontram-se em anexo (anexo XI).

É ainda de ressaltar que estas três sessões foram bastante práticas, uma vez que após algumas reflexões com o estagiário anterior João Maia, compreendemos que a

melhor forma de refletir com as mesmas seria com apresentações práticas, dinâmicas e várias interações.

Tabela 4. *Ação de Formação “A importância do acolhimento. Percursos operacionais” (estrutura/planificação das sessões)*

<i>Sessão</i>	<i>Objetivos gerais</i>	<i>Objetivos específicos</i>
Sessão nº1 – Fazemos parte de um bom acolhimento	1) Dar a conhecer o Programa de atividades aos colaboradores; 2) Compreender a importância do acolhimento.	Apresentação do plano das atividades e seus objetivos; Motivar os participantes para a formação; Reflexão sobre a importância do Acolhimento e o que implica numa criança.
Sessão nº2 – De mãos dadas	1) Introduzir a reflexão sobre a resiliência e tudo que a pode promover.	Refletir sobre a importância da coesão de uma equipa/grupo; Refletir sobre o conceito de resiliência e o que pode este conceito auxiliar as crianças institucionalizadas.
Sessão nº3 – Construir para fortalecer	1) Construir estratégias de apoio para o acolhimento institucional de uma criança; 2) Avaliação de toda a formação por parte dos colaboradores.	Partilha de reflexões /ideias sobre estratégias de apoio a serem construídas para o acolhimento; Realização de algumas ferramentas de apoio; Avaliação da formação.

Sessão nº1 “Fazemos parte de um bom acolhimento”, realizou-se no dia 25 de Março de 2014, onde se deu a conhecer o programa de atividades às colaboradoras, bem como refletir sobre a importância do acolhimento institucional e o que este implica numa criança. Começamos esta sessão, por apresentar em projeção e panfleto ilustrativo (anexo), a estruturação/ objetivos das três sessões da formação, onde foi possível refletir e dialogar sobre cada ponto. Após esta breve apresentação e reflexão, transmitimos que estas sessões não tinham o cariz educativo, ou seja, professora e alunas, mas sim que aquele espaço era com o intuito de poderem “parar e refletirem” sobre alguns aspetos dos seus trabalhos, a fim de melhorarem e ajudarem cada vez mais as crianças institucionalizadas. Num segundo momento, foi apresentado um vídeo “Bem-me-quer mal-me-quer” que transmitia que muitas crianças são vítimas de violência física e psicológica. No fim da visualização deste vídeo foi questionado ao grupo de colaboradoras como podiam enquadrar este tema ao acolhimento e ao CAT. Esta questão teve como intuito criar um espaço de reflexão, ou seja, consciencializar o grupo que as crianças com quem estão diariamente foram vítimas e que provavelmente quando

chegam perguntam-se onde estou? Quem são estas pessoas? Elas querem o meu bem? Ao longo desta reflexão foram levantados exemplo de crianças da instituição por parte da colaboradores o que criou um ambiente de partilha, escuta e reflexão.

Dando continuidade à sessão, apresentamos um vídeo com algumas imagens das colaboradoras e crianças do CAT, acompanhadas de frases que proporcionassem momentos de reflexão. Ao longo desta apresentação foi possível observar sorrisos, lágrimas, bem como comentários entre elementos sobre as imagens. No fim da visualização deste vídeo, lemos pausadamente cada frase que estava no vídeo, a fim de poderem refletir em conjunto o significado de cada uma delas. Esta atividade de reflexão, foi importante uma vez que se criou um espaço de partilha, onde deram exemplos, falaram de serem as figuras de referência, a importância do afeto e dos pequenos gestos e por vezes a dor e satisfação das despedidas. Para terminar esta reflexão referimos que são os pequenos gestos como o dar colo, o adormecer que são importantes para cada criança e que são elas (colaboradoras) que estão ao seu lado num dos momentos mais difíceis que é o estar longe das suas famílias. Contudo que nunca devíamos querer mudar a identidade das crianças, pois estas têm a sua história e que independentemente de tudo nunca deixarão de ter pai e mãe. Posteriormente a esta atividade, foi-lhes entregue em formato de papel a letra da música “Olha para mim-Mafalda Veiga” e de seguida ouvida. No fim, solicitamos que se dividissem em grupos e que refletissem sobre a letra e que tentassem interligar o tema do acolhimento, respondendo a algumas questões. Após as suas reflexões, foi aberto um espaço de partilha, onde foi colocado uma cartolina com o título bom acolhimento de forma a colocar as suas respostas e reflexões na cartolina. De forma a terminar esta sessão, apresentamos através da projeção algumas reflexões importantes sobre o acolhimento institucional, de forma a transmitir a importância deste numa criança, numa família, e até mesma na instituição, bem como a importância do trabalho em equipa/grupo.

Sessão nº 2 “ De mãos dadas”, realizada no dia 09 de Abril de 2014, teve como principal objetivo introduzir a reflexão sobre a resiliência e tudo aquilo que a pode promover. A sessão dividiu-se em duas partes: primeiramente, refletiu-se sobre a importância da coesão de uma equipa/grupo; posteriormente, refletiu-se sobre o conceito de resiliência e o que este conceito poderá auxiliar as crianças institucionalizadas.

A sessão iniciou-se com um resumo da sessão anterior, onde referimos as principais reflexões (a importância do acolhimento e alguns exemplos). Após este

momento, criamos um espaço para eventuais dúvidas que pudessem ter surgido, ou até mesmo reflexões que as formandas pretendessem partilhar. Dando continuidade à sessão, proporcionamos uma dinâmica ao grupo “de mãos dadas”, com o intuito de refletirem sobre a relevância da coesão do grupo. No fim, foi questionado que mensagem é que esta dinâmica transmitia, ao que o grupo responde a união. Para terminar esta reflexão foi apresentado um vídeo a fim de interiorizarem a importância da coesão do grupo. Num terceiro momento, começamos por questionar se conheciam o termo resiliência e o seu significado, de forma a criar alguma interação do grupo e iniciar a reflexão sobre o conceito. Para que o grupo pudesse interagir e refletir sobre o conceito dispersamos numa cadeira algumas frases com definições de resiliência e solicitamos que se dividissem em dois grupos e que cada um escolhesse uma frase e refletisse sobre a mesma. No fim das reflexões, foi-lhes proposto que um elemento de cada grupo lê-se a frase escolhida, que partilha-se as suas reflexões e colocassem em cartolina. De forma a dar continuidade ao tema resiliência propusemos uma nova reflexão sobre a música “Restolho – Mafalda Veiga” onde pudessem integrar os temas resiliência e acolhimento. Após as reflexões das colaboradoras houve um momento de partilha e escuta.

Terminando esta temática e para que o grupo interiorizasse o conceito de resiliência criamos duas novas dinâmicas, a dos palitos e da plasticina, onde no fim de cada uma houve uma reflexão e onde transmitimos que uma pessoa para ser resiliente requer apoio, isto é, que para podermos ajudar as crianças a serem resilientes ou até mesmo as próprias colaboradoras serem resilientes é importante terem apoio de outrem, porque só assim poderão ter forças e capacidades para enfrentarem novos desafios. E nada é igual, nenhum acolhimento, nenhuma criança e família é igual, por mais que tentem criar mudança nunca serão o que inicialmente eram, o importante é renascer de novo. Para terminar as atividades de grupo e reflexões, entregamos em forma de papel a história “a lição da borboleta”. Após o término da leitura por parte de uma das colaboradoras, foi solicitado que cada grupo refletisse sobre a mesma e a partilhasse. No final da ação de formação apresentamos em forma de PowerPoint algumas reflexões sobre a resiliência, bem como um vídeo com algumas imagens de ser resiliente. No fim entregamos às formandas a atividade do brasão familiar do CAT, para poderem criar até à última sessão de formação.

Sessão nº 3 “ Construir para fortalecer”, realizada no dia 23 de Abril de 2014, teve como objetivos gerais construir estratégias de apoio para o acolhimento institucional de

uma criança, bem como a avaliação da formação por parte dos colaboradores. Já no que concerne aos objetivos específicos estes visaram a partilha de ideias para criar estratégias de apoio para o acolhimento, a realização das mesmas e a avaliação da formação. Iniciamos a sessão com o pedido na partilha do trabalho para casa “Brasão Familiar do CAT”. Contudo, é de salientar que este trabalho não foi realizado por todas as colaboradoras justificando pela falta de tempo, sendo que ainda alguns dos trabalhos foram realizados em grupo (2 elementos). Após este momento de partilha, onde foi possível compreender o “olhar” que cada membro do grupo tem relativamente ao CAT, solicitamos ao grupo que realizassem em conjunto o Brasão final do CAT. Quanto à sua descrição as colaboradoras ressaltaram a importância de todas as equipas a trabalharem num só sentido. Bem como, podemos observar no desenho, segundo as mesmas uma criança a abraçar o CAT, onde está a equipa toda e o coração que simboliza o amor e entrega que cada uma transmite a cada criança.



Imagem 6. Brasão Familiar do CAT.

Após este momento, foi solicitado ao grupo que refletissem sobre como é que gostariam que as crianças olhassem para o CAT, ao que as respostas foram as seguintes: *Proteção, Conforto, Brincar, Ouvir, Ser Resiliente, Carinho, Amor, Mudança, Atenção, Ser criança e não olhar para as preocupações dos adultos.*

Dando continuidade à sessão, apresentamos um breve vídeo sobre a importância de partilharem ideias e de poderem uni-las para um bem melhor, sendo posteriormente aberto um espaço de reflexão sobre as necessidades do acolhimento, ou seja, as estratégias que poderiam ser realizadas para que houvesse um melhor acolhimento e um melhor conforto para a criança institucionalizada. Nesta atividade foi possível observar um grupo com carência em refletir/comunicar em conjunto sobre as dificuldades, as necessidades, as suas observações, revelando isso pela duração que esta atividade teve.

Quando às estratégias refletidas pelo grupo, encontram-se em anexo (). Posteriormente, e para terminar as atividades do grupo nesta sessão, foi solicitado que escrevessem numa cartolina o que mais gostaram de refletir e o gostaram de trabalhar, sendo as respostas: *mais união, partilha, concretização, companheirismo, acolhimento, resiliência, reflexão, força.*

De forma a terminar esta formação, foi entregue a cada colaboradora uma capa com todas as atividades realizadas durante as sessões, onde foi possível neste momento e de forma breve referimos o objetivo desta formação e mencionar alguns temas fundamentais da mesma. No fim, foi realizado um lanche convívio onde foram entregues os certificados e onde esteve presente a Psicóloga e orientadora do CAT, bem como a Educadora.

3.2.4. Avaliação e Reflexão Pessoal

A ação de formação foi realizada na sala de formação do CAT, em três datas distintas. Ao longo das três sessões foram várias as reflexões, os exemplos, as atividades que foram realizadas. Quanto à sessão nº1, foram desenvolvidas estratégias (vídeos, música, apresentação) que conduziram à reflexão sobre o tema do acolhimento. Proporcionamos espaços de reflexão e partilha das mesmas, onde as colaboradoras interligaram exemplos de crianças com temas que surgiam, sendo um dos pontos-chave desta sessão a capacidade que as colaboradoras tiveram em compreender a importância da interligação da teoria e reflexões com exemplos concretos. Relativamente à adesão do grupo às atividades, consideramos que para uma primeira sessão de formação, esta foi bastante positiva onde demonstraram interesse em participar. A dificuldade sentida na sessão e mais complicada de gerirmos foi relativamente a uma interrupção da sessão por parte de uma das colaboradoras, que solicitou falar sobre um episódio que acontecera no CAT, e que o grupo teria de assumir o erro. Nesse sentido não soubemos como reagir, tendo assim proporcionado esse espaço ao grupo. Aquando a nossa vontade de sair sendo que seria um momento do grupo, salientaram que não seria inoportuno a nossa presença. Foi possível assim, observarmos neste momento a não coesão de grupo e alguns receios por parte de cada elemento relativamente à situação. Após este momento complicado e não esperado, e de forma a poder dar continuidade à sessão interligamos a importância de serem grupo, a importância de assumirem os problemas e as felicitações como grupo, pois se um elemento falha, todo o grupo falha (o que seria referindo no fim da sessão). Desta forma e independentemente dos

acontecimentos, consideramos que nesta sessão foram realizados com sucesso os objetivos pretendidos.

Na sessão nº2, foram realizadas estratégias (frases, música, apresentação, vídeo, dinâmicas) que conduziram à reflexão e interação em grupo sobre a resiliência e tudo que isso envolvesse. Quanto à adesão do grupo às atividades, consideramos que demonstraram interesse, capacidade de reflexão e capacidade de correlacionarem os temas abordados na primeira e segunda sessão de formação. Este aspeto foi fundamental, uma vez as colaboradoras compreenderam que os temas abordados tinham um fio condutor e a partir daí conseguiram relacionar facilmente os temas à situação real do CAT. Contudo, o aspeto menos positivo prende-se pelo facto do tema resiliência ser tão complexo o que não possibilitou aprofundar mais este conceito, sendo apresentado assim de uma forma mais genérica.

No que diz respeito à sessão nº3 e última da ação de formação, foi uma sessão com bastante conteúdo, isto é nesta sessão observámos uma enorme reflexão do grupo sobre algumas necessidades e a forma como poderiam trabalhar para melhorá-las (o grupo demonstrou uma grande adesão à principal atividade da sessão e um grande envolvimento – criação de ferramentas de apoio). Contudo, salientamos que um dos objetivos gerais da sessão, a avaliação da formação não foi realizado, pela duração das reflexões no que concerne às ferramentas de apoio. Por esse motivo, consideramos pertinente que a avaliação fosse realizada por cada colaboradora em casa e num espaço pessoal, refletindo cuidadosamente sobre cada questão. Nesse sentido, solicitamos que cada colaboradora preenchesse ao longo da semana e posteriormente entregasse à estagiária. Outro aspeto menos conseguido, foi a duração determinada para esta sessão, isto porque foi possível observarmos a necessidade do grupo em comunicar sobre estes temas, contudo e pela falta de tempo não foi possível abordar mais alguns aspetos (sendo que salientamos na formação que estas necessidades deviam ser refletidas nas suas reuniões - uma ferramenta de apoio).

De acordo com a avaliação dos participantes (anexo XII), entregues após quinze dias do final da formação, podemos concluir que as respostas na generalidade foram as seguintes:

Pergunta sobre a formação em que ajudou a nível profissional

- ✓ Aumentou as competências
- ✓ Ajudou a compreender melhor o acolhimento

- ✓ Dar importância à resiliência
- ✓ Saber lidar melhor com as dificuldades
- ✓ Compreender melhor as crianças
- ✓ Valorizar o trabalho em equipa

Temas abordados foram ao encontro das necessidades/interesses

(Nota: todas as avaliações referiram positivamente a esta questão)

- ✓ Mais informação sobre o acolhimento
- ✓ Trabalho em equipa para uma maior eficácia
- ✓ Ser resilientes (colaboradoras e crianças)
- ✓ Refletir sobre a intervenção junto das crianças

Colaboração para melhor qualidade da formação

- ✓ Partilha da opinião/ dúvidas/ necessidades
- ✓ Escuta da opinião e intervenção dos outros
- ✓ Interagindo positivamente com o grupo
- ✓ Participação na formação individualmente e em grupo

De que forma a formação ajudou a proporcionar um melhor acolhimento

- ✓ Compreendendo que a criança é a prioridade
- ✓ Como devemos agir num acolhimento
- ✓ Que um erro no acolhimento pode prejudicar a adaptação da criança
- ✓ Proporcionando a resiliência às crianças e sermos resilientes
- ✓ Criando estratégias de apoio
- ✓ Compreendendo a angústia e a dor da criança
- ✓ A identificar erros dos acolhimentos já realizados

De que forma as estratégias de apoio podem ajudar no acolhimento

- ✓ Sabendo mais informações necessárias para trabalhar melhor com a criança
- ✓ Para contribuir para uma melhor adaptação e crescimento da criança
- ✓ Facilita o acolhimento para as crianças e para as colaboradoras

- ✓ Conseguimos ajudar com maior qualidade as necessidades da criança

Em que a formação contribuiu para uma maior coesão do grupo

- ✓ Ultrapassando vários obstáculos enquanto grupo
- ✓ Que o grupo só funciona se trabalharem todas em conjunto e para o mesmo lado
- ✓ Melhor comunicação/ colaboração/ esforço do grupo
- ✓ Maior união e reflexão do grupo
- ✓ Saber trabalhar em equipa

A melhorar na formação

(Nota: nesta questão foi unanime a não existência de aspetos negativos o que demonstrou a vontade do grupo em colaborar para uma melhor avaliação da formanda)

- ✓ Maior duração da formação devido a novas necessidades

Acrescentar algo à avaliação

- ✓ Somos parte do mundo destas crianças
- ✓ Foi uma mais-valia esta formação enquanto pessoa

Globalmente consideramos deste modo, que a ação de formação foi ao encontro dos objetivos no que concerne à sensibilização da necessidade de refletirem em grupo sobre o acolhimento, a institucionalização e a importância da resiliência nos seus trabalhos. O facto de não termos procurado “dar aulas”, nem dar respostas, mas pelo contrário, levantar questões que proporcionassem a reflexão pessoal e em grupo, foi muito positivo. Porque, quebrou o estereótipo das formações, de ouvir e responder mecanicamente e porque deu a oportunidade de refletirem, de partilharem, de ouvirem, de sentirem e de exprimirem as suas emoções e dificuldades. Consideramos também, que todas as dinâmicas foram o ponto-chave desta formação, isto porque com o dinamismo e interação prática, dos trabalhos em grupo, dos jogos, da visualização de vídeos, das músicas e das questões em aberto, facilitou-se fortalecer a reflexão de cada colaboradora.

Relativamente ao modo como nos sentimos na ação de formação, anteriormente ao dia da primeira sessão encontrávamo-nos ansiosos, receosos sobre eventuais dúvidas

ou questões que poderíamos não saber responder, contudo após os primeiros cinco minutos da sessão nº1 deixamo-nos levar pela brisa do saber que tínhamos realizado um trabalho positivo e que sabíamos que mesmo que errássemos iríamos aprender e muito. E hoje podemos dizer, que tivemos momentos menos positivos mas que foram com eles que aprendemos.

3.3. Acompanhamento Individual

Ao longo deste ano de estágio, foi possível observar alguns atendimentos individuais, sendo que estes estavam relacionados com a intervenção de cariz mais prático, como a elaboração do genograma e o desenho da família. No entanto, após a observação participante, foi concedida a possibilidade de atendimento individual com M.L.. Este acompanhamento foi inicialmente realizado pela Dr.^a Vânia Gonçalves mas com a nossa presença enquanto observadores. Contudo, após três encontros a observarmos e com a aprovação tanto da nossa orientadora local como da nossa supervisora começamos a conduzir os encontros, salientando todavia sempre com a supervisão da Dr.^a Vânia.

3.3.1. Descrição sucinta do pedido/motivo do acompanhamento

M.L. de 37 anos de idade, é encaminhada para o Serviço de Psicologia do CAT da APAC em resultado da avaliação diagnóstica inicial no que se refere à dinâmica relacional entre mãe e filho e à existência de disfuncionalidade nas práticas parentais. M.L., mãe de um jovem acolhido no Centro de Acolhimento Temporário, V. com 15 anos de idade.

3.3.2. História de vida

Proveniente de uma família com um nível sócio-económico desfavorecido e de uma fratria de oito irmãos, M.L. é a filha mais velha do sexo feminino. No momento atual, os seus pais encontram-se divorciados, embora continuam a coabitar. M. L. é responsável pelo acompanhamento dos seus pais, a sua mãe de 68 anos de idade e o seu pai de 75 anos de idade, com alguma dependência física por parte da sua mãe.

No momento da recolha de informação acerca da sua história de vida, M.L. apresentou-se em alguns momentos bastante tensa e emotiva, no entanto disponível em partilhar a sua história de vida.

Aquando da caracterização dos seus pais, M.L. descreve-os como um casal pouco afetivo e de relações conflituosas entre si e os próprios filhos; aspetos que estiveram na base da separação do casal (contudo continuaram a viver na mesma residência). De acordo com a mesma, as interações entre os seus progenitores e M.L. nunca foram afetuosas, mas sim alcançando mesmo um nível de agressão física e psicológica. O seu pai tem atualmente 75 anos de idade, apresentando um quadro de alcoolismo e de violência, já a sua mãe tem atualmente 68 anos de idade.

Relativamente à fratria, M.L. descreve relações de pouca proximidade com alguns dos seus irmãos, um dos motivos que fez com que subsistisse este afastamento, segundo M.L. está relacionado com o facto, do pai ser um indivíduo agressivo com os seus filhos, o que despoletou a saída dos mesmos e o afastamento. Contudo é de salientar que M.L. mantém uma relação positiva e afetiva com o seu irmão A. que atualmente viva na Angola (mantém uma relação significativa através de contactos telefónicos). Esta realça a sua irmã S. (madrinha do seu filho) descrevendo-a como o seu maior apoio emocional/afetivo. Por último o seu irmão mais novo P. de 29 anos que atualmente reside na Suíça (mantém uma relação significativa através de contactos telefónicos).

Aos 16 anos M.L. engravidou do seu namorado, com quem descreve uma relação pouco estável. Esta relação terminou, segundo a mesma, devido ao facto de ter sido uma gravidez não planeada e não desejada por parte do namorado: *“desapareceu e ainda bem, estava metido na droga, foi melhor para nós, mas claro tive de crescer à força”* (cit, M.L.). Quanto a esta gravidez (do seu filho F.), M.L. descreve este período como sendo difícil, quer pela desresponsabilização do companheiro, quer pelo facto da sua família não lhe garantir o apoio necessário nesse momento.

Acrescenta um outro fator que relembra, nesse período de tempo, como perturbador na sua história, um crime de homicídio cometido pelo seu progenitor, tendo a mesma testemunhado este momento com a presença do seu filho já nascido, bem como os restantes irmãos e progenitora. Atualmente refere que o progenitor justifica esse crime como um ato de proteção à sua família. Mas ela exprime discordância, pois o percebe como uma pessoa violenta e impulsiva. Na recordação destes episódios e sentimentos vivenciados, M.L. demonstrou-se emocionada e fragilizada, recordando-os como momentos perturbadores no seu desenvolvimento.

Vivendo uma situação de abandono emocional pelos elementos familiares, decide sair de casa e na companhia do seu filho optou por ir viver para a cidade de Barcelos, iniciando uma nova relação afetiva com um indivíduo do qual engravida de V. Pela

segunda vez, foi abandonada e surpreendida pelo facto desse indivíduo ser casado, não chegando sequer a assumir a paternidade. Em contrapartida, sentiu-se mais apoiada por parte dos seus pais e irmãos, que a confortaram perante esta nova situação.

Questionada acerca do seu percurso profissional, M.L. refere ter trabalhado no campo desde muito nova, iniciando um trabalho como operária fabril já nascidos os seus dois primeiros filhos. A mesma refere ainda que este trabalho como operária fabril não proporcionava muitos momentos com os seus filhos, ficando estes aos cuidados da avó e da tia materna. Neste trabalho, conhece o atual companheiro que na altura se encontrava casado e com duas filhas menores. Durante um ano desenvolveram uma relação mais próxima e decidem assumir a sua relação amorosa até à atualidade, referindo “*tinha o meu apoio e eu tive o meu abrigo*” (cit. M.L.). Desta relação nasceu a terceira filha de M.L. (M.) atualmente com 12 anos de idade.

M.L. recorda como episódio difícil da sua vida, o dia em que a sua mãe sofre um AVC. Este momento descreve-o como um acontecimento perturbador que terá provocado mudanças significativas na sua vida, nomeadamente a perda da sua autonomia familiar, pois foi necessário voltar a viver com os seus pais, chegando a referir “*voltei ao inferno, e tudo começou a piorar*” (cit. M.L.). Ao contrário da sua motivação, os seus três filhos e o companheiro demonstraram satisfação pela mudança.

Esta mudança, de acordo com M.L., fez com que a sua família nuclear sofresse transformações, sobretudo por parte do filho V.. Este começou a identificar como principal figura de referência o seu avô e não o seu companheiro que assumiu o papel parental e que identificava como pai, facto que considera como prejudicial na história de vida do V. dado que o mesmo deixou de perceber os progenitores como figuras de autoridade, desenvolvendo trajetórias desviantes e comportamentos desajustados nos diferentes contextos de vida que culminaram no processo de institucionalização.

3.3.3. Trabalho realizado nos acompanhamentos individuais

“A maneira pela qual intervimos durante a sessão de consulta – na verdade, a maneira como supervisiono em geral – tem origem na minha visão do encontro terapêutico. Está baseada em uma compreensão particular das pessoas e em por que elas se comportam da maneira como se comportam, com elas mudam e que tipo de contexto convida para uma mudança” (Minuchin, 2008).

Os acompanhamentos devem respeitar a individualidade de cada utente, premissa esta que sempre foi ressaltada nas nossas intervenções, desde as mais básicas competências: postura, comunicação à mediação entre a assertividade e a proximidade.

Embora o motivo da consulta inicialmente seja referente à dinâmica relacional entre mãe e filho e à existência de disfuncionalidade nas práticas parentais, é fundamental num primeiro momento conhecer a história de vida e familiar desta mãe. Num primeiro acompanhamento onde foi brevemente explorada a sua história de vida, com o intuito de melhor conhecer o seu percurso pessoal e familiar, M.L. evidenciou ter uma família que apresentava situações que a bibliografia considera multiproblemática, com dificuldades em diferenciar os seus papéis e definir fronteiras. Desta forma, surgiu a necessidade de consciencializar a mesma relativamente à sua história familiar, bem como a sua situação pessoal para que a compreenda, a interiorize e a aceite.

Assim, o segundo encontro teve como objetivo principal consciencializar M.L. sobre a qualidade das relações familiares, recorrendo à aplicação do genograma, que é um instrumento de observação das relações familiares e que ajuda os utentes a refletirem sobre as mesmas. Segundo Delage (2008), o genograma é a realização da árvore genealógica, ou seja, é uma representação gráfica que expõem o desenho ou mapa da família (Wendt & Crepaldi, 2007). Este instrumento representa pelo menos as últimas três gerações, permitindo deste modo avaliar as dinâmicas relacionais e o contexto histórico da família (Santos, 2008). Através deste instrumento, podemos conhecer melhor os processos de desenvolvimento familiar, a partir de uma representação gráfica rica de significados afetivos e indicações históricas (Andolfi, 2013). A aplicação do genograma decorreu ao longo de mais quatro encontros (o motivo pelo qual a aplicação do genograma foi mais extensa, deveu-se à necessidade que M.L. transmitia em descrever as suas relações aprofundadamente com cada membro da sua família. Neste sentido o 2º, 3º e 4º encontro foi a realização da descrição das suas relações, já o 5º foi a construção geral do seu genograma) (anexo XIII).

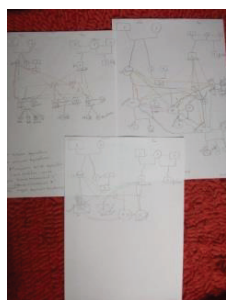


Imagem 7. 2/3 e 4º encontro.

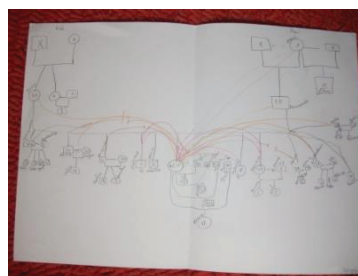


Imagem 8. Genograma completo de M.L.

Relativamente a este processo, M.L. demonstrou alguma dificuldade inicial na compreensão das instruções de como realizar o instrumento, no entanto após uma explicação mais acessível esta dificuldade resolveu-se. Deste modo, foi nos possível observar ao longo destes encontros que as relações entre os membros da família são disfuncionais, devido a alguns episódios que marcaram a sua infância e a dos seus irmãos (especificamente homicídio concretizado pelo pai e maus tratos). Os vários desafios, obstáculos que M.L. teve de atravessar fez com que a mesma transmita que “carrega” um sofrimento e tristeza ao longo da sua vida, impossível de “sara”. Como é o caso da impossibilidade que M.L. teve de não tocar/ nem conhecer a sua filha que foi dada para adoção, as mortes precoces de três irmãos, as várias tentativas de sair de casa com o intuito de se afastar da sua família que segundo a mesma não recebia qualquer afeto, as suas tentativas falhadas de relações amorosas para substituir a ausência de afeto por parte da família, as gravidezes precoces e fim de colmatar a ausência de afeto e mais presentemente a volta para a casa dos seus pais. Após M.L. refletir e se consciencializar através do genograma que poucas são as relações significativas na sua vida, que a disfuncionalidade dos seus pais enquanto casal e a não transferência de relações afetivas e coesas, fez com que possivelmente existisse estas relações conflituosas entre irmãos e sobretudo esta fragilidade que M.L. tem relativamente às suas relações, focalizamo-nos na sua família nuclear.

Neste sexto encontro, onde o objetivo era proporcionar a reflexão sobre a relação/ dinâmica de J. (atual companheiro) como pai e padrasto. M.L. relata que J. não foi um pai presente no que diz respeito à educação dos mesmos, contudo após a mudança e as dificuldades acentuadas (comportamentos desviantes por parte dos filhos), J. começou a aproximar-se do que era esperado por M.L., um pai presente, um pai que também educa e tenta ajudar na educação. Quando à relação de casal, a mesma refere a morar em casa dos pais, o ter de cuidar da mãe, o trabalho, os comportamentos dos filhos, fazem com que a relação entre ambos seja esquecida não tendo a verdadeira relação de casal. De forma a dar continuidade a esta reflexão no que concerne a família nuclear, consideramos pertinente no sétimo encontro proporcionar a M.L. um espaço de reflexão quanto à sua vida ou às suas escolhas, como filha, como mãe e como companheira. Neste encontro, foi patente a dificuldade de M.L. em falar de si e a notória carência de afeto por parte da mesma ao longo da sua vida, influenciando assim, a sua relação com os seus filhos. Isto porque, M.L. ressalva que basta apenas um gesto de carinho, que isso chega para dar tudo aos filhos, mesmo materialmente, que tenta

fazer de tudo para agradá-los, com o intuito de receber atenção e carinho dos mesmos, tentando preencher um vazio que os pais nunca lhe deram. Mostrando que não explora o seu verdadeiro papel como mãe, com receio de não ser aceite e perder os seus filhos. No último encontro (não sabíamos que seria o último), demos continuidade a reflexão de M.L. neste caso enquanto companheira, visto que não nos foi possível no anterior. M.L. refere que a sua relação com J. foi bastante penalizada com a ida para a atual moradia (viver com os pais), sendo que a mesma tinha sido contra esta ideia. Atualmente culpa J. pela sua tristeza e por não se sentir realizada pessoalmente enquanto mulher e profissionalmente (anexo XIV notas de consulta).

3.3.4. Hipóteses de trabalho para eventuais próximos acompanhamentos

Focalizar o papel de mãe (parental);

Refletir sobre o lugar do companheiro relativamente aos seus filhos;

Refletir sobre a importância de uma fronteira clara entre o avô e os seus filhos;

Refletir – será que a fuga de V. não será a mesma atitude que M.L. teve? O porquê disso ter acontecido?

Salvador Minuchin dedicou a sua vida ao trabalho com as famílias e os sistemas alargados. Segundo este autor, a família é integrada por distintos subsistemas organizados hierarquicamente, com limites, papéis e regras e um sistema com padrões e estrutura que alteram com base nos fatores culturais, económicos, sociais e na evolução ao longo do tempo. (Andolfi, 2013). Os subsistemas são compostos pelos membros da família agrupados ou individualmente facultando a base necessária para o processo de manutenção do “eu diferenciado”. O conceito de fronteira tem por definição, regras que definem quem participa e como participa no sistema familiar adotando a função de proteção e diferenciação do sistema (Mioto, 1998). De acordo com Minuchin (1982), os membros da família terão maior perceção das suas funções quanto mais nítidas forem as fronteiras nos diferentes subsistemas, não interferindo assim negativamente noutros subsistemas. Numa família podemos encontrar quatro subsistemas: o individual, o conjugal, o parental e o fraternal, sendo que o individuo pode pertencer simultaneamente a diferentes subsistemas o que torna importante a definição de limites/fronteiras (Alarcão,2002).

Deste modo, o casamento é uma oportunidade da obtenção da individuação e do pertencimento, num processo de dialético de fusão-individuação (Whitaker, 1995). Para Bowen os comportamentos e as capacidades que cada individuo traz para o casamento está na

base da herança e da experiência, fazendo parte da diferenciação do *self* (Loriedo & Strom, 2002). A diferenciação do *self* na perspectiva de Bowen diz respeito à identidade, individualidade e maturação, bem como a indivíduos e relacionamentos (Bueno, Souza, Monteiro & Teixeira, 2013). Bowen, propõem alguns mecanismos através dos quais as relações presentes do casal poderão ser condicionadas pelas que pertencem ao passado: o processo de projeção familiar; o processo de transmissão multigeracional e o corte emocional (Loriedo & Strom, 2002).

De acordo com Martini (2012), a diferenciação pode ser vista como separação-individuação, uma vez que é um processo de separação emocional da sua família de origem, tornando-se assim um indivíduo autônomo. O conceito de transmissão intergeracional compreende a travessia consciente ou inconsciente de uma geração à seguinte de legados, rituais e tradições. (Lisboa, Fêres-Carneiro & Jablonski, 2007). De acordo com Martins, Rabinovich e Silva (2008), a diferenciação é uma asseveração da singularidade, da individuação, do direito de pensar e expressar-se autonomamente dos valores defendidos pela sua família. Caso subsista um grau de indiferenciação à sua família de origem, maior será a sua indiferenciação na sua família nuclear, este processo de transmissão multigeracional de teores emocionais poderá dificultar o estabelecimento de limites, pois quando se perde a objetividade os limites e fronteiras do sistema familiar ficam difusos (Andrada & Irigonhe, 2008).

Um dos conceitos ligados à diferenciação é a ansiedade crônica, isto porque podemos redefinir o ritmo fundamental da vida. Não é um conceito patológico porque a vida possui o seu ritmo que em alguns casos pode ser acelerado, como por exemplo situações de crise transições normativas ou não normativas.

Em suma, sendo a família um sistema emotivo é importante o grau de diferenciação. Forças emotivas podem ser transmitidas de geração em geração, porque a modalidade de resposta pode ser um estilo que se transmite de geração em geração (processo contínuo). A diferenciação pode ser assim vista como um antibiótico de banda larga porque protege o sujeito das ondas emotivas levantadas pelo sistema em que esta inserido.

3.3.5. Reflexão Pessoal do Acompanhamento Individual

Inicialmente, a questão que nos surge é: Qual é o primeiro e principal instrumento psicológico? cuja resposta é “Somos Nós Próprios”, ou seja, Quem somos? Como estamos? Como nos preparamos? Como utilizar a nossa própria pessoa?. Podemos, portanto, depreender que é fundamental conhecermo-nos e saber com quem falar pois

devemo-nos colocar do outro lado, se não nunca vamos compreender e ser capazes de ajudar os outros. Nesta corrente de pensamento, coloca-se então a questão: Como vamos ajudar se não me ajudo a mim? Assim, devemos ter um lar interior arrumado, para percebermos os outros, contudo, para isso é necessário conhecermo-nos e conhecer as nossas cicatrizes, de forma a entender que não sabemos tudo. É importante ter ideia clara de quais são as nossas competências formais mas sobretudo relacionais. O que sentimos, o que nos leva a estar nesta profissão, quais são as minhas motivações inconscientes (procurando torná-las conscientes), foram alguns dos exercícios de reflexão que realizamos ao longo deste acompanhamento e anteriormente.

O objetivo da intervenção é deste modo, trabalhar em conjunto com o utente, sendo que só assim teremos uma boa intervenção. No entanto, devemos ter em conta que a avaliação está interligada com a relação terapêutica, e que existe um duplo papel nesta relação, pois estamos a avaliar e estamos a ser avaliados ao mesmo tempo, o utente também está de certa forma a “olhar” se temos direito ou não à sua “entrega”.

Neste sentido, o terapeuta não deve “desflorar” a vida do utente só por estar numa posição mais fraca, levando a que este se sinta que está perante um juiz, aumentando a percepção de desconfiança, mas sim, evidenciar a humildade, pois não é mais nem menos que o utente. Deve olhar para este ou para a família e pensar que quem se encontra numa situação problemática também nos pode ensinar.

Trabalhar nesta área não implica só a boa vontade do terapeuta, pois esta sozinha não chega, deve-se sim ter boa vontade mas também “ligar o cérebro”, isto é, ter a capacidade mínima de refletir as coisas com os conhecimentos teóricos que adquirimos. Posto isto, temos de ter presente que “o poder do terapeuta é proporcionar à capacidade de se questionar e à sua vontade de correr riscos de se expor...o terapeuta é chamado a expor-se e tratar-se ao mesmo tempo, que explora e trata o doente” (Andolfi, 1981, pag.95), sabendo que o espaço do atendimento será um espaço onde se proporcionam interações.

O acompanhamento individual realizado com M.L. foi a parte mais difícil do estágio. Este ajudou-nos a tomar consciência que por mais achemos que estamos preparados, nunca estamos. Neste atendimento tivemos sempre em consideração que M.L. era o nosso principal *focus* e isso fez com que ao longo destes meses tivéssemos um grande empenho, nos preparássemos sempre antes dos acompanhamentos e refletíssemos constantemente sobre os mesmos em conjunto com a Dr.^a Vânia e a Professora Fabrizia.

O facto de estarmos frente a frente com M.L. e termos vivenciado momentos de alegria com sorrisos e de tristezas como as lágrimas, foi um processo difícil de gerir emocionalmente. É impossível dizermos que não nos envolvemos na história de M.L., porque isso seria estar a mentir. Foram oito encontros, nos quais percorremos um caminho de altos e baixos, observámos a entrega e empenho de M.L. em cada encontro. No entanto, a mesma não compareceu em alguns momentos justificando por falta de oportunidade, o que quebrou por vezes este acompanhamento. Contudo o processo mais delicado foi a partir do momento em que o seu filho V. fugiu do CAT. Numa primeira vez demos continuidade aos acompanhamentos, porém após a segunda fuga e o não comparecimento do mesmo (e após três semanas a ir ao CAT e estar presente em reuniões com M.L. e a Dr.^a Vânia e CPCJ, com o intuito de ajudar a encontrar o V. e apoiar M.L.) achamos oportuno, como a Dr.^a Vânia e Professora Fabrizia encerrar o acompanhamento, pois os objetivos não se podiam mais realizar.

Assim, no que concerne a este caso individual, podemos concluir que os objetivos não foram totalmente alcançados, porém ao estarmos num centro de acolhimento temporário devemos ter em atenção que nem tudo depende da nossa intervenção. O sentimento de dever cumprido não foi concretizado porém devemos sentir que tudo fizemos para fazer um melhor acompanhamento possível e ajudar M.L. a refletir, a consciencializar e a aceitar o verdadeiro significado que dá à sua vida, à sua família.

A Psicologia relacional, estuda as relações humanas. É a disciplina mais adequada e sensível, para tornar o processo de crescimento de uma pessoa dentro de contextos relacionais, capaz de destacar os padrões de ligação mais significativos, entre o indivíduo, a sua família e o mundo social (Andolfi, 2003).

3.4. Outras atividades realizadas

Ao longo do estágio foram diversas atividades que participamos e desenvolvemos no CAT de Barcelos, tais como visitas domiciliárias, participação nas jornadas de saúde mental, cooperação na realização de um seminário, reuniões com CPCJ, reuniões da equipa do CAT, bem como algumas festividades realizadas no CAT. Contudo consideramos apresentar de uma forma breve as que se centralizaram como atividades enquanto nosso objetivo no estágio.

3.4.1. Atividades de adaptação às novas instalações no CAT

O início do estágio coincidiu com a mudança de instalações do CAT, o que fez com que após um diálogo com a Dr.^a Vânia interviéssemos junto das crianças de forma a consciencializar as mesmas da mudança do local/ da sua casa.

Desta forma realizamos duas atividades (anexo XV) mais concretas que se focalizaram num diálogo sobre a casa atual e a nova casa, bem como a visualização de dois vídeos Noody e Pluto que passava a mensagem que a mudança de casa era olhada pelos desenhos animados de uma forma divertida e alegre. Após o dia da mudança, onde criamos alguns momentos da passagem da antiga casa para a nova: o desenlaçar o laço, o colocar uma nova planta na “casa do peixe do CAT”, concluímos (Dr.^a Vânia e nós) que independentemente de ter sido realizadas poucas atividades, estas foram fundamentais para a aceitação das crianças quanto à nova casa.

3.4.2. Vídeo (anexo XVI)

Esta atividade, foi desenvolvida a partir da necessidade de um material que pudesse de alguma forma apresentar o CAT, ou seja mostrar a Casa Dos Sonhos como ela é, enquanto instituição e o seu trabalho. Neste sentido, após um diálogo com a Dr.^a Vânia acerca desta necessidade propusemo-nos a elaborar um vídeo que fosse um instrumento de apoio que facilitasse a apresentação do CAT em formações, seminários, tribunais e CPCJ.

3.4.3. Horário das colaboradoras e Calendário de Aniversários (anexo XVII)

Estas duas atividades foram realizadas após observarmos que as crianças questionavam sempre quem fazia turnos naquele dia e quem fazia anos naquele mês. Esta necessidade de poderem saber atempadamente estas informações, e esta ansiedade sempre presente fez-nos criar juntamente com a equipa educadora/dinamizadora dois calendários que pudessem colmatar esta necessidade patente.

3.4.4. Sceno-Vida (anexo XVIII)

O Centro de Acolhimento Temporário “Casa dos sonhos” é uma instituição que acolhe crianças e é aqui, neste espaço que se tem a oportunidade de ver diversas crianças a brincar e a interagir entre si, para além seu sofrimento. Percebemos então, que as brincadeiras e os jogos eram utilizados pelas crianças não só como forma de entretenimento, mas também como forma de socialização. Pretendemos assim, com este

Sceno-Vida criar um vínculo entre a criança/jovem e o terapeuta através do jogo, para que estes sintam empatia, confiança e sobretudo sintam o à vontade de partilhar as suas emoções. O Sceno-Vida é um jogo/atividade que a criança pode através dos bonecos, das representações lúdicas compreender/refletir o significado do afastamento à sua família, da sua institucionalização e projetar sobretudo as suas emoções.

Este jogo Sceno-Vida é uma adaptação a um instrumento de seu nome *Sceno-Test* (Von Staabs, 1964/1991). O Sceno-Test foi originalmente criado como um método de diagnóstico e terapêutico para o estudo e tratamento de casos de neurose infantil a partir do terceiro ano de idade. Mais tarde Von Staabs encontrou a aplicação específica na clínica com adolescentes e adultos, tanto em terapia individual como em grupo. O material a partir do qual o *Sceno-Test* é composto, compreende algumas personagens em forma de bonecos dobráveis de tamanhos diferentes, capazes de representar figuras familiares, figuras significativas. Este instrumento tenta recolher aspetos importante da personalidade: é esperado no jogo que seja revelada a atitude da criança ou adolescente para com a sua família, medos, conflitos entre outros (Margola & Esposito, 2008).

3.4.5. Dia da criança/família

O dia da Família surgiu de uma das ideias nas reuniões de supervisão, onde o nosso principal objetivo seria criar um dia onde as famílias de cada criança no CAT, pudesse conhecer as instalações, refletirem enquanto família e conviverem. Porém, após compreendermos que existiria a possibilidade de só comparecerem três de sete famílias por vários motivos, achamos compreensível não realizar este dia. Uma vez que tínhamos de ter em conta que algumas crianças não teriam a sua família presente e isso poderia despoletar alguma instabilidade emocional. Nesse sentido, e após o dia Mundial da Criança (que não comemoramos) organizamos e assinalamos o dia da criança, onde proporcionamos a todo o CAT (crianças e equipas), jogos (insuflável, pinturas, teatro) e convívio (lanche/jantar) entre todos. Este foi um dia marcado de sorrisos, abraços, onde tanto as crianças como as equipas do CAT desfrutaram o que existe de melhor entre elas, a relação. Isto no sentido que foi um dia onde não se criou a rotina do banho, a rotina do estudo, a rotina do jantar, a rotina da limpeza, a rotina dos relatórios mas sim um dia de carinho, de divertimento, de partilha. Estes momentos, na nossa opinião são fundamentais, para fortalecer as relações e nesse sentido é fundamental a criação destes dias por parte do psicólogo, de forma a criar momentos de STOP à rotina, ao lembrar que estão numa instituição e SIM ao dia da criança, ao dia da diversão, das relações.

Conclusão

*“Mesmo quando a vida não
sorri*

E dou por mim nesta solidão,

*Logo invento uma
companhia*

E ouço a voz do coração.

Minha confidente,

Ouvidos dos meus desabafos

A minha mente está doente

Já eram fortes dos laços.”

(...)

Cit. Oliveira, 2014

São talvez estas palavras que descrevem o quanto importante e gratificante foi toda esta experiência para nós, sobretudo enquanto profissionais na área da Psicologia. O acolhimento institucional foi desde cedo uma realidade que ansiávamos conhecer. Ao longo do primeiro ano de Mestrado questionamos várias vezes se teríamos capacidades para enfrentar um contexto tão desafiante, contudo a nossa curiosidade ia aumentando e as temáticas relacionadas com o acolhimento institucional suscitavam cada vez mais interesse. Quando partilhávamos com alguém esta nossa decisão os comentários foram sempre de incentivo, contudo alertando-nos para o facto de que a realidade poderia não corresponder às nossas expectativas. Quando tivemos a oportunidade de escolher o nosso local de estágio sentimo-nos ansiosos uma vez que receávamos que o local poderia não corresponder ao que desejaríamos. Contudo, após o apoio de amigos e família escolhemos o Centro de Acolhimento Temporário de Barcelos que se intitula de Casa dos Sonhos. Num primeiro contacto que tivemos com o CAT, que foi a primeira reunião com a Dr.^a Vânia foi possível perceber que todo o apoio e ajuda era bem-vindos, confessamos que a primeira impressão foi bastante positiva. Com o decorrer do tempo fomos apercebendo da necessidade de estarmos disponíveis à leitura e interpretação que realizavam através do modelo da psicologia clínica. Isto, de forma a não criar uma barreira por trabalharmos modelos diferentes.

Ao longo do estágio tivemos a oportunidade de contactar com várias valências da APAC, o que fez com que enriquecêssemos e aprendêssemos com esta experiência quer a nível pessoal, quer a nível profissional. Pois o facto de termos acesso a várias valências e podermos observar o trabalho que é feito em cada uma delas, permite-nos ter uma visão real do que é feito nestas instituições e em cada valência. Quanto ao trabalho no CAT, foram várias as atividades realizadas e várias as aprendizagens ao longo do ano. Tivemos inicialmente acesso aos processos de cada criança, onde os estudamos de forma a compreender a sua história de vida, bem como o motivo pelo qual estavam institucionalizadas. Ao fim da leitura destes processos, podemos dizer que foi um abrir os olhos. Ter acesso aquelas histórias de vida e olhar para cada criança conhecendo a sua história foi como nos questionarmos o porquê destas crianças terem de passar pelo que passaram, e todos nós queixarmo-nos da vida que temos, por coisas tão insignificantes. Após um período de observação e levantamento de necessidades e de atividades solicitadas pela orientadora de estágio Dr.^a Vânia, colocámos em prática os objetivos pretendidos no estágio.

A intervenção em grupo e a formação, foi um trabalho exaustivo, uma vez que tivemos o trabalho de construção e planificação, como a realização e posteriormente a interpretação. Contudo consideramos que foram duas atividades que cumpriram com os objetivos pretendidos, com algumas falhas, mas isso faz parte de uma aprendizagem e que ao identifica-las tentámos melhora-las.

Quanto ao acompanhamento individual, foi um trabalho que independentemente de não termos tido a oportunidade de o finalizar, foi visto como um trabalho gratificante e fundamental no meu percurso enquanto profissional de Psicologia. Pelo seu significado de ser o primeiro, mas essencialmente porque tivemos a oportunidade de proporcionar um espaço de reflexão a M.L. Muitas pessoas olham para os encontros como metas a cumprir, com os objetivos já delineados, mas ao longo destes anos aprendemos que um bom acompanhamento é aquele em que poderá ser traçado pelo psicólogo mas é sempre conduzido pelo utente.

Temos a agradecer, uma vez mais, toda a autonomia que a Dra. Vânia nos permitiu no contacto com as crianças e as suas famílias, uma vez que todas as intervenções foram realizadas à “porta fechada”, permitindo o desenvolvimento de relações de confiança e empatia, que em muito contribuíram para o respeito e educação com que nos abordavam todos os dias. Enquanto profissionais considero que estabelecemos relações significativamente positivas, não só com as crianças, assim

como com todas as equipas do CAT. Tentamos aplicar tudo aquilo que aprendemos em quatro anos de curso, no entanto, existem outras componentes que a teoria da Psicologia não nos ensina e que exigem de nós uma postura mais atenta e reflexiva perante certas situações. Foi extremamente gratificante e enriquecedor percebermos o significado que tivemos no período de vida destas crianças e pessoas, desde o acompanhamento semanal em atendimentos ou em atividades de intervenção, ao cumprimento diário nos corredores do CAT. O momento da despedida com as crianças foi oportuno para compreendermos as suas perceções relativamente ao acompanhamento que fomos mantendo semanalmente e ao longo do estágio, caracterizado como positivo. No fim desta etapa podemos afirmar que as expectativas que tínhamos de um centro de acolhimento temporário, em nada se comparavam aquilo que encontrei no terreno. E ainda bem! Foi uma experiência indescritível que recordarei com o maior carinho do mundo.

Na Psicologia não existem fórmulas que deem resposta a todos os problemas, por mais similares que sejam. Com esta pequena experiência profissional, aprendi que para sermos bons profissionais o gosto pelo que fazemos e o respeito pelo outro são fatores indiscutíveis na realização de um bom trabalho. Aprendi também que para termos sucesso profissional devemos trabalhar lado a lado com as grandes fundamentações teóricas.

“Foi uma experiência que passou rápido... e acabou cedo demais.”

Bibliografia

- Andrada, E. G. G. & Irigonhe, C. A. D. (2008). Elaboração de escala de diferenciação do Eu. *Revista Caminhos*, 1(9). Rio do Sul. Editora UNIDAVI.
- Alarcão, M. (2002). *(Des)Equilíbrios Familiares*. Coimbra: Quarteto.
- Alexandre, D.T. & Vieira, M.L. (2004). Relação de apego entre crianças institucionalizadas que vivem em situação de abrigo. *Psicologia em estudo*, 9 (2), 207-217.
- Almaça, I. C. P. (2009). A constelação fraternal: auto-estima, padrão de vinculação e percepção das práticas parentais no adolescente. *Dissertação no Mestrado Integrado em Psicologia –Secção de Psicologia Clínica e da Saúde /Núcleo de Psicologia Clínica Sistémica*.
- Alves, S. (2007). *Filhos da Madrugada: percursos de jovens em lares de infância e juventude*. Lisboa: ISCSP.
- Andolfi, M. (2003). *Manual de psicologia relacional: La dimensión familiar*. Columbia. La Silueta Ediciones Ltda.
- Anjos, S.G. (2010). *Desesperança e agressividade na adolescência e qualidade de vinculação aos pais*. Dissertação de Mestrado em Psicologia: Faculdade de Psicologia, Universidade Lusófona de Humanidade e Tecnologia.
- Bowlby, J. (1951). *Cuidados maternos e saúde mental*. São Paulo, Martins Fontes.
- Bowlby, J. (1993). *Separação: angústia e raiva* (Vol.2). São Paulo: Martins Fontes.
- Bueno, R. K., Souza, S. A., Monteiro, M. A. & Teixeira, R. H. M. (2013). Processo de diferenciação dos casais de suas famílias de origem. *Psico*, 44 (1), pp16-25.
- Cavalcante, L. I. C., Magalhães, C. M. C. & Pontes, F. A. R. (2007). Abrigo para crianças de 0 a 6 anos: um olhar sobre as diferentes concepções e suas interfaces. *Revista Mal-Estar e Subjetividade*, 7 (2), 329-352.
- Cerqueira, B. E. (2000). *Diferentes rostos da Infância*, Braga, UM, Instituto de Estudos da Criança.
- Cerqueira, B. F. C. (2012). *Jogo Simbólico: Efeito do género e da fratria*. Dissertação de Mestrado em Psicologia, Universidade do Minho escola de psicologia.
- Cigarro, A. F. M. (2011). *Vinculação, memória de cuidados na infância, auto – conceito e depressão em adolescentes*. Dissertação de Mestrado em Psicologia: Faculdade de Psicologia, Universidade Lusófona de Humanidade e Tecnologia.

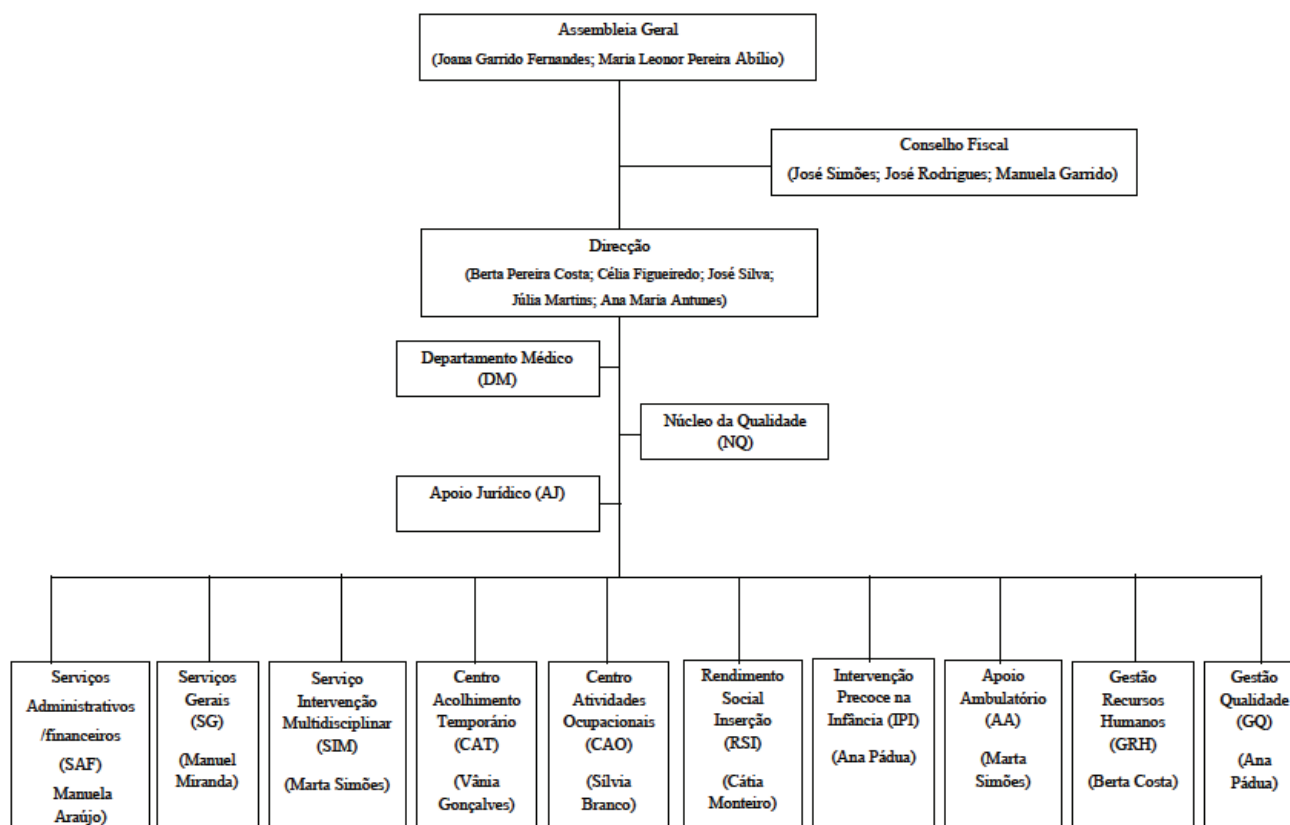
- Costa, F.T, Teixeira, M.A.P. & Gomes, W.B. (2000). Responsividade e exigência: duas escalas para avaliar estilos parentais. *Psicologia: Reflexão e crítica*, 13 (3), 465-473.
- Dalbem, J.X. & Dell’Aglío, D.D. (2008). Apego em adolescentes institucionalizadas: processos de resiliência na formação de novos vínculos afetivos. *Psico*, 39 (1), 33-40.
- Delage, M. (2008). *La résilience familiale*. Paris: Odite Jacob.
- Diário da República – I Série – A (1999) Nº 204. Obtido em: <http://dre.pt/pdfs/1999/09/204A00/61156132.pdf>.
- Fernandes, M. A. & Silva, M. G. P. (1996). Centro de Acolhimento para crianças em risco (condições de implantação, localização, instalação e funcionamento). *Direcção-Geral da Acção Social- Núcleo de Documentação Técnica e Divulgação*.
- Filomeno, K. (2002). *Da Cibernética à teoria familiar sistêmica um regate dos pressupostos*. Monografia como requisito parcial para obtenção do certificado de formação em Terapia Sistêmica. Instituto e Clínica Sistêmica de Florianópolis.
- Ganchinho, M.R.A. (2011). Mobilidade relacional: influência do estilo de vinculação e da vinculação ao local. Mestrado, Universidade de Lisboa (Faculdade de Psicologia).
- Goldstain, S., & Brooks, R. B. (2005). *Handbook of resilience in children*. United States of America: Springer.
- Gomes, I. (2010). *Acreditar no Futuro*. Lisboa: Texto Editores.
- Guedeney, N. & Guedeney, A. (2004). Vinculação: conceitos e aplicações. Lisboa: Climepsi.
- Loriedo, C. & Strom, P. (2002). Os processos de transmissão transgeracional nos casais e o tratamento das problemáticas ligadas às famílias de origem. In Andolfi, M. (2002). *A crise do casal- uma perspectiva sistêmico-relacional*. Porto Alegre: Artmed Editora.
- Manual de Boas Práticas (um guia para o acolhimento residencial das pessoas em situação de deficiência. Obtido em: http://www4.seg-social.pt/documents/10152/13327/acolhimento_residencial_pessoas_deficiencia
- Margola, D., & Esposito, L. I. (2008). Lo Sceno-Test a somministrazione congiunta. In D. Margola (Ed.), *Tecniche psicologiche d’indagine clinica*. Milão, Itália: Fraco Angeli.

- Marin, I. S. K. (2010). *Febem Família e Identidade (O lugar do Outro)*. 3º ed.- São Paulo, Editora Escuta.
- Martini, J. S. (2012). Dependência emocional familiar: possíveis manifestações nos filhos. *Revista da Graduação*, 5 (2).
- Marzol, R. M., Bonafé, L. & Yunes, M. A. M. (2012). As perspectivas de crianças e adolescentes em situação de acolhimento sobre os cuidadores protetores. *Psico*, 43 (3), 317-324.
- Ministério do Trabalho e da Solidariedade (2000a). *Lares de Crianças e Jovens – caracterização e dinâmicas de funcionamento*. ISBN Nº 972-8553-07-02.
- Minuchin, S. (1982). *Famílias: funcionamento e tratamento*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Minuchin, S. (2008). Dominando a terapia familiar. Porto Alegre: Artmed.
- More, C. L. O. O. & Sperancetta, A. (2010). Práticas de pais sociais em instituições de acolhimento de crianças e adolescentes. *Psicologia & Sociedade*, 22 (3), 519-528.
- Mota, C. P. & Matos, P. M. (2008). Adolescência e Institucionalização numa perspectiva de vinculação. *Psicologia & Sociedade*, 20 (3), 367-377.
- Oriente, I. & Sousa, S. M. G. (2005). O significado do abandono para crianças institucionalizadas. *Psicologia em Revista*, 11 (17), 24-46.
- Pacheco, J.T.B., Silveira, L.M.O.B. & Schneider, A.M.A. (2008). Estilos e práticas educativas parentais: análise da relação desses constructos sob a perspectiva dos adolescentes. *Pisco*, 39 (1), 66-73.
- Parkes, C. M. (1998). Luto: estudos sobre a perda na vida adulta. *Ver.Bras.Psiquiatr.*, 21 (1).
- Petrini, J. C. (2003). *Pós – modernidade e família: itinerário de compreensão*. Bauru: EDUSC.
- Ramião, T. (2007). *Lei de Protecção de Crianças e Jovens em Perigo Anotada e Comentada* (5ª ed.). Lisboa: Quid Juris Sociedade Editora.
- Rosa, E. M., Nascimento, C. R. R., Matos, J. R. & Santos, J. R. (2012). O processo de desligamento de adolescentes em acolhimento institucional. *Estudos de Psicologia*, 17 (3), 361-368.
- Sequeira, V. C. (2009). Resiliência e abrigos. *Boletim Academia Paulista de Psicologia*, 29 (1), 65-80.

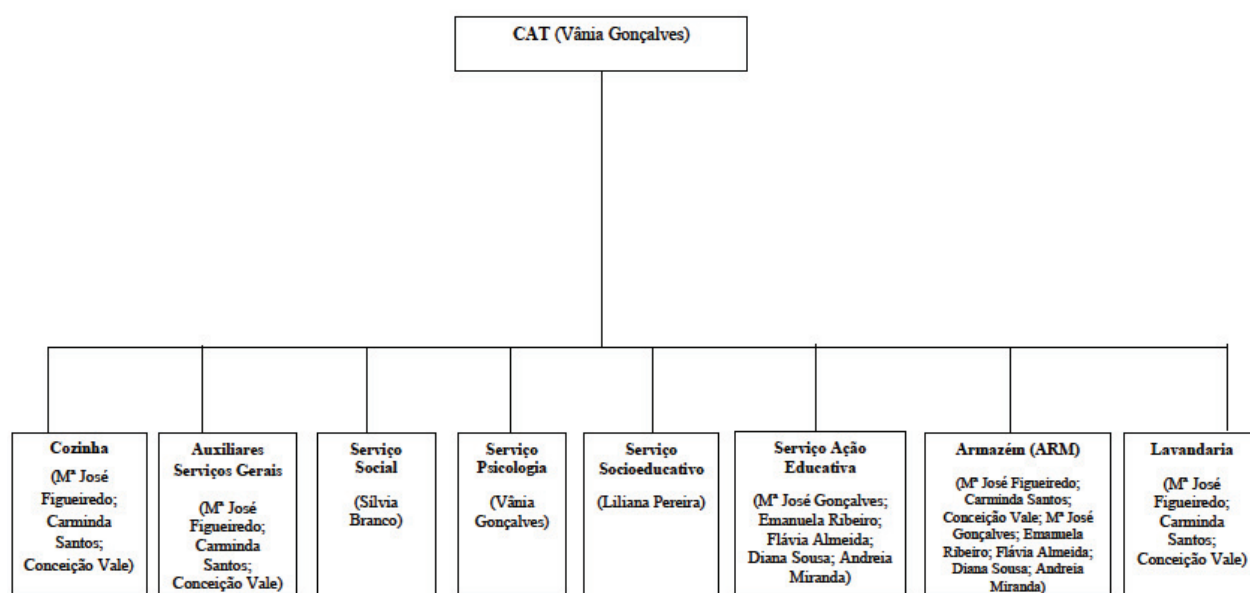
- Siqueira, A. C., Tubino, C. L., Schwarz, C. & Dell'Aglío, D. D. (2009). Percepção das figuras parentais na rede de apoio de crianças e adolescentes institucionalizados. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 61 (1).
- Siqueira, A. C., Zoltowski, A. P., Giordani, J. P., Otero, T. M. & Dell'Aglío, D. D. (2010). Processo de reinserção familiar: estudo de casos de adolescentes que viveram em instituição de abrigo. *Estudos de Psicologia*, 15 (1), 07-15.
- Soster, C. A., Neumann, S. S. & Cardoso, C. (2013). Coesão em um grupo de apoio a mulheres com câncer de mama. *Ver. Psicologia em Foco*, 5 (5), 116-133.
- Sousa, A. F. B. (2010). *Influência da vinculação ao pai e à mãe nas motivações dos adolescentes para iniciar ou manter relações românticas*. Dissertação de Mestrado Integrado em Psicologia: Faculdade de Psicologia, Universidade de Lisboa.
- Tellegen, T. A. (1984). *Gestalt e grupos – uma perspectiva sistêmica*. São Paulo, Summus Editorial.
- Tinoco, V. & Franco, M. (2011). O luto em instituições de abrigo de crianças. *Estudos de Psicologia*, 28 (4), 427-434.
- Valle, J. F. & Fuertes, J. (2002). El acogimiento residencial en la protección a la infancia. *Psicothema*, 14 (2), 504-509.
- Vectore, C. & Carvalho, C. (2008). Um olhar sobre o abrigamento: a importância dos vínculos em contextos de abrigo (a importância dos vínculos em abrigo). *Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional*, 12 (2), 441-449.
- Vinogradov, S. & Yalon, I. (1996). *Guia breve de psicoterapia em grupo*. Barcelona: Edições Paidós Ibérica.
- Walsh, F. (2013). Fortaleciendo la Resiliencia Familiar. Superando las Crisis y los Retos de la Vida. *International Congress of Psychology* – Braga, Portugal.
- Whitaker, C. A. (1995). As funções do casal. In m. Andolfi, Angelo, C. & Saccu, C. (Orgs). *O casal em crise*. São Paulo: Summus.
- Yunes, M. A. M. (2003). Psicologia positiva e resiliência: o foco no indivíduo e na família. *Psicologia em Estudo*, 8, 75-84.

Anexos

Anexo I - Organigrama Geral



Anexo II - Organograma do CAT



Anexo III - Plano de atividades 2013/2014 do CAT



**Associação de
Pais e Amigos
de Crianças**

PLANO DE ATIVIDADES

ANO: 2013

BARCELOS



Eixos de Intervenção	Objetivos	Atividades	Valências/ Serviços	Recursos		Calendarização (1)												Avaliação (2)
				Humanos	Materiais	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Sep	Out	Nov	Dez	
Eixo 5 Respostas Sociais/Serviços	- Caracterizar a sintomatologia depressiva e ansiosa em crianças/jovens em situação de institucionalização - Centros de Acolhimento Temporários e Lares de Infância e Juventude, do distrito de Braga;	Estudo exploratório	CAT	Equipa Técnica Equipa técnica dos CAT e Lares de Infância e Juventude do Instituto da Segurança Social ACES Braga Infias	Material desgaste Veículo													
	-Preparar o acolhimento do cliente; -Designar o gestor de caso; -Realizar contactos/diligências com as entidades que solicitaram o pedido de vaga.	Admissão/Acolhimento	CAT	Equipa Técnica e Entidades da Comunidade	Material de desgaste Telecomunicações													

Eixos de Intervenção	Objetivos	Atividades	Valências/ Serviços	Recursos		Calendarização (1)												Avaliação (2)
				Humanos	Materiais	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Sep	Out	Nov	Dez	
Eixo 5 Respostas Sociais/Serviços	- Recolher informações do cliente e família; - Avaliar a situação de saúde do cliente; - Avaliar o desenvolvimento global do cliente; - Avaliar o desempenho escolar do cliente; - Avaliar as competências parentais, emocionais, afetivas e sociais das famílias.	Avaliação Diagnóstica	CAT	Equipa Técnica	Material de desgaste Telecomunicações													
	- Definir ações de acordo com as necessidades identificadas na avaliação diagnóstica; - Avaliar os projetos que integram o PSEI no tempo estimado para a sua execução.	Plano Sócio Educativo Individual	CAT	Equipa Técnica	Material de desgaste Telecomunicações													
	- Definir um plano de ações entre o CAT e as entidades intervenientes no projeto do cliente e família; - Avaliar os projetos que integram o PCI no tempo estimado para a sua execução.	Plano Cooperado de Intervenção	CAT	Equipa Técnica e Entidades da Comunidade	Material de desgaste Telecomunicações													

Eixos de Intervenção	Objetivos	Atividades	Valências/ Serviços	Recursos		Calendarização (1)												Avaliação (2)
				Humanos	Materiais	Outubro	Novembro	Dezembro	Janeiro	Fevereiro	Março	Abril	Maior	Junho	Julho	Agosto	Setembro	
Socias/Serviços					es													
	- Apoiar no processo de institucionalização; - Promover recursos pessoais e de resiliência; - Favorecer a estabilidade emocional e psíquica.	Avaliação e Intervenção Psicológica (individual e/ou grupo).	CAT	Psicóloga	Material lúdico Material de desgaste													
	- Criar condições facilitadoras de desenvolvimento global do criança/jovem.	Avaliação e Intervenção Pedagógica (individual e/ou grupo).	CAT	Educadora de Infância	Material lúdico Material de desgaste													
Eixo 5	- Desenvolver a motricidade fina;	Atividades de expressão plástica	CAT	Equipa Técnica e Equipa Educativa	Material lúdico Material de desgaste													
Respostas	- Desenvolver a criatividade e a imaginação; - Criar outras possibilidades de expressão;																	
Socias/Serviço																		

Eixos de Intervenção	Objetivos	Atividades	Valências/ Serviços	Recursos		Calendarização (1)												Avaliação (2)
				Humanos	Materiais	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Sep	Out	Nov	Dez	
S	- Desenvolver o sentido estético; -Representar sentimentos e ideias; - Utilizar corretamente os materiais de desenho.																	
	- Aprender canções; - Comunicar e exprimir-se verbalmente; - Desenvolver o vocabulário; - Desenvolver o gosto pela música; - Desenvolver a atenção e a concentração.	Atividades de expressão musical	CAT	Equipa Técnica e Equipa Educativa	Material lúdico Material de desgaste													
	- Adquirir o controlo das diferentes partes do corpo; - Ser capaz de se movimentar de diferentes formas; - Desenvolver o equilíbrio; - Desenvolver a noção de espaço; - Compreender a noção de lateralidade;	Atividades de expressão motora	CAT	Equipa Técnica e Equipa Educativa	Material lúdico Material de desgaste													
Eixo 5																		
Respostas																		
Socias/Serviços																		

Eixos de Intervenção	Objetivos	Atividades	Valências/ Serviços	Recursos		Calendarização (1)												Avaliação (2)
				Humanos	Materiais	Outubro	Novembro	Dezembro	Janeiro	Fevereiro	Março	Abril	Maior	Junho	Julho	Agosto	Setembro	
	- Desenvolver as habilidades de locomoção.																	
	- Representar diferentes personagens e papéis; - Desenvolver a escuta ativa; - Desenvolver a criatividade e a imaginação.	Atividades de expressão dramática	CAT	Equipa Técnica e Equipa Educativa	Material lúdico Material de desgaste													
	- Desenvolver o vocabulário; - Contar e dramatizar histórias; - Desenvolver as capacidades de observação e concentração; - Desenvolver a imaginação; - Recontar a história; - Ser capaz de se exprimir oralmente.	Atividades de Comunicação (Histórias; lengalengas; trava-línguas)	CAT	Equipa Técnica e Equipa Educativa	Material lúdico Material de desgaste													

Eixo 5
Respostas
Sociais/Serviços

Eixos de Intervenção	Objetivos	Atividades	Valências/ Serviços	Recursos		Calendarização (1)												Avaliação (2)
				Humanos	Materiais	Set	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	
Eixo 5 Respostas Sociais/Serviços	- Promover o conhecimento da cultura e tradições locais; - Incentivar o espírito de humor e crítica; - Promover o convívio, a amizade e a alegria; - Proporcionar espaço para se divertir, brincar e fantasiar.	Comemoração do Carnaval	CAT	Equipa Técnica e Equipa Educativa	Material lúdico Material de desgaste													
	- Valorizar a figura paterna/materna; - Promover a consciencialização dos papéis parentais; - Estimular a relação afetiva entre pais e filhos.	Comemoração do Dia do Pai e dia da Mãe	CAT	Equipa Técnica e Equipa Educativa	Material lúdico Material de desgaste													
	- Valorizar o papel da criança na sociedade; - Reforçar os direitos das crianças previstos na Convenção.	Comemoração do Dia Mundial da Criança	CAT	Equipa Técnica e Equipa Educativa	Material lúdico Material de desgaste													

Eixos de Intervenção	Objetivos	Atividades	Valências/ Serviços	Recursos		Calendarização (1)												Avaliação (2)
				Humanos	Materiais	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Sep	Out	Nov	Dez	
Eixo 5 Respostas Sociais/Serviços	- Promover o conhecimento da cultura e tradições locais; - Proporcionar um momento de convívio entre colaboradores e clientes.	Comemoração do Magusto	CAT	Equipa Técnica e Equipa de Colaboradores	Material de desgaste Castanhas e sumos													
	- Comemorar o Dia da Convenção dos Direitos da Criança - Realizar reuniões de equipa técnica quinzenal.	Ação Formativa (temática a definir)	CAT	Equipa Técnica	Material de desgaste Veículo													
	- Realizar reuniões de equipa de colaboradores mensais	Reuniões Equipa Técnica e Colaboradores	CAT	Equipa Técnica e Equipa Colaboradores	Material de desgaste													
Eixo 7 Parcerias	- Estabelecer um protocolo de colaboração entre a APAC e o ACES Cávado III – Barcelos-Espouse - Designar um profissional de medicina familiar responsável pelo	Protocolo de colaboração com o ACES Cávado III – Barcelos-Espouse	CAT	Colaboradores ACES Cávado III – Barcelos-Espouse e Equipa Técnica	Telecomunicações Veículo													

Eixos de Intervenção	Objetivos	Atividades	Valências/ Serviços	Recursos		Calendarização (1)												Avaliação (2)
				Humanos	Materiais	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Sep	Out	Nov	Dez	
	acompanhamento médico dos clientes do CAT																	
Eixo 7 Parcerias	- Dar continuidade ao projeto de investigação do departamento de Psicologia da Universidade do Minho	Avaliação dos clientes alvo no contexto institucional e laboratorial	CAT	Equipa Investigação da Universidade do Minho Equipa de colaboradores	Telecomunicações													

(1) Elaboração

X PREVISTA

O REALIZADA

avaliação

descritiva

da

atividade

re

Anexo IV - Guião de Entrevista Semi-Estruturada

Guião de Entrevista: levantamentos de necessidades

Nome:

- Qual é a sua Formação?
- Qual é o seu papel no CAT?
- Há quanto tempo trabalha no CAT?
- Como descreveria esta experiência?
- Relativamente a este trabalho, quais os benefícios e as limitações?
- Podia descrever o seu relacionamento com as crianças do CAT?
- Como se prepara para receber uma criança?
Como se prepara para se despedir de uma criança depois de tanto tempo de convivência?
- Como caracteriza o CAT?
Como caracteriza as crianças do CAT?
- Como definiria a relação entre as crianças?
- Quais as atividades que considera essenciais a desenvolver no CAT?
- Quais as atividades já realizadas no CAT que considera importante continuar?

- Como considera a interação entre os membros do CAT?
- Como caracteriza a interação/relação dos colaboradores do CAT e a família das crianças?
- Em que medida os colaboradores do CAT auxiliam a interação das famílias com as crianças?
- Como avalia o funcionamento e estrutura do CAT?
- O que melhoraria no CAT?
- O que acha do papel do psicólogo nesta instituição? De que forma o psicólogo da família poderá ajudar?
- Gostaria de acrescentar algo que possa enriquecer a entrevista?

Obrigada pela sua colaboração

Anexo V - Consentimento Informado

Entrevista

No âmbito do Estágio do Mestrado em Psicologia da Família da Faculdade de Filosofia de Braga, tenho como objetivo recolher informações e experiências dos vários intervenientes nesta instituição (CAT), com o intuito de identificar as necessidades da mesma e poder elaborar atividades que deem resposta a algumas dessas necessidades. Estas atividades serão propostas à instituição através do Projeto de Estágio.

Nesse sentido, esta entrevista é realizada com fins estritamente académicos, sendo o anonimato e a confidencialidade absolutamente garantidos. A gravação poderá ser interrompida em qualquer momento, se assim o desejar, sendo ainda de realçar que todo o material recolhido será destruído após um período de um ano.

Pode contactar-me para qualquer questão complementar ou esclarecimento, através do correio eletrónico: patricia9.psic@gmail.com

Agradeço a sua disponibilidade e preciosa colaboração.

Patrícia Martinho

Consentimento Informado

Eu, _____ , declaro que tomei conhecimento sobre os objetivos de trabalho da estagiária de Psicologia da Faculdade de Filosofia de Braga Patrícia Martinho, na recolha de informações que lhe permitirão caracterizar a instituição (CAT- APAC) e fazer o levantamento das suas necessidades. Aceito deste modo colaborar com a mesma na realização de uma Entrevista.

Declaro, ainda, que autorizo a gravação da entrevista.

Sim ☐ Não ☐

Data: __ / __ / __

Assinatura:

Anexo VI - Estrutura Metodológica do grupo de Intervenção 4-6 anos

Sessão 1: A união faz a força



Objetivos gerais:

- 1) Promover relação entre os participantes;
- 2) Promover coesão de grupo;

Objetivos específicos:

Apresentação do plano das atividades e seus objetivos;

Motivar os participantes para o programa;

Fortalecer as relações do grupo;

Asseverar o respeito pelo grupo e pelas regras estabelecidas na intervenção em grupo.

Duração: 60 minutos

Material de apoio para a intervenção em grupo:

Sala de lazer do CAT;

Música ambiente;

Bola;

Folha (papel cenário 2m por 1m);

Regras estabelecidas na intervenção em grupo (cartolina).

Procedimento da sessão:

A monitora do grupo acolhe o grupo na sala de formação do CAT e dá início à sessão. É solicitado às crianças que estas se sentem em roda no tapete da sala, nesse momento a monitora coloca uma música ambiente com o intuito de criar um ambiente calmo e propício. Segue-se um momento de diálogo simples com os participantes, onde se explica o porquê de estarem em grupo e o que se irá realizar nas sessões seguintes, bem como a explicação dos objetivos dos encontros. Este momento tem como intuito referir que irão realizar atividades como as pinturas, brincadeiras, danças/cantar, com o intuito que os objetivos sejam apresentados de forma compreensíveis e motivacionais.

Num segundo momento é apresentado ao grupo uma cartolina com imagens das regras estabelecidas na intervenção em grupo. Este momento tem como objetivo estabelecer regras que ajudem a qualidade das sessões e sobretudo que ajudem a fortalecer a coesão do grupo.

Num terceiro momento e de forma a fortalecer a coesão do grupo e se deem a conhecer mais de si aos restantes membros do grupo será proposto uma atividade com uma bola. O procedimento: passa-se a bola a uma das crianças e esta terá a oportunidade de dizer o que gosta mais de brincar com o grupo; o que gosta mais na casa dos sonhos, passando posteriormente a bola a outra criança para que possa responder às mesmas questões e assim continuamente até que todas as crianças tenham a possibilidade de falarem.

No quarto e último momento, é realizado uma dinâmica para fortalecer as relações do grupo e criar um ambiente de descontração entre os participantes. Esta dinâmica teria uma folha (papel cenário) onde seriam representadas palavras como “união, respeito...” através de desenhos e pinturas (digitinta) elaborados pelas crianças. Isto de forma a compreender como cada criança interioriza simbolicamente estas palavras.

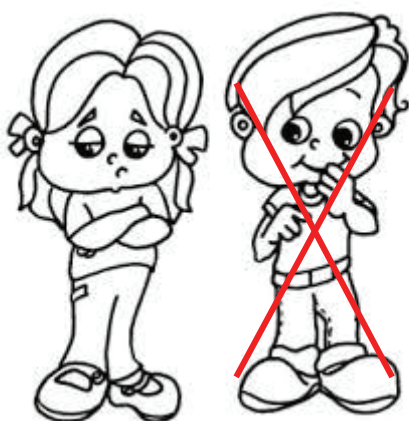


Respeitar todos



Estar em silêncio quando o outro fala

Não rir das respostas dos outros



Proposta de Trabalho



Adversidades

União

Respeito

Grupo

Confiança/Perseverança

Suporte

Adversidades - ajudam a sermos mais fortes e adaptarmo-nos a novos desafios da vida (crescimento positivo); perante desafios teremos a capacidade de olhar para eles de forma de positiva; *Exemplo:* estes encontros/sessões são um desafio pois vão realizar atividades que vão ter olhar para elas mesmo que sejam difíceis como algo que vos pode ajudar.

União - União é o ato de se unir. União pode ser combinação de esforços e pensamentos para um bem comum. *Exemplos:* Todos vocês são um grupo e é importante serem unidos, serem o apoio umas das outras, ajudarem-se; a união faz a força, etc.

Respeito - temos de respeitar os outros para sermos respeitados. O respeito impede que uma pessoa tenha atitudes reprováveis em relação a outra. *Exemplos:* escutar sem comentar; falar um de cada vez; colaborar nas actividades propostas; etc.

Grupo - um conjunto, um número de pessoas que formam um todo, e que geralmente tem princípios, objetivos ou mesmo situações em comum. *Exemplos:* vocês são um grupo, onde irão fazer atividades em conjunto, onde se irão ajudar umas às outras, onde têm os mesmos objetivos, etc.

Confiança/Perseverança – persistência, nunca perder a esperança de algo melhor. *Exemplos:* poder contar com o grupo, acreditar no grupo, nunca desistir perante as dificuldades (se têm um desafio por mais difícil que seja devemos lutar para ultrapassá-lo, e mesmo que não corra bem, importa é tentar).

Suporte – devemos ter suporte/apoio de outros, pois só assim teremos força para sermos resilientes; (não resolvemos os problemas mas podemos ouvir e ajudar a abrir caminho para um novo olhar). *Exemplos:* o apoio que cada uma pode dar aos restantes membros é importante, pois todos juntos são mais “fortes”/capazes de ultrapassar as dificuldades; e termos sempre alguém ao nosso lado faz-nos mais felizes.

Sessão 2: Nós conseguimos



Objetivos gerais:

- 1) Interiorização e a elaboração da experiência de acolhimento.

Objetivos específicos:

- Proporcionar espaço de comunicação e escuta;
- Reflexão da experiência de acolhimento de cada criança.

Duração: 45 minutos

Material de apoio:

- Sala de formação;
- História;
- Marcadores; Lápis de cor;
- Música;
- Computador.

Procedimento da sessão:

Acolhimento das crianças na sala de formação. Os participantes são convidados a sentarem-se no tapete da sala em círculo de forma a propiciar um ambiente calmo. Neste momento a monitora do grupo recorda as atividades que foram realizadas na sessão anterior e o motivo pelas quais foram realizadas.

Num primeiro momento é proposto ao grupo a elaboração de uma história. Ou seja, a monitora do grupo inicia uma história e a criança que estará do seu lado direito deverá seguir a história e assim consecutivamente até percorrer por todas as crianças.

É de salientar que ao longo da elaboração das histórias, a monitora irá representar as histórias através de desenhos representativos das situações mencionadas, de forma a que as crianças possam observar as histórias e que interiorizem mais facilmente este trabalho (será ainda proposto que as crianças pintem os desenhos das suas histórias).

Após a atividade das histórias, irá se proporcionar um momento de descontração para as crianças. Para isso colocar-se-á uma música da Xana Toc Toc com o nome “Dança Toc Toc”, com a hiperligação: <http://www.youtube.com/watch?v=k-55BQnwoUg>.

Para terminar esta sessão e de forma a realçar/ interiorizar esta atividade será proposto às crianças que representem teatralmente um momento de cada história.

Esta atividade tem como intuito proporcionar um espaço comunicação, de escuta, bem como compreender de que forma é que cada criança tem interiorizada a sua experiência de acolhimento, através das histórias e da representação (comunicação verbal e não verbal).

Proposta de Trabalho



História

Eram uma vez, três meninas (Filipa, Helena, Cátia) que gostavam muito de brincar juntas... uma vez numa das brincadeiras a Cátia perguntou: Porquê que estamos longe das nossas famílias? E a Helena respondeu: porque estamos mais protegidas aqui, e é melhor para nós. Depois..... (continuação da história com as crianças).

Desenho que represente cada história;

Representação teatral de um momento de cada história mencionada.

Sessão 3: Quem são as nossas Famílias?



Objetivos gerais:

- 1) Compreender através do desenho e do diálogo o olhar que cada criança tem sobre as suas famílias.

Objetivos específicos:

Reflexão /significado que cada criança dá à família;

Interiorização/ Diálogo sobre o afastamento de cada criança às famílias;

Duração: 45 minutos

Material de apoio para a sessão:

Sala de formação;

Folhas;

Marcadores; Lápis de cor;

Música;

Computador;

Procedimento da sessão:

Para dar início à sessão monitora do grupo recorda as atividades que foram realizadas na sessão anterior. Posto isto, é proposto às crianças o desenho da família. Ou seja, é solicitado que cada criança elabore um desenho da sua família com o intuito de ao fim da tarefa possam descrever o que está no desenho.

Num segundo momento é apresentada uma música do Panda e os Caricás “Os sons dos animais” hiperligação: <http://www.youtube.com/watch?v=Q4T-oSBAT4Q>.

Esta dinâmica tem como intuito motivar as crianças para a sessão e de certa forma fazer descontrair destes momentos.

Num último momento, é proporcionado um espaço de diálogo, de escuta e sobretudo de partilha. Através dos desenhos das suas famílias será explorado os motivos que tornaram o seu afastamento da família de origem (um dos objetivos centrais da intervenção), a fim de interiorizarem/ refletirem. Representação em bonecos (projeção).

Proposta de Trabalho



Desenho da Família

Sessão 4: Quem está ao nosso lado?



Objetivos gerais:

- 1) Compreender/Refletir o significado que as crianças dão ao CAT (Centro de Acolhimento Temporário).

Objetivos específicos:

Proporcionar espaço de união entre o grupo;

Reflexão sobre a importância do apoio/ amparo entre o grupo com a mesma situação de vida e com que as rodeia;

Reflexão sobre o significado que o CAT tem para as crianças.

Duração: 45 minutos

Material de apoio para a intervenção em grupo:

Sala de formação;

Filme;

Folhas;

Lápis de cor;

Música;

Computador.

Procedimento:

Após o acolhimento das crianças na sala de formação e o diálogo sobre a sessão anterior, é proposto por parte da colaboradora uma atividade bastante dinâmica, com o intuito de prevalecer a coesão do grupo. Deste modo, a atividade será o jogo da união, este inicia-se em juntar as crianças através de um laço que as una, de seguida é dito às

crianças que o objetivo é que elas juntas conseguiram em três minutos alcançarem o máximo de bolinhas possíveis. No fim do tempo, a monitora do grupo tenta dar a compreender que perante as dificuldades da vida, juntas ou com outras pessoas podemos conseguir ultrapassar as adversidades, bem como a união delas neste jogo demonstra que é importante se darem bem, se apoiarem para que assim possam ter um melhor percurso no CAT.

Num segundo momento é apresentado um vídeo com vários excertos de personagens de desenhos animados, onde passa a mensagem que devemos dar importância a quem está do nosso lado, quem nos ampara, quem nos apoia. A partir deste vídeo será aberto um espaço de reflexão sobre a importância do amparo, do apoio que sentem onde vivem (CAT).

Hiperligação do vídeo <http://www.youtube.com/watch?v=lnw95TIZkuM>

Por último, é proposto às crianças que elaborem um desenho do CAT. Esta atividade tem como intuito compreender o olhar que as crianças têm do CAT através do desenho e da sua descrição, bem como proporcionar um espaço de diálogo/ reflexão sobre o que gostam mais, o que gostam menos no CAT. Em jeito de conclusão desta sessão e desta atividade em particular refletirem sobre as suas vidas e que é a partir deste acolhimento que terão uma melhor qualidade de vida e que independentemente das suas experiências de sofrimento, podem olhar com mais esperança para o futuro, rentabilizando os recursos positivos que a instituição pode proporcionar.

Proposta de Trabalho

Desenho do CAT (onde moram)



Sessão 5: Somos Resilientes!



Objetivos gerais:

- 1) Dar a compreender a importância da resiliência / trabalhar a resiliência;

Objetivos específicos:

Refletir sobre a importância da resiliência através da história da borboleta/árvore;

Duração: 45 minutos

Material de apoio para a sessão:

Sala de formação;
História da Borboleta;
Computador;
Proposta de trabalho (árvore);
Música;

Procedimento:

Após o acolhimento das crianças na sala de formação e o diálogo sobre a sessão anterior, a monitora do grupo menciona que irá contar uma história. Esta terá ajuda de suporte informático com o intuito de cativar as crianças e interiorizarem mais facilmente a história. “A lição da borboleta” tem como intuito transmitir que as dificuldades são

necessárias para nos fortalecer, que a beleza da fragilidade retém em seu poder a fortaleza de se superar em cada desafio, ou seja, a borboleta para ser forte e poder voar precisa de passar pela dificuldade no casulo, pois só assim terá a força necessária.

Posteriormente será realizada uma atividade, com o intuito de trabalhar a resiliência das crianças, despertando uma atitude de fortalecimento e a possibilidade de gerar recursos próprios que respondam de maneira positiva, às situações de crise e aos constantes desafios de modo a que a sua recuperação seja de crescer a partir destas experiências.

Nesta tarefa é apresentada às crianças uma árvore desenhada numa cartolina, e é entregue a cada criança uma folha dessa árvore que será posteriormente para colar. A monitora pede para elas fazer um desenho na folha e ajuda-as a colar na cartolina. No fim desta tarefa a estagiária ressalva através da metáfora da árvore: “Uma árvore tem folhas mas por vezes por causa do tempo elas caem, mas voltam a nascer. É como nós às vezes passamos por coisas menos boas, mas elas fazem com que no fim tenhamos muita força e consigamos ultrapassar as dificuldades”.

Proposta de Trabalho

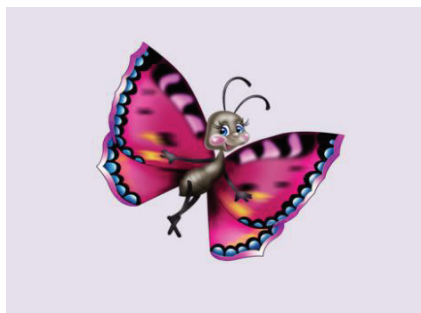
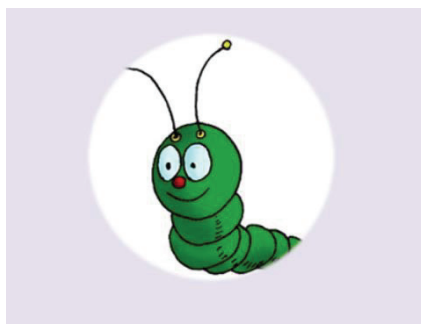


A lição da borboleta



Era uma vez uma pequena lagarta que iniciou o seu processo de metamorfose para se tornar numa linda borboleta. Enquanto as transformações decorriam esta vivia fechada no seu casulo. Um dia, uma pequena abertura apareceu no casulo, e o homem sentou-se e observou a borboleta por várias horas, conforme ela se esforçava para fazer com que o seu corpo passasse através daquele pequeno buraco. Então ela parou de fazer qualquer progresso. Parecia que ela já avançara o mais que podia, e não conseguia ir mais longe. O homem decidiu, então, ajudar a borboleta: pegou numa tesoura e cortou o restante do casulo. A borboleta saiu facilmente, mas o seu corpo estava murcho, era pequeno e tinha as asas amassadas. O

homem continuou a observar a borboleta porque ele esperava que, a qualquer momento, as asas dela se abrissem e esticassem para serem capazes de suportar o peso do seu corpo, que iria se afirmar com o tempo. Mas nada aconteceu, a borboleta passou o resto da sua vida a rastejar com um corpo murcho e as asas encolhidas. Ela nunca foi capaz de voar. O que o homem, em sua gentileza e vontade de ajudar, não compreendia era que o casulo apertado e o esforço necessário para passar através da pequena abertura, eram o modo que fazia para o fluido do corpo da borboleta fosse para as suas asas tornando-a capaz de voar uma vez que estivesse livre do casulo... Algumas vezes o esforço é justamente o que precisamos em nossas vidas. Se fosse possível permitir passar através das nossas vidas sem quaisquer obstáculos, sem quaisquer dificuldades, nos deixaria danificados. Nós não seríamos tão fortes como poderíamos ter sido. Nunca poderíamos voar.



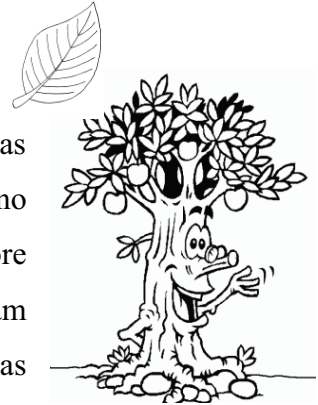
Proposta de Trabalho



Objetivo: Trabalhar a resiliência

Materiais: Cartolina com a árvore e folhas recortadas.

Procedimento: Nesta tarefa é solicitado às crianças fazerem um desenho numa folha que será entregue a cada uma. Após as crianças terminarem o desenho a monitora ajuda-as a colar na cartolina no desenho da árvore. E ressalva através de uma metáfora: “Uma árvore tem folhas mas por vezes por causa do tempo elas caem, mas voltam a nascer. É como nós às vezes passamos por coisas menos boas, mas elas fazem com que no fim tenhamos muita força e consigamos ultrapassar as dificuldades”. No fim a monitora para que esta atividade seja interiorizada, solicita as crianças para colorirem a árvore.



Sessão 6: Convívio!



Objetivos gerais:

- 1) Avaliar o impacto que esta intervenção teve nas crianças;

Objetivos específicos:

- Relembrar as actividades e o que cada uma significou para cada criança;
- Reflexão/Interiorização das crianças sobre esta intervenção;

Duração: 45 minutos

Material de apoio para a sessão:

- Sala de lazer;

Cartaz da árvore;

Fotos;

Desenhos;

Lanche.

Procedimento:

Esta última sessão inicia-se com o acolhimento das crianças e um diálogo muito breve sobre o que foi realizado neste programa de intervenção, juntamente com a apresentação de alguns trabalhos realizados pelas crianças, bem como fotos que demonstram o trabalho que foi realizado ao longo deste programa.

Após este momento, será questionado a cada criança o que gostaram mais e menos nestes encontros, como sabemos a faixa etária não nos permite avaliar com profundidade o impacto que teve este programa de intervenção para elas, contudo através da projeção poderá ser possível. Nesse sentido será proposto às crianças que desenhem um símbolo/desenho de recordação destes encontros (programa de intervenção).

Para terminar o programa de intervenção será realizado um lanche convívio.

Anexo VII - Estrutura Metodológica do grupo de Intervenção 9-15 anos

Sessão 1: Quem somos?



Objetivos gerais:

- 3) Promover a relação entre os participantes e a monitor do grupo;
- 4) Promover a coesão de grupo;
- 5) Apresentar os objectivos de toda a intervenção e motivar para o envolvimento.

Objetivos específicos:

Apresentação do plano das atividades e seus objetivos;
Motivar os participantes para o programa;
Fortalecer as relações do grupo;
Asseverar o respeito pelo grupo e cada um dos participantes pelas regras estabelecidas na intervenção em grupo.

Duração: 60 minutos

Material de apoio para a intervenção em grupo:

Sala de formação do CAT;
Cartolina;
Folhas de papel;
Lápis de cor;
Folha da atividade “Este sou eu”;
Folha (papel cenário);

Procedimento da sessão:

Acolhimento do grupo na sala de formação do CAT e início da sessão. É solicitado aos pré-adolescentes e adolescente que se sentem em círculo; Partilhar dos objetivos gerais e específicos da intervenção, bem como de algumas atividades de forma a motivar os participantes para as sessões seguintes.

Posteriormente será realizada uma atividade com o objetivo de criar um conjunto de regras que garantam o bom funcionamento das atividades (Estas regras serão escritas pelo grupo num cartaz que estará presente em todas as sessões).

Num terceiro momento será realizada uma dinâmica para propiciar um maior conhecimento entre os mesmos e criar uma maior coesão do grupo. Cada participante irá expressar aspetos que a caracterizem de forma a dar-se a conhecer aos restantes elementos do grupo. (Estes aspetos são: nome; símbolo que o represente; qualidade do participante; lugar onde gostaria de estar; como define o CAT; como define a sua família; se pudesse ter uma varinha mágica o que mudaria na sua vida).

Para terminar a sessão é realizada uma dinâmica para fortalecer as relações do grupo e de alguma forma criar um bom ambiente entre todos os participantes e os participantes a monitora do grupo. Esta dinâmica teria uma folha (papel cenário com 1m por 1m) onde seriam representadas palavras como “amizade, união, respeito” através de desenhos e pinturas (digitinta) elaborados pelos pré-adolescentes e adolescente. Isto de forma a compreender como cada um interioriza simbolicamente estas palavras.

Proposta de Trabalho



Dinâmica: “Este Sou Eu”

Material: Uma tira de papel bem larga para cada participante. Lápis de cor.

Objetivo: Propiciar um maior conhecimento entre os participantes. Integração.

Desenvolvimento:

- 1- Distribuir as tiras de papel para os participantes solicitando que escrevam no centro do papel o seu nome de forma bem legível.
- 2- Após cada participante ter escrito o nome, solicitar que desenhe na parte superior direita um símbolo que o represente.
- 3- Feito isso, solicitar que cada participante escreva na parte superior esquerda uma qualidade sua ou uma qualidade que ele mais admira nas pessoas.
- 4- Solicitar que cada participante escreva na parte inferior direita um lugar onde gostaria de estar.
- 5- Na parte inferior esquerda como define o CAT e a sua família.
- 6- Em baixo no centro escrever se pudesse ter uma varinha mágica o que mudaria na sua vida.
- 7- Após todos terminarem, pedir a cada participante que apresente ao grupo o que registrou na sua folha de papel.

Proposta de Trabalho



Amizade	União	Respeito	Grupo
Vencer	Nunca desistir	Família	
Cooperação	Solidariedade		

Representar através do desenho cada palavra para compreender como cada pré-adolescente e adolescente interioriza simbolicamente estas palavras.

Sessão 2: Somos Resilientes!



Objetivos gerais:

- 1) Apresentar o conceito de resiliência.

Objetivos específicos:

Proporcionar um espaço de reflexão sobre a resiliência.

Proporcionar um espaço de reflexão sobre adaptação a novos desafios (através do vídeo).

Duração: 120 minutos

Material de apoio:

Sala de formação;

Computador;

Colunas;

Filme “os croods”

Procedimento da sessão:

Esta sessão inicia com o acolhimento das crianças na sala de formação do CAT. Após este momento apresentar o filme que será visionado: “os croods”, este momento tem como objetivo dar a conhecer/refletir o conceito de resiliência.

“Os croods” é um filme ambientado em plena era pré-histórica; Grug, a esposa Ugga, a avó, o jovem Thunk, a pequena feroz Sandy e a jovem Eep vivem escondidos a maior parte do tempo dentro de uma caverna. São uma família liderada por um pai que morre de medo do mundo exterior. Só que grandes transformações estão para acontecer, pois a adolescente Eep acaba por conhecer o jovem Guy e ele vai apresentar um incrível

mundo novo, para o desespero do pai protetor. Agora, juntos, eles vão enfrentar grandes desafios e se adaptar a uma nova e divertida era.

Esta história demonstra a capacidade de resiliência da família Croods e sobre estas mudanças e capacidades iremos reflectir nesta sessão.

Esta sessão terá apenas como atividade visualização do vídeo, devido à sua duração. Neste sentido a reflexão será realizada na sessão seguinte (explicar aos participantes).



Sessão 3: Tu és mais forte!



Objetivos gerais:

- 2) Estimular a interiorização simbólica do conceito de resiliência.

Objetivos específicos:

Reflexão sobre a importância da resiliência no contexto de vida de cada pré-adolescente.

Duração: 60 minutos

Material de apoio:

Sala de formação;
Computador;
Música “Tu és mais forte”
História a lição da borboleta;
Proposta de trabalho (história);

Procedimento da sessão:

A sessão inicia-se com o acolhimento dos participantes na sala de formação do CAT. Sendo posteriormente convidadas a sentarem-se em círculo. Neste primeiro momento é aberto um espaço de diálogo sobre o filme visualizado na sessão anterior, ou seja, é aberto um espaço onde possam falar do que interiorizaram. Após este momento é relembrado alguns episódios do filme com o intuito de compreender de que forma é que cada participante interiorizou o momento bem como que significado deu a cada situação.

Num segundo momento, escutaremos uma música “*Tu és mais forte*” de Boss Ac. No final desta música o objetivo é refletirmos sobre o significado da música, o que a vida dos participantes do grupo tem de semelhante, bem como que atitude devemos ter perante uma experiência menos boas (atitude resiliente).

Num terceiro momento e de forma a dar continuidade ao tema resiliência, se irá contar uma história “a lição da borboleta”. Esta tem como intuito transmitir que as dificuldades são necessárias para nos fortalecer, que a beleza da fragilidade retém em seu poder a fortaleza de se superar em cada desafio, ou seja, a borboleta para ser forte e poder voar precisa de passar pela dificuldade no casulo, pois só assim terá a força necessária. Nesse sentido é aberto um espaço de reflexão sobre o que cada interpreta desta história e o significado que podem retirar para as suas experiências de vida.

Num último momento, é proposto aos participantes que reflitam e compartilhem sobre episódios, figuras, situações que favorecem a resiliência na sua vida. A fim de interiorizarem a importância da resiliência nas suas vidas. No fim deste momento de reflexão individual irá ser realizado por parte de todos, um cartaz com palavras e desenhos que incidam sobre o tema da resiliência.

Reflexão de situações do filme

O conceito de resiliência familiar abrange a compreensão do bom funcionamento de uma família perante as adversidades da vida, é notável que muitas destas adversidades façam com que os indivíduos saiam com mais forças e mais recursos. O objetivo da resiliência em família deve procurar identificar e implementar os processos chaves que possibilitam que famílias não só lidem mais eficientemente com situações de crise/ desafios mas saiam delas fortalecidas.

Síntese geral do filme:

Uma família que ficou sem casa e teve de se adaptar a um novo ambiente, a uma nova visão do mundo – resiliência a capacidade de resistir e ter êxito frente a desafios críticos da vida.

Excertos:

Minuto 46.26 a 52 (conseguir gerar recursos próprios que permitam responder de forma positiva a crises/situações e desafios de modo a crescer a partir dessas experiências).

Minuto 1.11.36 a 1.23.43 - Resiliência é a capacidade de adaptação, crescimento positivo. Ser perseverante, persistente, nunca perder a esperança.

Minuto 1.24.56 (adaptamo-nos e mudamos consoante as adversidades, todos podemos mudar) – para sermos resilientes também precisamos de um suporte (família, amigos).

Juntos, eles enfrentaram grandes desafios e se adaptaram a uma nova e divertida era.



Proposta de Trabalho



Tu És Mais Forte (feat. Shout) Boss AC

Oh, I think i did it again
Quem sabe não esquece
É como andar de bicicleta

Tu és mais forte e sei que no fim vais
vencer
Sim, acredita num novo amanhecer
Não tenhas medo, sai à rua e abraça
alguém
E vai correr bem, tu vais ver

Tu mereces muito mais
És forte, abanas mas não caís
Mesmo que sintas o mundo a ruir
Quando as nuvens passarem vais ver o
sol a sorrir
A estrada não é perfeita
Apenas uma vida, aproveita
Só perdes se não tentares
E não desistas se falhares
O que não mata engorda
Torna o teu sonho real, acorda
Limpa as lágrimas e luta
Segue o teu caminho e escuta
A voz dentro de ti
As respostas que procuras, dentro de ti
Acredita em ti que tu és
Mais forte e tens o mundo a teus pés

Tu és mais forte e sei que no fim vais
vencer
Sim, acredita num novo amanhecer
Não tenhas medo, sai à rua e abraça
alguém
E vai correr bem, tu vais ver

Um dia tudo fará sentido
E vais ver que terás o prémio merecido

És o que és, não és o que tens
A tua essência não se define pelos teus
bens
Às vezes as pessoas desiludem
Mas não fiques em casa parado à espera
que mudem
Muda tu rapaz
Muda a tua atitude, vais ver ver que és
capaz
E nada te pode parar
Os cães vão ladrar e a caravana a passar
O teu sorriso de vitória no rosto
Nem tudo é fácil mas assim dá mais
gosto
Quando acreditas a força nunca se
esgota
Só a reconheces a vitória se souberes o
que é a derrota
Vais ver que no fim acaba tudo bem
Sai à rua e abraça alguém

Tu és mais forte e sei que no fim vais
vencer
Sim, acredita num novo amanhecer
Não tenhas medo, sai à rua e abraça
alguém
E vai correr bem, tu vais ver

Tu és, tu és, tu és
Mais forte e no fim vais vencer
Tu és, tu és oh oh oh oh

Tu és mais forte e sei que no fim vais
vencer
Sim, acredita num novo amanhecer
Não tenhas medo, sai à rua e abraça
alguém
E vai correr bem, tu vais ver

Tu és, tu és, tu és
Mais forte e no fim vais vencer
Tu és, tu és oh oh oh oh

A lição da borboleta



Era uma vez uma pequena lagarta que iniciou o seu processo de metamorfose para se tornar numa linda borboleta. Enquanto as transformações decorriam esta vivia fechada no seu casulo. Um dia, uma pequena abertura apareceu no casulo, e o homem sentou-se e observou a borboleta por várias horas, conforme ela se esforçava para fazer com que o seu corpo passasse através daquele pequeno buraco. Então ela parou de fazer qualquer progresso. Parecia que ela já avançara o mais que podia, e não conseguia ir mais longe. O homem decidiu, então, ajudar a borboleta: pegou numa tesoura e cortou o restante do casulo. A borboleta saiu facilmente, mas o seu corpo estava murcho, era pequeno e tinha as asas amassadas. O homem continuou a observar a borboleta porque ele esperava que, a qualquer momento, as asas dela se abrissem e esticassem para serem capazes de suportar o peso do seu corpo, que iria se afirmar com o tempo. Mas nada aconteceu, a borboleta passou o resto da sua vida a rastejar com um corpo murcho e as asas encolhidas. Ela nunca foi capaz de voar. O que o homem, em sua gentileza e vontade de ajudar, não compreendia era que o casulo apertado e o esforço necessário para passar através da pequena abertura, eram o modo que fazia para o fluido do corpo da borboleta fosse para as suas asas tornando-a capaz de voar uma vez que estivesse livre do casulo... Algumas vezes o esforço é justamente o que precisamos em nossas vidas. Se fosse possível permitir passar através das nossas vidas sem quaisquer obstáculos, sem quaisquer dificuldades, nos deixaria danificados. Nós não seríamos tão fortes como poderíamos ter sido. Nunca poderíamos voar.

Sessão 4: Quem é a minha Família?



Objetivos gerais:

- 2) Reflexão sobre o núcleo familiar de cada participante (através do genograma);
- 3) Refletir sobre o que cada participante sente relativamente ao afastamento das suas famílias;

Objetivos específicos:

- Reflexão sobre o significado que cada participante dá à sua família;
- Permitir um espaço de escuta e de partilha sobre as suas famílias;
- Reflexão e partilha sobre o afastamento das suas famílias.

Duração: 60minutos

Material de apoio para a sessão:

- Sala de formação;
- Folhas;
- Lápis de cor; canetas;

Procedimento da sessão:

Após o acolhimento das crianças e fazer um breve resumo da sessão anterior, a estagiária solicita que cada criança faça o genograma da sua família/“árvore genológica”. No fim do desenho do genograma será solicitado que falem sobre as suas famílias. Ou seja, será criado um espaço de escuta e de partilha sobre as suas famílias, onde poderão falar sobre o que mais gostavam de fazer em família, o que menos gostavam, que atividades faziam, o que gostariam de fazer e nunca fizeram em família e como se imaginam na possibilidade do regresso à família (o que mudaria).

Num segundo momento, é proposto a cada participante que apresente a sua família, de forma a refletirem um pouco mais sobre cada membro. Após este momento será solicitado que

cada criança desenhe as suas mãos e que em cada dedo mencione o que mais gostam e o que menos gostam na família. Esta atividade tem como intuito transmitir que todos possuímos coisas boas e menos boas, porém temos que valorizar que temos uma família.

Por último e de forma a terminar a sessão, será realizada uma dinâmica que promova interiorização reflexões relativamente ao afastamento das suas famílias (o motivo pelo qual estão no CAT; o que sentem sobre isso).

Proposta de Trabalho

Genograma



Proposta de Trabalho

Procedimento da atividade

Entrega-se uma folha de papel a cada participante e solicita-se que desenhem a mão direita e a mão esquerda. Em cada dedo primeiro da mão direita escreve-se o que gostam na família, e na mão esquerda o que menos gostam na família. No final discute-se de acordo com o que cada um escreveu, salientando que todos possuímos coisas boas e menos boas, porém temos que valorizar que temos uma família.



Sessão 5: Não estamos sozinhos!



Objetivos gerais:

- 2) Reconhecer e refletir sobre as “figuras” e relações protetoras na vida de cada um;
- 3) Compreender o sentido e a experiência de viver no CAT.

Objetivos específicos:

Refletir sobre a importância do amparo, do apoio e das “figuras” que as promovem;

Refletir sobre que significado é que cada participante dá ao CAT, através de um desenho (símbolo).

Duração: 60 minutos

Material de apoio para a sessão:

Sala de formação;
Folhas;
Lápis de cor; canetas;
Lenço

Procedimento da sessão:

Esta sessão inicia-se com o acolhimento das crianças e um breve resumo da sessão anterior. Após este momento é apresentado um vídeo com vários excertos de personagens de desenhos animados, onde passa a mensagem que devemos dar importância a quem está do nosso lado, quem nos ampara, quem nos apoia. A partir deste vídeo será aberto um espaço de reflexão sobre a importância do amparo, do apoio e das “figuras” e relações protetoras na vida de cada um, bem como do apoio que sentem onde vivem (CAT).

Hiperligação do vídeo <http://www.youtube.com/watch?v=lnw95TIZkuM>

Num segundo momento, é visualizado um vídeo “La Luna”. Esta história é com o menino ora imitando os trejeitos daquele que se presume ser o pai, ora o do pretense avô. Mas quando um problema surge, e nem os métodos dos dois mais experientes conseguem resolvê-lo, é a inocência e criatividade da criança que irá abrir caminho.

A metáfora é muito forte, já que também é focado questões de hereditariedade, tradição e quebra de expectativa na linhagem. Mas, ao mesmo tempo, fica claro que, não importa como o trabalho é feito, ele precisa ser feito. E que é essa tradição, muito acima da forma, que funciona como laço entre os três.

Por isso fica muito clara a mensagem de "La Luna", é preciso reverenciar a história, mas é preciso que os jovens encontrem seu próprio caminho e acreditem num futuro melhor.

Hiperligação do vídeo: <http://www.youtube.com/watch?v=Mpi5SaGJyqA>

Por último, será solicitado às crianças que desenhem um símbolo da casa dos sonhos, onde têm de colocar: *a maior fortaleza, aquilo que mais valorizam no CAT; o que menos gostam do CAT; o desejo maior para o CAT; o lema do CAT*. Esta atividade tem como objetivo compreender o sentido e a experiência de viver no CAT.

Proposta de Trabalho



Símbolo da casa dos sonhos

Instruções:

- *Imagem e desenhem o brasão da Família CAT. Deve conter quatro elementos:*
 - *A maior fortaleza, aquilo que mais valorizam no CAT.*
 - *O que menos gostam do CAT.*
 - *O desejo maior para o CAT.*
 - *O lema do CAT.*

Podem usar símbolos, palavras, cores...

Sessão 6: Convívio



Objetivos gerais:

- 2) Avaliar o impacto que esta intervenção teve nas crianças;

Objetivos específicos:

- Relembrar as atividades e o que cada uma significou para cada participante;
- Reflexão dos participantes sobre o programa.

Duração: 30 minutos

Material de apoio para a sessão:

- Sala de formação;
- Fotos;
- Desenhos;
- Lanche.

Procedimento:

Esta última sessão inicia-se com o acolhimento das crianças e um diálogo muito breve sobre o que foi realizado neste programa de intervenção, juntamente com a apresentação de alguns trabalhos realizados pelas crianças, bem como fotos que demonstram o trabalho que foi realizado ao longo deste programa.

Após este momento, será questionado a cada criança o que gostaram mais e menos nestes encontros, como sabemos a faixa etária não nos permite avaliar com profundidade o impacto que teve este programa de intervenção para elas, contudo é importante fazê-lo. Por esse motivo será

entre também um questionário de forma a poder compreender como avaliam estes momentos de interação.

Para terminar o programa de intervenção é transmitido que é importante sermos resilientes, acreditar e praticar a desafiarmo-nos. O conceito fundamental é que o crescimento seja a consequência da adversidade.

Lanche convívio.

Anexo VIII - Avaliação do programa de Intervenção 9-15anos

Avaliação sobre o programa



Para cada uma das seguintes afirmações responde desde “Insatisfeito” até “Muito Satisfeito”, colocando uma cruz no respetivo quadrado.

			
	Insatisfeito	Satisfeito	Muito Satisfeito
1. Estou satisfeito com as atividades realizadas?			
2. As atividades ajudaram-me a falar de assuntos importantes da minha vida?			
3. Os membros do grupo ajudaram-se uns aos outros?			
4. Enquanto membro do grupo partilhei durante as atividades os meus pensamentos, sentimentos e preocupações?			
5. As atividades/reflexões foram importantes para mim?			
6. As atividades/ reflexões ajudaram-me a ter uma atitude resiliente?			

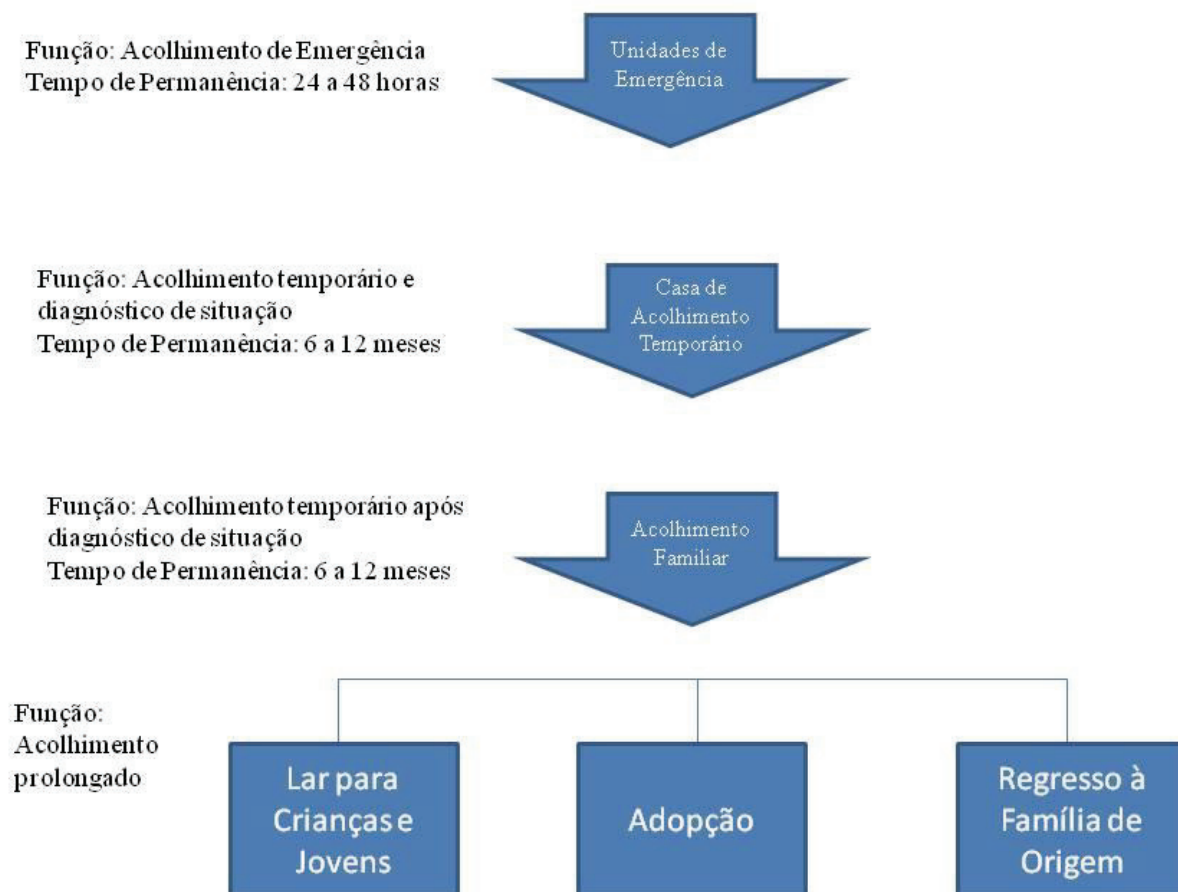
Anexo IX - Entrevista ao grupo 9-15 anos (avaliar impacto)

Guião de entrevista de Avaliação

Programa de Intervenção (10-15anos)

1. Que momento ao longo dos seis encontros que tivemos, foi mais importante e/ou intenso?
2. As atividades, as conversas, as reflexões que tivemos em que te ajudaram para refletir sobre a tua vida e às relações com as pessoas?
3. As atividades, as conversas e as reflexões em que te ajudaram relativamente às tuas atitudes perante a vida?
4. O conceito de resiliência, em que te ajudou a refletir sobre a tua experiência na Casa dos Sonhos?
5. De que forma foi importante falarmos da tua família?

Anexo X - Sistema Nacional de acolhimento e acolhimento infantil e juvenil realizado com o intuito de funcionar em rede



Anexo XI - Estrutura Metodológica da ação de formação “A importância do acolhimento. Percursos operacionais”.

Sessão 1: Fazemos parte de um bom acolhimento



Objetivos Gerais:

- 1) Dar a conhecer o Programa de Atividades aos colaboradores;
- 2) Compreender a importância do Acolhimento.

Objetivos Específicos:

- Apresentação do plano das atividades e seus objetivos;
- Motivar os participantes para a formação;
- Reflexão sobre a importância do Acolhimento e o que este implica numa criança.

Duração: 90minutos

Material de apoio necessário para a formação:

- Canetas;
- Computador;
- Retroprojektor;
- Colunas;
- Folhas;
- Sala de formação do CAT;
- Vídeo;
- Música de Mafalda Veiga;
- Proposta de trabalho sobre o acolhimento;
- Apresentação PowerPoint sobre o Acolhimento;
- Proposta de trabalho sobre o acolhimento para a próxima sessão.

Procedimento da sessão:

A monitora acolhe o grupo na sala de formação do CAT e dá início à sessão fazendo uma breve exposição do Programa de atividades da formação, com o intuito de poder dar a conhecer como também esclarecer eventuais dúvidas. Esta apresentação do Programa será realizada através do PowerPoint, bem como através de um folheto onde estão descritos os horários, os objetivos gerais, como as sessões (é importante referir em que contexto surgiu esta formação, explicando assim que foi através do levantamento de necessidades que se achou impertinente refletir sobre o acolhimento e tudo que envolve).

Seguidamente, a monitora do grupo apresenta dois vídeos com o intuito de refletirem sobre o que observaram. O primeiro vídeo diz respeito a uma chamada de atenção relativamente ao direito do bem-estar das crianças, bem-me-quer ou mal-me-quer. Pode-se refletir através deste vídeo sobre o que realmente queremos no acolhimento das crianças no CAT e o que se pode fazer para que o bem-estar prevaleça. Ainda neste vídeo o Não à Violência é salvaguardado, violência física e psicológica, neste sentido é importante refletir sobre como agir caso a criança acolhida tenha sofrido danos psicológicos ou físicos.

1º Vídeo: <http://www.youtube.com/watch?v=ANqFaWCJif0>

Quanto ao segundo vídeo, este terá imagens (fotos) de momentos realizados no CAT entre as colaboradoras e as crianças acolhidas como: o dar de comer, o banho, o brincar, o colo, o vestir, o levar à escola. Estas imagens terão como intuito ressaltar a importância dos pequenos gestos que cada colaboradora partilha com cada criança e a importância que cada gesto tem para melhorar a qualidade de vida de cada criança. Este vídeo terá algumas frases com o objetivo de pôr a refletir o grupo de participantes sobre momentos fundamentais no acolhimento (este vídeo será realizado por parte da monitora, também com a contribuição de algumas filmagens do trabalho realizado pelo anterior estagiário João Maia).

Após este momento, será solicitado às colaboradoras que reflitam sobre o acolhimento institucional, ou seja, será uma tarefa onde a monitora do grupo levanta algumas questões de reflexão sobre os seus acolhimentos, sobre o que será um bom acolhimento, entre outras questões. Essas respostas serão escritas num cartaz de forma a ser visível as suas reflexões. Esta atividade terá inicialmente uma apresentação de uma música que será entregue a cada colaboradora em papel e será ouvida, este momento tem como objetivo refletirem sobre o

significado da música e onde possam englobar o significado do acolhimento. Esta atividade de forma geral permite compreender a visão que cada uma das participantes tem relativamente a um bom acolhimento, mas também permite que ao fim seja feita uma partilha sobre as suas respostas de forma a podermos compreender em conjunto o que se poderá melhorar ou continuar a fazer.

Por último, a monitora do grupo apresenta através do PowerPoint alguns aspetos teóricos sobre o acolhimento e a sua importância, para que se possa em grupo refletir sobre este tema e de alguma forma interligar as reflexões anteriormente realizadas por parte das colaboradoras. Ao longo desta apresentação a monitora irá realizar uma dinâmica que é realizada através de questões ao longo da apresentação sobre os seus acolhimentos: “ Lembra-se do seu primeiro acolhimento na instituição? Como foi esse acolhimento, aspetos positivos e a melhorar”; “Qual foi o seu último acolhimento, aspetos positivos e a melhorar”.

Em jeito de conclusão da sessão será aberto um espaço onde se possam dialogar em conjunto sobre a sessão, de forma a refletir sobre: o que tiramos de positivo desta sessão, o que é importante refletir, mas também a responder a eventuais dúvidas que possam surgir no final desta sessão.



SOMOS PARTE DO MUNDO



Dr.ª Patrícia Martinho

Correio eletrónico: patricia9.psic@gmail.com

AÇÃO DE FORMAÇÃO



A importância do Acolhimento

“As crianças não são lousas das quais o passado pode ser apagado com uma esponja, e seres humanos, que carregam consigo suas experiências anteriores e cujo comportamento presente é profundamente influenciado por tudo o que se passou”.

antes.”

Apresentação:

Esta atividade de ação de formação visa apresentar a importância que o bom acolhimento institucional tem não só para a criança relativamente ao seu presente e ao seu futuro, mas também a importância que se deve dar às famílias da criança institucionalizada.

Objetivos Gerais:

- Maior conhecimento sobre a práticas de acolhimento através de uma base teórica;
- Reflexões que enquanto equipa e enquanto grupo podem ajudar num maior bem-estar na criança acolhida.

Sessão 1

Fazemos parte de um bom acolhimento

Objetivos Gerais:

- Dar a conhecer o Programa de Atividades aos colaboradores;
- Compreender a importância do Acolhimento.

Sessão 2º

De mãos dadas

Objetivos gerais:

- Introduzir a reflexão sobre a resiliência e tudo aquilo que a pode promover.

Sessão 3º

Construir para fortalecer

Objetivos Gerais:

- Construir estratégias/instrumentos de apoio para o acolhimento institucional de uma criança.
- Avaliação por parte dos colaboradores de toda a formação.

“A grandeza de uma profissão é talvez, antes de tudo, unir os homens: não há senão um verdadeiro luxo e esse é o das relações humanas.

Antoine de Saint-Exupéry”

Música Mafalda Veiga

“Olha pra mim
Deixa voar os sonhos
Deixa acalmar a tormenta
Senta-te um pouco aí

Olha pra mim
Fica no meu abrigo
Dorme no meu abraço
E conta comigo
Que eu estarei aqui

enquanto anoitece,
enquanto escurece
e os brilhos do mundo
cintilam em nós
enquanto tu sentes
que se quebrou tudo
eu estarei
sempre que te sentires só

Olha pra mim
Hoje não há batalhas
Hoje não há tristeza
deixa sair o sol

Olha pra mim
fica no meu abrigo
perde-te nos teus sonhos
e conta comigo

enquanto anoitece,
enquanto escurece
e os brilhos do mundo
cintilam em nós
enquanto tu sentes
que se quebrou tudo
eu estarei sempre
que te sentires só

enquanto anoitece,
enquanto escurece
e os brilhos do mundo
cintilam em nós
enquanto tu sentes
que se quebrou tudo
eu estarei sempre
que te sentires só

eu estarei sempre
que te sentires só”

A importância dos pequenos grandes gestos

A instituição família é encarada o lugar mais importante para o desenvolvimento dos laços afetivos do indivíduo;

Acolher uma criança significa acompanhá-la;

Ajudá-la a viver o presente...sobretudo fazê-la olhar sem medo o futuro;

Os pequenos gestos valem mais do que mil palavras;

A família institucional oferece estabilidade a uma criança sem pretender mudar a sua identidade pessoal e familiar;

Acolher significa compreender que um dia a despedida não é um drama mas um sinal de dever cumprido sabendo que não fica um vazio mas uma história cheia de momentos inesquecíveis;

Com o acolhimento institucional não só protegemos as crianças mas também estamos a dar oportunidade de mudança a uma família.

Somos parte do mundo destas crianças/jovens.

Proposta de Trabalho



Como definem um bom acolhimento institucional?

Que mensagem poderemos retirar para um acolhimento na música da Mafalda Veiga?

Se pudéssemos melhorar o momento do acolhimento o que faríamos?

Características que deve ter um acolhimento?

Acolhimento Institucional

Ação de Formação - CAT

Lei de Proteção de Crianças e Jovens em Perigo

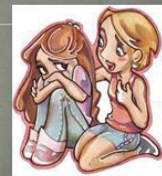
"Art. 49º refere:

- "consiste na colocação da criança ou jovem aos cuidados de uma entidade que disponha de instalações e equipamento de acolhimento permanente e de uma equipa técnica que lhes garanta os cuidados adequados às suas necessidades e lhes proporcionem condições que permitam a sua educação, bem-estar e desenvolvimento integral"

"As crianças não são lousas das quais o passado pode ser apagado com uma esponja, e sim seres humanos, que carregam consigo suas experiências anteriores e cujo comportamento presente é profundamente influenciado por tudo o que se passou antes."



"Para a criança/jovem que se encontra afastada do meio familiar de origem, as pessoas que trabalham na instituição são para ela vistas como figuras de referência e agentes de confiança e segurança".



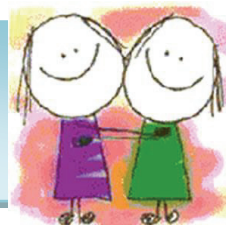
"Os profissionais que integram equipas técnicas e educativas nas diversas instituições de acolhimento devem estabelecer uma relação de confiança e segurança, entre as crianças e profissionais, de modo a que se verifique respeito, disponibilidade, proteção, afetividade e compreensão".



- ☐ Refletir
- ☐ Comunicar
- ☐ Partilhar
- ☐ Ser Grupo
- ☐ Agentes de confiança
- ☐ Ser disponível

Bom Trabalho !

Sessão 2º: De mãos dadas



Objetivos Gerais:

- 1) Introduzir a reflexão sobre a resiliência e tudo aquilo que a pode promover.

Objetivos Específicos:

Refletir sobre a importância da coesão de uma equipa/grupo;

Refletir sobre conceito de resiliência e o que pode este conceito auxiliar as crianças institucionalizadas;

Duração: 90 minutos

Material de apoio necessário para a formação:

Canetas;

Computador;

Retroprojektor;

Colunas;

Folhas;

Sala de formação do CAT;

Caso de um acolhimento para reflexão;

Dinâmica sobre Ser Grupo;

Apresentação PowerPoint sobre as relações /modelo relacional

Vídeo sobre trabalho em equipa;

Procedimento da sessão:

Esta segunda sessão inicia-se com um resumo da sessão anterior, onde também é aberto um espaço para eventuais dúvidas que tenham surgido, ou reflexões que queiram partilhar.

Após este momento, é proporcionada uma dinâmica com o intuito de refletirem sobre a coesão de grupo e a importância que esta tem para um melhor funcionamento do CAT, mas sobretudo para um melhor acolhimento das crianças. Esta dinâmica transmite a importância de em equipa poder alcançar um melhor resultado; que se um dos membros tiver menos bem todo o grupo irá sentir, ser um grupo é ser uma equipa que quando vencem, não é apenas ele quem vence, de certa forma, termina o trabalho de um grupo enorme de pessoas; ninguém consegue realizar nada sem a colaboração de outro. Para terminar esta reflexão é apresentado um vídeo a fim de interiorizarem a importância da coesão de grupo (<https://www.youtube.com/watch?v=-B14YsJpPCU>).

Dando continuação à sessão, é questionado ao grupo se conhecem a palavra resiliência e o significado desse conceito para elas (colaboradoras). As respostas serão colocadas numa cartolina a fim de poderem ser visíveis.

Após ouvir as formandas, criam-se grupos a fim de poder realizar uma dinâmica. A dinâmica consiste em apresentar várias frases sobre a resiliência e espalha-las, solicitando que cada grupo escolha uma frase e reflita sobre ela. No fim será solicitado que leiam as suas frases e partilhem as suas reflexões.

Dando sequência ao tema de resiliência e de forma a poder mais uma vez proporcionar um momento de reflexão é apresentada uma música a fim que cada grupo reflita sobre o significado da música “Restolho – Mafalda Veiga” e o que esta tem a ver com o conceito de resiliência/acolhimento.

A fim de as formandas poderem interiorizar o significado de resiliência é proporcionada ainda uma dinâmica de grupo (palitos e plasticina). Esta tem como intuito refletirem que a resiliência é a capacidade de superar desafios que aparecem ao longo da vida, sendo um conceito valioso. Bem como, se tivermos o suporte de outros teremos uma melhor capacidade de sermos resilientes.

Para dar término as reflexões em grupo é apresentada/ contada uma história “a lição da borboleta”. Esta tem como intuito transmitir que as dificuldades são necessárias para nos

fortalecer, que a beleza da fragilidade retém em seu poder a fortaleza de se superar em cada desafio, ou seja, a borboleta para ser forte e poder voar precisa de passar pela dificuldade do casulo, pois só assim terá a força necessária. Nesse sentido é aberto um espaço de reflexão sobre o que cada elemento interpreta desta história e o significado que podem retirar para as suas experiências de acolhimento.

Para terminar, é apresentado em PowerPoint o conceito de resiliência. Esta apresentação tem como objetivo fazer com que as colaboradoras compreendam/ reflitam este conceito e possam de alguma forma trabalhar a resiliência com as crianças. Pois, sabendo que a resiliência depende assim, do contexto e da forma como se olha para o momento menos positivo (crise), poderão ajudar as crianças a olharem de outra forma esses momentos. Para terminar será importante transmitir a este grupo que para podermos praticar a resiliência temos de ter um suporte de outros, porque só assim o indivíduo poderá ter força/ ser resiliente.

Antes da despedida da estagiária ao grupo, será realizada uma síntese da sessão. Após esse momento é aberto um espaço de reflexão/avaliação pessoal para poderem partilhar em grupo sobre a sessão.

Por fim é proposto ao grupo uma tarefa para realizarem em casa de forma a podermos dialogar sobre a mesma na próxima sessão. A tarefa será simples, será solicitando às formandas que criem o Brasão Familiar do CAT. Esta tarefa tem como objetivo podermos na sessão seguinte refletir sobre como as formandas olham para o CAT. O brasão familiar do CAT será realizado na 3ª sessão onde todos poderão criar o brasão definitivo do CAT.

De mãos dadas

Material necessário: papel, canetas

É proposta uma dinâmica com uma maior interação/coesão entre os participantes. Faz-se um círculo de mãos dadas com todos os participantes e é pedido para que cada um decore exatamente a pessoa em quem vai dar a mão direita e a mão esquerda. Em seguida pede-se que todos larguem as mãos e caminhem aleatoriamente, passando uns pelos outros. Ao sinal, a estagiária solicita que todos se abracem no centro do círculo “bem juntinho”. Então, solicita que todos se mantenham nesta posição como estátuas, e em seguida deem as mãos às respectivas pessoas que estavam de mão dadas anteriormente (sem sair do lugar). Então pede para que todos juntos, tentem abrir a roda, podendo: passar por baixo, girar e saltar mas nunca largar as mãos.

O efeito é que todos juntos, tentem fazer o melhor para que esta roda fique totalmente aberta. No fim não importa se alguém fique de costas, a importância e o que se tenta transmitir é que com o trabalho de equipa e todos a “remarem para o mesmo lado” terão sucesso.

Frases:

“ A capacidade de resistir e se recuperar da crise e adversidade prolongada é um fortalecimento com mais recursos” – Froma Walsh.

“ Uma resposta global em que estão em jogo os mecanismos de proteção, entendendo por estes não a valência contrária aos fatores de risco, mas aquela dinâmica que permite ao indivíduo sair fortalecido da adversidade, em cada situação específica, respeitando as características pessoais” – Rutter.

“ Um processo dinâmico que tem como resultado a adaptação positiva em contextos de grande adversidade” – Luthar et al.

“ O fenómeno chamado resiliência é entendido como a capacidade do ser humano de enfrentar as adversidades da vida, superá-las e ser transformado positivamente por elas” – Munist et al.

“ A resiliência remete a uma combinação de fatores que permitem a uma criança, a um ser humano enfrentar e superar os problemas e as adversidades da vida” – Suárez Ojeda.

“ Resilientes é um processo ativo de resiliência, auto-correção e crescimento, resposta a crises e desafios da vida” – Froma Walsh.

Restolho
Mafalda Veiga

Geme o restolho, triste e solitário
a embalar a noite escura e fria
e a perder-se no olhar da ventania
que canta ao tom do velho campanário

Geme o restolho, preso de saudade
esquecido, enlouquecido, dominado
escondido entre as sombras do montado
sem forças e sem cor e sem vontade

Geme o restolho, a transpirar de chuva
nos campos que a ceifeira mutilou
dormindo em velhos sonhos que sonhou
na alma a mágoa enorme, intensa, aguda

Mas é preciso morrer e nascer de novo
semear no pó e voltar a colher
há que ser trigo, depois ser restolho
há que penar para aprender a viver

e a vida não é existir sem mais nada
a vida não é dia sim, dia não
é feita em cada entrega alucinada
prá receber daquilo que aumenta o coração

Geme o restolho, a transpirar de chuva
nos campos que a ceifeira mutilou
dormindo em velhos sonhos que sonhou
na alma a mágoa enorme, intensa, aguda

Mas é preciso morrer e nascer de novo
semear no pó e voltar a colher
há que ser trigo, depois ser restolho
há que penar para aprender a viver

e a vida não é existir sem mais nada
a vida não é dia sim, dia não
é feita em cada entrega alucinada
prá receber daquilo que aumenta o coração

Dinâmica 1):

É entregue a cada formanda um palito e é solicitado que o partam. De seguida é entregue dois palitos e é solicitado que voltem a parti-los. Por fim é solicitado ao grupo um elemento à escolha, e serão entregues vários palitos pedindo que os tente partir. Nota: Como sabemos não conseguirá parti-los todos, a mensagem que se transmite é: com pessoas ao nosso lado somos mais fortes somos capazes de ser mais resilientes, por isso, para que as crianças do CAT possam ser resilientes é importante que tenham o apoio necessário “ser resiliente é ter o suporte dos outros só assim teremos a força necessária para ultrapassarmos as adversidades”.

Dinâmica 2):

É entregue a cada formanda plasticina, solicitando que cada uma possa formar algo com ela. Após esse momento é pedido que “partam”/”estraguem”/ “dividam” o que fizeram. Após este momento que voltem a construir o que tinham feito. No fim desta dinâmica é pedido que reflitam e partilhem essas mesmas reflexões.

Nota: Como se sabe o que construíram e foi destruído fez despoletar “o porque de tanto trabalho para ser destruído” mas foi dada a possibilidade de reconstruirmos novamente. É como ser resiliente podemos cair, podemos-nos confrontar com adversidades, mas é importante acreditarmos em si próprios olhando e aprendendo com aquele cair como um fortalecimento, algo que no presente ou no futuro nos pode ajudar ou podemos construir de forma mais sólida e diferente.

“ NÓS SOMOS CAPAZES DE SUPERAR-NOS”



Era uma vez uma pequena lagarta que iniciou o seu processo de metamorfose para se tornar numa linda borboleta. Enquanto as transformações decorriam esta vivia fechada no seu casulo. Um dia, uma pequena abertura apareceu no casulo, e o homem sentou-se e observou a borboleta por várias horas, conforme ela se esforçava para fazer com que o seu corpo passasse através daquele pequeno buraco. Então ela parou de fazer qualquer progresso. Parecia que ela já avançara o mais que podia, e não conseguia ir mais longe. O homem decidiu, então, ajudar a borboleta: pegou numa tesoura e cortou o restante do casulo. A borboleta saiu facilmente, mas o seu corpo estava murcho, era pequeno e tinha as asas amassadas. O homem continuou a observar a borboleta porque ele esperava que, a qualquer momento, as asas dela se abrissem e esticassem para serem capazes de suportar o peso do seu corpo, que iria se afirmar com o tempo. Mas nada aconteceu, a borboleta passou o resto da sua vida a rastejar com um corpo murcho e as asas encolhidas. Ela nunca foi capaz de voar. O que o homem, em sua gentileza e vontade de ajudar, não compreendia era que o casulo apertado e o esforço necessário para passar através da pequena abertura, eram o modo que fazia para o fluido do corpo da borboleta fosse para as suas asas tornando-a capaz de voar uma vez que estivesse livre do casulo... Algumas vezes o esforço é justamente o que precisamos em nossas vidas. Se fosse possível permitir passar através das nossas vidas sem quaisquer obstáculos, sem quaisquer dificuldades, nos deixaria danificados. Nós não seríamos tão fortes como poderíamos ter sido. Nunca poderíamos voar.

RESILIÊNCIA

II Ação de Formação – CAT



Resiliência

“A capacidade de resistir e se recuperar da crise e adversidade prolongada fortalecido e com mais recursos”.



Crise

Desafio + Oportunidade

Resiliência

Lidar + Adaptação + Crescimento Positivo

Mais do que sobreviver;
Capacidade de prosperar



Resiliência Relacional Apoio Mútuo

Resiliência é sustentada em relacionamentos:

Para superar a adversidade, os indivíduos precisam de relações na sua vida;

Figuras de referência que:

- ✓ Acredite no seu valor e potencial;
- ✓ Afirme os seus pontos fortes, habilidades;
- ✓ Inspire esperanças e sonhos;
- ✓ Incentiva melhores esforços;
- ✓ Veja fracassos como oportunidades de aprendizado, crescimento e celebra sucessos.



Sistema familiar multigeracional:
procurar influências positivas



Resiliência Familiar

- ✓ Esforço de equipa
- ✓ Colaboração
- ✓ Apoio mútuo

Reorientar a partir de problemas



- ✓ Quem pode suportar? Como?
- ✓ Reformular os problemas como obstáculos a superar
- ✓ Tomar medidas ativas - perseverar para fins



Abandonar a Esperança → Ter esperança

*"Um herói é aquele que faz o melhor das coisas,
no pior dos tempos, tendo todas as oportunidades".*

Joseph Campbell

- ✓ Apoio
- ✓ Superação
- ✓ Adaptação
- ✓ Crescimento Positivo



SER RESILIENTE
BOM TRABALHO!

Proposta de Trabalho para Casa

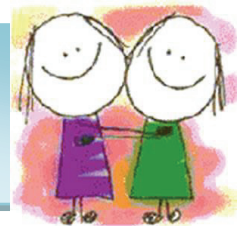
Brasão Familiar do CAT

Instruções:

- *Imagem e desenhem o brasão da Família CAT. Deve conter quatro elementos:*
 - *A maior fortaleza, aquilo que mais valorizam no CAT.*
 - *A maior fragilidade, aquilo que acham mais problemático.*
 - *O desejo maior para o CAT.*
 - *O lema do CAT.*

Podem usar símbolos, palavras, cores...

Sessão 3º: Construir para fortalecer



Objetivos Gerais:

- 1) Construir estratégias de apoio para o acolhimento institucional de uma criança.
- 2) Avaliação por parte dos colaboradores de toda a formação.

Objetivos Específicos:

Partilha de reflexões/ ideias sobre ferramentas de apoio a serem construídas para o acolhimento.

Realização de algumas ferramentas de apoio.

Avaliação da formação.

Material de apoio necessário para a formação:

Canetas;

Sala de formação do CAT;
Ficha de avaliação sobre a formação;
Certificado da formação.

Procedimento da sessão:

Nesta sessão é solicitado aos participantes a partilha do trabalho que foi solicitado para casa. Após este momento é proposto aos participantes a realização em conjunto de um Brasão Familiar do CAT. Esta tarefa tem como intuito criar um elo entre todos, ou seja, sendo um brasão um desenho que representa a arma de defesa, o CAT terá um símbolo que foi criado para demonstrar a força como lutam para dar o melhor pelas crianças institucionalizadas. Neste momento é ainda aberto um espaço para reflexões sobre como é que as crianças institucionalizadas deviam de olhar para o CAT e o que fazer para que isso aconteça.

Dando continuidade á última sessão da formação será aberto um espaço para a partilha de reflexões e ideias sobre eventuais ferramentas de apoio para o momento do acolhimento e dias consequintes. Esta tarefa é colmatada com a possibilidade realizar algumas das ferramentas ainda na sessão.

Posteriormente, será feita uma reflexão das sessões anteriores e tudo que foi trabalho nesta formação (síntese dos pontos essências de cada sessão – acolhimento institucional, afeto, significados, reflexões, trabalho de grupo, resiliência).

Assim e de modo de finalizar a formação, será solicitado aos participantes o preenchimento de uma ficha com o intuito de avaliarem esta formação. Esta atividade tem como objetivo poderem ajudar a estagiária a compreender o que fez de positivo e o que poderá melhorar em futuras formações.

Para terminar será realizado um lanche convívio, onde serão entregues os certificados de participação.



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
CENTRO DE ACOLHIMENTO TEMPORÁRIO—APAC



CERTIFICADO

Certifica-se que _____ participou

na Ação de Formação subordinada ao tema: *"A IMPORTÂNCIA DO ACOLHIMENTO"* realizada nos

dias 25 de Abril e 9, 23 de Março de 2014 com a duração total de 4 horas e 30 minutos.

Barcelos, 23 Abril de 2014

PATRÍCIA NOVAIS MARTINHO
FORMADORA-ESTAGIÁRIA DE PSICOLOGIA DA FAMÍLIA

DOUTORA VÂNIA GONÇALVES
COORDENADORA CENTRO DE ACOLHIMENTO TEMPORÁRIO—APAC

Anexo XII -Avaliação sobre a formação (impacto)

Avaliação sobre a formação



Esta formação em que é que ajudou a nível profissional

Os temas abordados na formação foram ao encontro das suas necessidades/interesses?

Enquanto membro do grupo, de que forma colaborou para uma melhor qualidade para a formação?

De que forma a formação ajudou proporcionar um melhor acolhimento?

As estratégias/ instrumentos realizados pelo grupo para o momento de acolhimento forma importantes? De que forma pode ajudar?

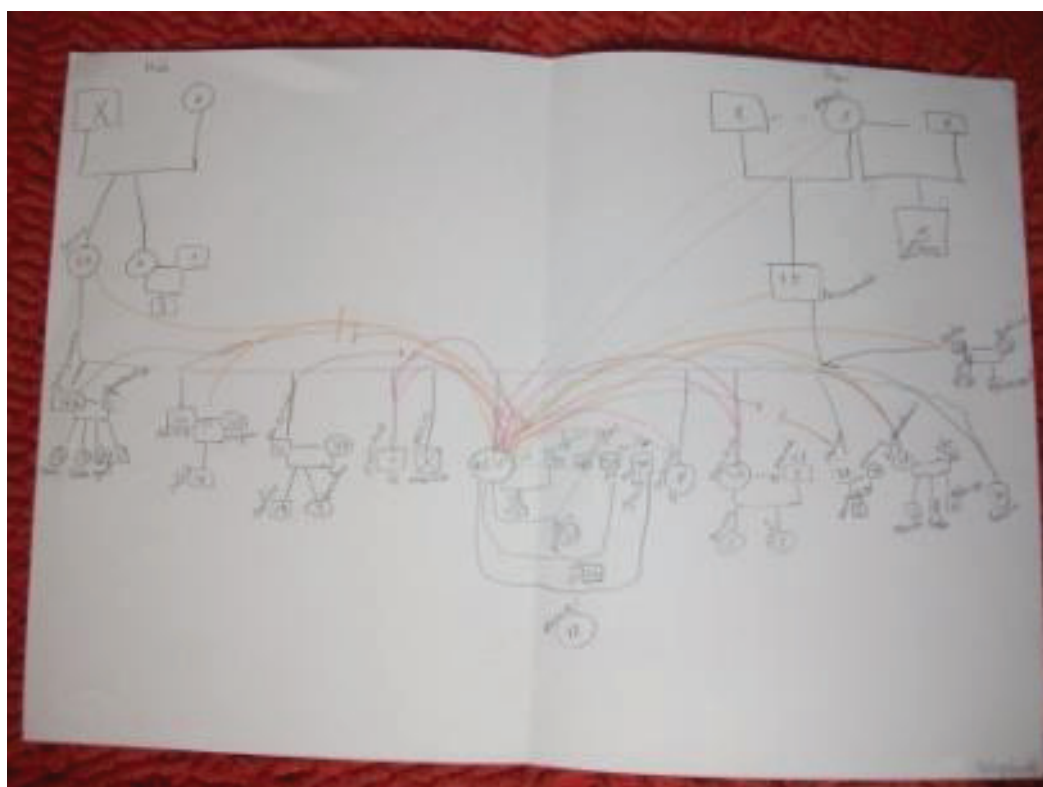
Enquanto membro do grupo de que forma é que esta formação pode ter contribuído para uma maior coesão do grupo?

O que melhoraria nesta formação?

(Caso queira acrescentar algo a esta avaliação)

Obrigada pela sua colaboração!

Anexo XIII - Genograma



Anexo XIV - Notas de consulta

Notas de Consulta Psicológica

Atendimento nº: 1

Data do Atendimento: 3 de Abril de 2014

Duração do atendimento: 60 minutos aproximadamente

<i>Pedido/Motivo do atendimento</i>
--

M.L. de 37 anos de idade, é encaminhada para o Serviço de Psicologia do CAT da APAC em resultado da avaliação diagnóstica inicial no que se refere à dinâmica relacional entre mãe e filho e à existência de disfuncionalidade nas práticas parentais.

<i>Objetivos do atendimento</i>
--

Informar e esclarecer sobre o formato das sessões de acompanhamento psicológico.

Solicitar o consentimento verbal para a colaboração da Psicóloga Estagiária na intervenção;

Apresentar os objetivos para a intervenção;

Recolher informações acerca da atual situação familiar e das relações familiares;

Aplicar escala de avaliação do comportamento da criança.

<i>Descrição do atendimento</i>
--

História de vida

M.L., mãe de um jovem acolhido no Centro de Acolhimento Temporário, V., com 16 anos de idade. Proveniente de uma família com um nível sócio-económico baixo e de uma fratria de oito irmãos, M.L. é a filha mais velha do sexo feminino. No momento atual, os seus pais encontram-se divorciados, embora continuam a coabitar no mesmo espaço habitacional. M. L. na atualidade encontra-se responsável pelo acompanhamento dos seus pais, a sua mãe de 68 anos de idade e o seu pai de 75 anos de idade, com alguma dependência física por parte da sua mãe.

No momento da recolha de informação acerca da sua história de vida, M.L. apresentou-se em alguns momentos bastante tensa e emotiva, no entanto disponível em partilhar a sua história de vida.

Aquando da caracterização dos seus pais, M.L. descreve-os como um casal pouco afetivo e de relações conflituosas entre si (o que estiveram na base da separação do casal, contudo continuaram a viver na mesma residência) e os próprios filhos. De acordo com a mesma, as interações entre os seus progenitores e M.L. nunca foram afetuosas, mas sim alcançando mesmo um nível de agressão físico e psicológico sobre si. O seu progenitor tem atualmente 75 anos de idade, apresentando um quadro de alcoolismo e de violência, já a sua progenitora tem atualmente 68 anos de idade.

Relativamente à fratria, M.L. descreve relações de pouca proximidade com alguns dos seus irmãos, um dos motivos que fez com que subsistisse este afastamento, está relacionado com o facto de o pai ser um indivíduo agressivo com os seus filhos, o que despoletou a saída dos mesmos de casa dos progenitores. Contudo é de salientar que M.L. detém uma relação positiva e afetiva com o seu irmão A. que atualmente vive em Angola (mantém uma relação significativa através de contactos telefónicos). Esta realça também a sua irmã S. (madrinha de V.) descrevendo-a como o seu maior apoio emocional/afetivo, residente de F. Por último o seu irmão mais novo P. de 29 anos que atualmente reside na Suíça (mantém uma relação significativa através de contactos telefónicos).

Aos 16 anos M.L. engravidou do seu namorado, com quem descreve uma relação pouco estável. Esta relação terminou, segundo a mesma, devido ao facto de ter sido uma gravidez não planeada e não desejada por parte do namorado: *“desapareceu e ainda bem, estava metido na droga, foi melhor para nós, mas claro tive de crescer á força”* (cit, M.L.). Quanto a esta gravidez (F.), M.L. descreve este período como sendo difícil, quer pela desresponsabilização do companheiro, quer pelo facto da sua família não lhe garantir o apoio emocional necessário nesse momento.

Acrescenta um outro fator que relembra, nesse período de tempo, como perturbador na sua história crime de homicídio cometido pelo seu progenitor, tendo a mesma testemunhado este momento com a presença do seu filho já nascido, bem como os restantes irmãos e progenitora. Atualmente refere que o progenitor justifica esse crime como um ato de proteção à sua família, facto a que a mesma exprime discordância pois o percebe como uma pessoa violenta e impulsiva. Na recordação destes episódios e sentimentos vivenciados, M.L. demonstrou-se

emocionada e fragilizada, recordando-os como momentos perturbadores no seu desenvolvimento.

Vivendo uma situação de abandono emocional pelos elementos familiares, decide sair da habitação dos progenitores e na companhia do seu filho optou por viver para a cidade de B., iniciando uma nova relação afetiva com um indivíduo do qual engravida de V. e que, pela segunda vez, foi abandonada e surpreendida pelo facto desse indivíduo ser casado, não chegando sequer a assumir a paternidade. Em contrapartida, sentiu-se mais apoiada por parte dos seus pais e irmãos, que a confortaram perante esta nova situação.

Questionada acerca do seu percurso profissional, M.L. refere ter trabalhado no campo desde muito nova, iniciando um trabalho como operária fabril já nascidos os seus dois primeiros filhos. A mesma refere ainda que este trabalho como operária fabril não proporcionava muitos momentos com os seus filhos, ficando estes aos cuidados da avó e da tia materna. Neste trabalho, conhece o atual companheiro que na altura se encontrava casado e com duas filhas menores. Durante um ano desenvolveram uma relação mais próxima e decidem assumir a sua relação amorosa até à atualidade, referindo “*tinha o meu apoio e eu tive o meu abrigo*” (cit. M.L.). Desta relação nasceu a terceira filha de M.L. (M.) atualmente com 12 anos de idade.

M.L. recorda como episódio difícil da sua vida, o dia em que a sua mãe sofre um AVC. Este momento descreve-o como um acontecimento perturbador que terá provocado mudanças significativas na sua vida, nomeadamente a perda da sua autonomia familiar, com a obrigatoriedade de voltar a viver na habitação dos seus progenitores, chegando a referir “*voltei ao inferno, e tudo começou a piorar*” (cit. M.L.). Esta decisão deveu-se à motivação dos seus três filhos e o companheiro.

Esta mudança, de acordo com M.L., fez com que a sua família nuclear sofresse transformações, sobretudo por parte do seu filho V. Refere que este começou a identificar como principal figura de referência o seu avô e não o seu companheiro que assumiu o papel parental e que identificava como pai, facto que considera como prejudicial na história de vida do Vítor dado que o mesmo deixou de percecionar os progenitores como figuras de autoridade, desenvolvendo trajetórias desviantes e comportamentos desajustados nos diferentes contextos de vida que culminaram no processo de institucionalização.

Observação não-verbal:

Ao longo do atendimento M.L. revela-se uma pessoa bastante emotiva e por vezes tensa face à descrição das relações com a sua família nuclear. Contudo, demonstrou ser uma pessoa motivada e disponível para eventuais reflexões que favoreçam a mesma e o seu filho V..

M.L. mostrou uma atitude um pouco retraída no início do atendimento, porém veio-se a alterar demonstrando um à vontade e um envolvimento positivo relativamente às interações com a Psicóloga.

Reflexão pessoal:

A primeira sessão tem uma importância elementar, visto que representa o primeiro encontro onde o objetivo central é criar uma atmosfera favorável para uma colaboração aberta e uma confiança recíproca desde o início (Andolfi, 1981). Deste modo, após uma reflexão salientamos que este encontro foi bastante importante não só para M.L., mas para nós também. Isto porque, para M.L. houve uma clarificação do que se pretendia com estes atendimentos e onde foi possível um momento de reflexão face à sua história de vida (momento importante de confiança). Já para nós este atendimento exigiu uma escuta mais ativa, tentando estar atenta ao que era dito tanto pela Dr.^a Vânia como por M.L., aliando o verbal como também o não-verbal.

No entanto, houve alguns fatores que nos mantiveram com algum receio relativamente a este atendimento, nomeadamente a aceitação ou não de M.L. à nossa presença (o facto de estarmos a observar, poderia causar algum incómodo e uma não abertura de M.L.) e o estarmos atentos a todos os pormenores (verbal, não verbal tanto de M.L. como da Dr.^a Vânia). Contudo, é importante referir que estes receios deveram-se a ser a sua nossa observação de um atendimento individual que eventualmente daremos continuidade.

Síntese integradora do atendimento:

Uma vez realizada a recolha de informação num primeiro atendimento, houve a necessidade de refletir sobre o mesmo com o intuito de poder realizar um segundo atendimento de forma consistente e coerente. Neste sentido, são perceptíveis algumas necessidades por parte da progenitora.

Principais questões levantadas

Neste atendimento foi explorada a sua história de vida, com o intuito de conhecer melhor o seu percurso pessoal e familiar. Ao longo deste atendimento foi explorado as suas relações relativamente aos seus membros familiares, onde M.L. evidenciou ter uma família multiproblemática, com dificuldades em diferenciar os seus papéis e definir fronteiras. Desta forma, surge a preocupação de consciencializar a progenitora relativamente à sua história familiar, bem como a sua situação pessoal com o intuito de compreendê-la, interiorizá-la e aceitá-la.

Propostas para um segundo atendimento

Por tudo que já foi referido, a proposta para um segundo atendimento seria a realização do genograma, dando especial atenção à consciencialização da sua família e sobretudo à qualidade das relações. Após a realização concreta do genograma seria importante que M.L. identificasse as suas relações relativamente a todos os membros identificados no genograma, de forma a poder caracterizar cada membro e o tipo de relação que estabelece dentro do sistema familiar.

Notas de Consulta Psicológica

Atendimento nº: 2

Data do Atendimento: 10 de Abril de 2014

Duração do atendimento: 45 minutos aproximadamente

<i>Objetivos do atendimento</i>
--

Continuação da criação da relação de empatia;

Solicitar a colaboração da estagiária na realização da atividade (genograma);

Consciencializar M.L. sobre a qualidade das relações familiares, recorrendo à aplicação do genograma, que é um instrumento de observação das relações familiares e que ajuda os utentes a refletir sobre as mesmas.

Descrição do atendimento

Sendo o principal objetivo deste segundo atendimento compreender a forma como M.L. percebe o seu espaço dinâmico familiar, através da realização do genograma, a orientadora local Dr.^a Vânia, considerou pertinente aplicarmos o mesmo, sendo um instrumento relacional sistêmico.

Num primeiro momento do atendimento, a Dr.^a referiu a M.L. o objetivo da sessão, bem como explicou brevemente o porquê da aplicação do genograma. Posto isto, a Dr.^a Vânia passou-nos a palavra, referindo que tínhamos um papel mais ativo, sendo a própria a orientar este atendimento juntamente com a sua supervisão.

Começamos por apresentar a folha de instruções do genograma que M.L. iria utilizar como auxílio para a realização do mesmo, explicando calmamente: *“O genograma é um desenho que representa, de maneira gráfica, um conjunto de pessoas da mesma família. Consiste em desenhar um tipo especial de árvore genealógica da própria família, com as diferentes gerações seguindo um conjunto de regras e símbolos standardizados, que irei explicar de seguida”*. Após esta explicação, pedimos a M.L. que esta se concentrasse durante alguns segundos pensando no seu “mapa” familiar e que após esta reflexão inicia-se o desenho. A Dr.^a Vânia, ajudando M.L. que demonstrava alguma dificuldade em iniciar o desenho, começou por questionar quantos irmãos tinha, com o intuito de a auxiliar, sendo que a mesma respondeu que a sua família era grandiosa tendo nove irmãos. Neste momento a Dr.^a Vânia achou pertinente representar inicialmente os seus avós, progenitores e os três primeiros irmãos descrevendo-os.

M.L. começou assim, por representar os seus avós maternos e paternos referindo *“ Não me lembro dos nomes, nem quantos anos tinham, só da Avó Maria”* (cit. M.L.). De forma a explorar um pouco mais estes membros familiares, tentamos compreender do que M.L. se lembrava/ sabia dos seus avós, e que como caracterizava a sua avó paterna (Maria). M.L. referiu *“o que me lembro dos meus avós é que tanto os avós maternos como os paternos trabalhavam na agricultura. Não me lembro de mais nada porque era muito nova quando eles faleceram, mesmo os meus irmãos mais velhos pouco tiveram com eles. Do que me falam e me lembro é do meu bisavô da parte do meu pai que estava muito doente e nós não podíamos fazer barulho em casa. Quanto à minha avó Maria, era muito carinhosa do que me lembro. Lembro-me também por flaches ela a fazer o pão. Sabe á três anos atrás no dia de Todos os Santos conhecia a campa onde ela estava, não sou muito de ir ao cemitério, mas senti-me bem em saber onde era e por vezes sinto necessidade de ir lá”* (cit. M.L.).

Dando seguimento ao desenho, M.L. representou a sua mãe (T. de 68 anos) e a sua tia que referiu pouco sabia dela, sabendo somente que teria oito filhos. Posteriormente o seu pai (A. de 75) filho único. Quando M.L. representou os seus progenitores, questionamos sobre a relação dos dois como casal e como pais, ao que M.L. responde “ *os meus pais divorciaram-se em 1993, vivem na mesma casa mas estão divorciados, estavam quase a fazer 50 anos de casados. São um casal pouco carinhoso e bastante agressivo um para o outro e com os filhos. O meu pai era alcoólico e sempre foi agressivo com todos (mãe e filhos), já a minha mãe ajudava o que mais podia os filhos, mas às vezes também era agressiva (uma vez mordeu-me o braço)* ” (cit. M.L.).

Após M.L. falar um pouco dos seus progenitores e das suas relações com os restantes membros da família, referimos de forma a auxiliar M.L. e a dar continuidade ao genograma “ *Agora vamos representar os seus irmãos, começando do irmão mais velho para o mais novo, representando também a família nuclear de cada um*”. M.L. começou por representar o seu irmão J. e a sua família nuclear (cônjuge e filhos), questionamos a mesma se poderia falar um pouco acerca do mesmo. M.L. referiu “ *O J. tem uma personalidade muito difícil, por isso nunca tive uma boa relação com ele nem os meus outros irmãos. Ele é uma pessoa muito interesseira, isto é, só se dá com as pessoas quando precisa de alguma coisa*” (cit. M.L.). Após esta reflexão, M.L. mostrou interesse em não explorar mais sobre a relação, representando de seguida o seu irmão A. juntamente com a sua ex cônjuge e o seu filho. Relativamente a A. M.L. refere “ *tem 44 anos, e neste momento reside em Angola trabalhando como maquinista terraplanagem, este meu irmão A. é o banco do J. e do A., ou seja, é o que tem dinheiro e por isso é que os meus outros irmãos se relacionam com ele. Mas eu não sou assim, não me aproximo por interesse, e se tiver de comer só sopa prefiro do que ir passar graxa*” (cit. M.L.). Dando continuidade a cateterização do irmão M.L. refere “ *O A. tem um bom relacionamento com os meus pais, cá em Portugal tem uma casa perto dos meus pais. Ele contacta por telefone os meus pais, mas só em altura de férias, evitando porque sente saúde e é difícil*”(cit. M.L.). Dando seguimento a esta atividade M.L. desenha o seu irmão A. e a sua família nuclear (cônjuge e dois filhos). No que diz respeito a este irmão M.L. referiu apenas “ *nunca foi uma pessoa afetiva, sempre teve problemas. Este é o que procurar sempre o A. para o ajudar, é muito interesseiro*”, mostrando algum desinteresse em falar mais sobre o mesmo.

Neste sentido e de forma a terminar o atendimento, propusemos a M.L. que representa-se as relações (explicando através da folha de instruções). M.L. representou assim as relações, sendo evidente várias relações de distanciamento (progenitores para com os seus filhos) e relações conflituosas (entre irmãos).

Para terminar este atendimento, a Dr.^a Vânia salientou a importância deste trabalho, bem como a importância de M.L. ter sido capaz de estabelecer confiança (reforçando o trabalho de M.L.), para terminarmos referimos que se iria dar continuidade a este trabalho no próximo encontro.

Observação não-verbal:

Apesar de no início deste atendimento, M.L. se mostrar um pouco retraída e pouco participativa na realização da atividade referindo que não compreendia a sua realização, a sua atitude foi se alterando mostrando maior à vontade e maior envolvimento. Relativamente ao conteúdo verbal, M.L. ao elaborar o genograma mostrou-se um pouco retraída face a alguns membros da família (não querendo explorar mais sobre os mesmos), já ao nível não-verbal, foi possível observar M.L. um pouco tensa, sendo que ao longo de todo o atendimento a sua bolsa se encontrava no colo (não mostrando grande à vontade), a sua postura corporal um pouco rígida e nem sempre mantinha contacto ocular (aquando não queria falar mais de algum assunto).

Reflexão pessoal:

Sendo o genograma um instrumento fundamental para conhecer os processos de desenvolvimento familiar, a partir de uma representação gráfica rica de significados afetivos e indicações históricas (Andolfi, 2013) este atendimento foi um sentido de responsabilidade bastante grande para a estagiária. Isto porque, não só inicialmente não estava à espera que fosse o fio condutor deste atendimento, mas como também havia uma responsabilidade em aplicar o genograma, visto que se deve ter em atenção vários momentos como, o próprio desenho, as reflexões da pessoa, o não-verbal em cada descrição, e o como explorar cada membro, cada relação, sendo pequenas singularidades, mas que no fim serão importantes para a sua compreensão.

Neste atendimento, houve dois fatores que nos mantiveram em alguma ansiedade e receio, nomeadamente, num primeiro momento quando estávamos a dar instruções de como realizar o instrumento (M.L. teve alguma dificuldade na compreensão, no entanto com o apoio da Dr.^a Vânia esta dificuldade foi-se findando) e num segundo momento, a avaliação por parte da Dr.^a Vânia, que apesar de já existir uma relação positiva e de compreensão, existia

inevitavelmente alguma pressão para não falhar. Esta ansiedade e receios ao longo do atendimento foram-se dissipando, através do nosso envolvimento no encontro, bem como através da forma orientada e de apoio da Dr.^a Vânia, facilitando este processo inicial.

Posto isto, tendo nós um papel mais ativo no encontro, tivemos de ter presente que “o poder do terapeuta é proporcionar à capacidade de se questionar e à sua vontade de correr riscos de se expor...o terapeuta é chamado a expor-se e tratar-se ao mesmo tempo, que explora e trata o doente” (Andolfi, 1981, pag.95), sabendo que o espaço do atendimento será um espaço onde se proporciona interações. É de ressaltar que neste encontro tentou-se construir uma relação “triangular”, para que houvesse uma adaptação relacional de M.L.

<i>Síntese integradora do atendimento:</i>

Principais questões levantadas pela estagiária

Neste atendimento deu-se início à aplicação do genograma, onde foi possível observar que aos olhos de M.L. as relações são disfuncionais entre os membros da sua família, devido a alguns episódios que marcaram a sua infância e a dos seus irmãos. Por isso, seria importante nestes primeiros encontros dar importância às suas reflexões face à sua família, envolvendo uma escuta ativa e um sentimento de confiança.

Propostas para um terceiro atendimento

Dar continuidade à aplicação do genograma, contudo num primeiro momento esclarecer a M.L. que a aplicação do genograma tem como intuito M.L. consciencializar-se das suas relações familiares (irmãos, progenitores) mas sobretudo da sua família nuclear (relações, dinâmicas). A Dr.^a Vânia nesta reflexão connosco, referiu que muitas vezes os utentes deixam de ir aos atendimentos, por falta de motivação, questionando-se muitas vezes o porquê de certas reflexões, e por isso mesmo será importante esclarecer e motivar a mesma.

Notas de Consulta Psicológica

Atendimento nº: 3

Data do Atendimento: 15 de Abril de 2014

Duração do atendimento: 60 minutos aproximadamente

Objetivos do atendimento

Esclarecer M.L. sobre o motivo da aplicação do genograma, motivar e reforçar este exercício de reflexão;

Continuação da aplicação do genograma.

Descrição do atendimento

Neste terceiro atendimento, após uma reflexão em conjunta entre nós e a Dr.^a Vânia, determinou-se que daríamos continuidade à aplicação do genograma com o apoio e orientação da Dr.^a Vânia, uma vez que tínhamos sido as principais figuras na orientação do mesmo.

Num primeiro momento do atendimento houve um esclarecimento da nossa parte sobre o porquê da aplicação do genograma e a sua importância, destacando que as suas representações e reflexões sobre os membros da sua família eram importantes para uma melhor compreensão da sua parte, no que concerne às dinâmicas relacionais com a sua família nuclear. Reforçamos ainda o trabalho positivo de M.L. até então, com o intuito motivação.

Posto isto, e fazendo uma ponte entre o último atendimento e o que seria trabalhado neste, referimos que tal como tinham falado no último encontro, iriam dar continuidade à elaboração do genograma. Neste sentido, entregamos uma folha e solicitamos que M.L. representasse novamente os seus avós e progenitores de forma a dar continuidade à representação dos seus irmãos.

M.L. inicia assim a sua representação/descrição dos irmãos. Começando por F. que teria falecido aos seus 18 anos de idade. Neste momento foi notória uma grande tristeza por parte de M.L. sendo visível as suas lágrimas. Após um tempo de silêncio, questionamos “*M.L. diga-me quem era este seu irmão F.*”, M.L. refere “*era um irmão com quem tinha uma ótima relação, era muito afetuoso comigo e brincávamos muito*” (cit. M.L.). Tentando de alguma forma explorar mais o significado deste seu irmão, de forma cuidadosa questionamos o motivo do falecimento de F., ao que M.L. responde em lágrimas “*faleceu de acidente de moto, teve uma morte imediata (contado detalhadamente como aconteceu o acidente, referindo não ter sido culpa do seu irmão, mas sim do senhor que conduziria um carro) ainda hoje tenho mágoa, sei que se ele fosse vivo poderia contar com ele. Ele ajudava com as despesas da casa e trabalhava á pouco tempo, ele era o único que tentava ajudar em casa*” (cit. M.L.). Dando continuidade ao seu desenho, M.L.

representa o seu irmão A. sobre o qual refere que, apenas sabe que o mesmo tinha pouco meses de vida quando faleceu de meningite. Posteriormente representa-se a si, mas aquando este momento solicitamos que dê continuidade ao desenho, sendo que no final de todos os seus irmãos iríamos trabalhar as suas relações e as suas dinâmicas com os membros da família e família nuclear (sendo o objetivo destes atendimento trabalhar a tomada de consciência de toda a família nuclear sobre o regresso do V. a casa e o que isso implica, a estagiária achou pertinente que M.L. representasse-se no final). Posto isto e terminando as representações neste atendimento, M.L. representa a sua irmã L. que falecera com 4 anos, referindo logo de imediato com lágrimas em seu rosto *“tenho flaches de brincadeiras com ela, era a irmã mais próxima, talvez também pela idade. Ela faleceu atropelada por um trator onde estavam todos os irmãos, o trator destravou-se e atropelou-a. Foi no num dia de Páscoa, nesse dia o meu pai tinha vindo de madrugada da farra”* (cit. M.L.). Quando questionamos M.L. de como a sua família e a própria fizeram o luto, M.L. responde *“ não me lembro, talvez por ter sido um momento tão doloroso para mim não me lembro, eu queria lembrar-me, mas não me lembro”* (cit. M.L.).

No final, do desenho gráfico e vendo o adiantamento da hora do atendimento, solicitamos de forma a terminar a sessão que M.L. representa-se as relações existentes entre progenitores e filhos e entre irmãos. Mais uma vez, foram notórios os conflitos entre A. (progenitor) e seus filhos referindo M.L. neste momento *“ nunca teve relação com os seus filhos, sempre foi complicado”* (cit. M.L.). Relações ditas normativas da progenitora com os filhos, segundo M.L. referindo ainda *“ era uma pessoa que tentava de alguma forma ajudar pela ausência do meu pai. Tentava dar o que podia”*. Bem como, relações bastante importante e fortes com o seu irmão F. e a sua irmã L.

É ainda de referir que após a saída da Dr.^a Vânia e termos dado por terminado o atendimento, M.L. menciona *“ nunca disse isto a ninguém e já andei em psicólogos tenho uma filha mais nova um ano que o F., foi adotada na altura não tive apoio da minha família. Não falo disto por mágoa que sinto todos os dias, dói-me só em falar”* (cit. M.L.). Este momento como é óbvio não era esperado, contudo demonstramos uma escuta ativa e uma atitude de compreensão face ao sucedido, referindo que foi um momento importante para M.L., pois foi capaz de falar de algo que tanto a magoa e que com pouco falava do assunto (estivemos algum tempo ainda com M.L. escutando-a, e reforçando a pessoa forte que M.L. se tornou tendo passado por tanta mágoa na sua vida).

Observação não-verbal:

M.L. ao longo deste atendimento, mostrou ser uma pessoa bastante frágil emocionalmente o que era de todo normal após lembrar falecimentos marcantes na sua vida. Relativamente ao nível verbal, M.L. teve uma atitude de total abertura, referindo momentos difíceis da sua vida sem qualquer receio, ao contrário do atendimento anterior. Quanto ao não-verbal, M.L. manteve um contacto ocular direto, transmitindo não ter qualquer receio em “enfrentar” as histórias vividas.

É importante referir que M.L. demonstrou empatia e confiança neste atendimento, referindo no fim um momento bastante difícil da sua vida (adoção da sua filha), e que ainda hoje segundo a mesma é vivido com muita mágoa.

Reflexão pessoal:

Sendo que um psicólogo relacional pode recorrer ao genograma, que visa enriquecer a descrição verbal fornecida pelo utente através de uma representação gráfica e visual carregada de significado emocional (Andolfi, 2003), salientamos a importância do genograma neste atendimento. Isto porque, através do mesmo foi possível compreender o significado que M.L. dá aos vários episódios menos positivos na sua vida, como também foi possível a M.L. ter momentos de silêncio e ser ouvida (a mesma num momento do atendimento refere “*eu não falo com ninguém sobre estas coisas, quando penso nisso vou para o meu quarto e choro*”), o que na nossa perspetiva foi bastante importante para si, como também um passo fundamental na interação e confiança neste encontro.

A escuta pressupõe a capacidade empática, isto é, compreender as pessoas do seu ponto de vista ao invés do nosso e sentir as suas emoções em nossa própria pele, aumentando assim o entendimento (Galimberti, 1983), e foi este exercício que tentamos fazer neste encontro, não julgando mas sim criando um espaço de escuta, onde M.L. sentisse que podia refletir, que podia chorar, que podia contar segredos.

Assim, é de salientar que neste encontro sentimo-nos confortáveis em proporcionar um espaço de escuta e de silêncio a M.L., que demonstrou claramente ter sido importante. Contudo, é de se referir que ao fim deste encontro sentimo-nos esgotados emocionalmente, por ter, não só sentido todas as emoções de M.L., como também por não estar à espera da última interação com M.L. (onde refere a identidade de uma filha, tendo sido a mesma adotada).

Síntese integradora do atendimento:

Principais questões levantadas pela estagiária

Ao longo de todo o atendimento, foi possível observar M.L. totalmente entregue e sem receios de falar sobre momentos difíceis e marcantes na sua vida, demonstrando assim empatia e confiança quanto ao atendimento.

Neste atendimento foi também possível observar o sofrimento que M.L. “carrega” na sua vida, isto é, foi notório o sentimento de mágoa, de tristeza, que M.L. sente quando fala destes três irmãos que faleceram e que ainda hoje lhe é difícil falar. Nesse sentido a continuação do genograma na nossa perspectiva foi bastante importante, visto que foi possível a M.L. falar sobre temas que tanto receia. O genograma permitiu visualizar as suas redes de apoio.

Propostas para um quarto atendimento

Continuação da aplicação do genograma, que tem demonstrando uma grande importância para M.L. Isto porque, é trabalhado a temporalidade dos acontecimentos familiares e a qualidade das relações entre os membros.

Notas de Consulta Psicológica

Atendimento nº: 4

Data do Atendimento: 29 de Abril de 2014

Duração do atendimento: 60 minutos aproximadamente

Objetivos do atendimento

Compreender os motivos que levaram M.L. a faltar ao último atendimento

Continuação da aplicação do genograma.

Descrição do atendimento

Antes de iniciar este atendimento a Dr.^a Vânia referiu-nos que não estaria presente neste quarto atendimento, visto que após três sessões onde esteve presente considerava que

poderíamos acompanhar M.L. Esta decisão teria haver também com a confiança que M.L. nos demonstrou no último atendimento, e nesse sentido seria ético acompanharmos os atendimentos sem observação da Dr.^a Vânia.

Posto isto, no início da sessão tentou-se perceber os motivos pela qual esta tinha faltado ao último atendimento. M.L. terá faltado por estar doente nessa terça-feira; na quinta da mesma semana (agendada novo atendimento) também por razões de saúde.

Dando seguimento ao atendimento, fez-se a ponte entre o anterior atendimento psicológico e esta, mostrando o genograma, revelando o que tinham refletido e sobre as pessoas representadas. Então, para iniciar a continuação da atividade, entregamos uma nova folha em branco e solicitamos que voltasse a representar os seus avós e progenitores, seguindo posteriormente a representação dos restantes irmãos.

M.L. representa assim, a sua irmã S. que trabalha como sapateira e é residente de F. – B. Aquando questionada como caracterizava a sua irmã M.L. refere “ *esta é a irmã que mais me apoia, financeiramente e afetivamente. A S. é viúva há cinco meses e tem duas filhas a B. e a I.*” (cit. M.L.). De forma a poder explorar mais esta relação questionamos M.L. de que forma é que se relaciona com a sua irmã e sobrinhas. M.L. menciona “*Sabe a I. a minha sobrinha preenche o buraco vazio da minha filha que foi adotada e da minha filha M.*” (cit. M.L.), posto isto, questionamos o porquê a sua filha M., respondendo “*neste momento a M., não mostra qualquer carinho comigo, está fechada no seu mundo (problemas na escola, fotografias dela na internet) depois de eu a proibir de ter telemóvel e outras coisas. A I. acompanhei-a desde muito pequenina (meses) enquanto a minha irmã S. ia trabalhar, e hoje em dia não consigo passar uma semana sem a ir ver ou ela vir á minha casa*” (cit. M.L.). Quanto á sua irmã S., “*somos muito próximas, claro que tivemos os nossos desentendimentos quando sai de casa dos meus pais e apoiei a gravidez da minha irmã A., mas depois a I. nasceu e aproximei-me novamente dela, fui visitá-la ao hospital e desde aí é o meu grande apoio*” (cit. M.L.). Neste momento M.L. tinha em seu rosto lágrimas e transmitia uma grande tristeza, proporcionamos um momento de silêncio e questionamos posteriormente o porquê de estar a chorar, quando está a falar de uma pessoa de quem gosta muito e de quem recebe bastante apoio. M.L. após alguns segundos de silêncio responde “ *tenho receio de voltar a perder a minha relação com a minha irmã, ela é mesmo importante para mim, mas a minha irmã A. às vezes tenta-nos separar e eu tenho medo*” (cit. M.L.). Para que M.L. se sentisse mais confortável referimos que seria importante falar sobre esse receio á sua irmã S., já que sabe que é o seu apoio e pode confiar nela, era importante mostrar esse receio.

M.L. representou de seguida o seu irmão M. (juntamente com a sua cónjuge e o seu filho) que segundo a mesma é de S. Tirso é serralheiro e tem o 12º ano (através das novas oportunidades). Quanto a este seu irmão M.L. menciona “ *desde que se casou houve um grande afastamento dele com a família, por isso só estou com ele quando ela está na casa da Sameiro que é com quem ele tem mais relação*” (cit. M.L.). Questionada sobre como caracteriza a sua relação com o seu irmão M.L. responde “ *a nossa relação é cordial mas não muito próxima, o afastamento depois de casar fez com que eu não tivesse uma relação de proximidade com ele, visto que é raro estar com ele*” (cit. M.L.). Continuando a representação dos seus irmãos, M.L. representa a sua irmã A. (juntamente com o seu companheiro e os seus três filhos). Quanto a esta sua irmã, M.L. já ao longo do atendimento foi a caracterizando como uma pessoa que não se interessa pela sua família e interesseira, referindo “ *é a irmã que mais arranja conflitos com toda a família, muitas vezes é o motivo das discussões, é uma pessoa que não ajuda os meus pais, quando precisa deixa lá os filhos e nem ajuda em nada, sou eu que tenho de lhes dar de comer. Quando ela engravidou, fui eu o único apoio dela, ela foi morar lá para a minha casa, os outros da família não a apoiaram e estavam contra mim pela minha decisão, mas como eu já tinha passado por aquilo eu a apoiei, mas ela nunca valorizou isso e sempre me tentou prejudicar aos olhos da família. É por isso que tenho medo que a A. me separe da S., ela é mesmo uma pessoa que me destabiliza/prejudica*” (cit. M.L.). Após este diálogo questionamos ainda M.L. sobre o que poderia fazer para melhorar a relação entre as duas, ao qual M.L. disse “ *não vale a pena já tentei falar com ela, mas ela não liga não ao que digo, ela não gosta de mim e eu não sei o porquê de ela me querer tanto mal*” (cit. M.L.).

M.L. representa de seguida a sua irmã F., referindo apenas “ *é uma pessoa solteira, não tem qualquer relação com os irmãos, exceto com a A., talvez por serem muito idênticas na personalidade. Apenas sei ainda que mora em B., não sei mais nada dela, nunca aparece, nunca liga, é como se não existisse*” (cit. M.L.). Questionada se não se sentia incomodada por não ter relação com a sua irmã M.L. diz “*não, já estou habituada, não querer falar com ninguém não fale, eu tenho a minha vida, os meus irmãos também*” (cit. M.L.). Para terminar, M.L. representa P., neste momento foi notória a satisfação da mesma, quando falava do seu “irmão casula” por quem tem uma relação de grande proximidade. Quanto a P., M.L. referiu da seguinte forma “ *é o meu irmão mais novo, o casulinha. É um irmão com quem me identifico e me relaciono mesmo estando longe (reside na Suíça e é trabalhador na construção civil). Eu não era muito próxima dele, devido a ter saído de casa e todos esses problemas, mas quando P. casou e foi para a Suíça com a sua mulher a A., começamos a nos aproximamos. Isto porque, a A. ligava muitas vezes e*

falávamos muito até que o P. começou também a falar muito e a nossa relação ficou mais próxima, hoje em dia falamos várias vezes ao telefone. Ele até convidou o V. e o resto da minha família a passar lá umas férias este verão, mas como não temos muitas possibilidades não vamos. Mas agora ele vem cá o Verão, estou mortinha que ele venha, já temos saudades” (cit. M.L.).

Posto isto, e já tendo ultrapassado a hora do atendimento, a terminamos o atendimento, referindo que no próximo encontro M.L. iria desenhar as relações de cada irmão e que seria um encontro onde iriam falar de si, das suas relações e da sua família nuclear. M.L. no fim do atendimento, referiu que ao longo dos encontros saía sempre com dores de cabeça, mas que neste sentiu-se mais leve e aliviada “sinto que lavei a minha alma”, de forma a responder a esta afirmação reforçamos o trabalho que M.L. fez e a importância que é falar e refletir sobre si e sobre a sua vida.

<i>Observação não-verbal:</i>

M.L. ao longo deste atendimento, transmitiu um enorme à vontade (mais do que os outros atendimentos). Isto porque, ao longo de todos os atendimentos realizados até então, M.L. tinha sempre a sua bolsa em cima do seu colo, demonstrando algum desconforto, insegurança, contudo isso não aconteceu neste encontro (M.L. entrou inicialmente colocou a bolsa no seu colo, mas antes mesmo de iniciar o atendimento a mesma, olha para nós e coloca a sua bolsa no chão). Este é um pequeno gesto, mas com bastante significado no nosso entender.

Um outro ponto importante a salientar é novamente a notória fragilidade nas relações desta família, que faz com que M.L. em vários momentos do encontro tenha deixado cair algumas lágrimas em seu rosto, demonstrando claramente a fragilidade da mesma, e a dificuldade em falar de alguns receios e de algumas relações.

É importante referir, que mais uma vez M.L. transmitiu-nos o sentimento de empatia e confiança, relatando “sinto que lavei a alma” e até mesmo referindo novamente a sua filha adotiva neste encontro.

Reflexão pessoal:

“Momentos de crise é reconhecer, com humildade, o que não pode ser alterado ou melhor, não deve ser alterado, a posição da família sobre sua história e evolução: eles são os protagonistas de Processo terapêutico e nossa posição como "especialistas sentimentos" é "construtores de pontes", como ativadores de processos relacionais, compreensão cortes intergeracionais emocionais ou quebras” (Ricci, 2003, pág 159). Neste sentido, e tendo sido o primeiro atendimento em que o conduzimos sozinhos, sem observação da Dr.^a Vânia, é importante referirmos, que tentamos de alguma forma criar um espaço onde M.L. refletisse sobre as suas relações, sobre a sua família, e não nos posicionarmos para que M.L. sinta que estamos a querer mudar a sua forma de ser, de estar e a posição da sua famílias, visto não ser essa a realidade.

Relativamente a este atendimento, existia algum receio da nossa parte, devido à ausência da nossa orientadora (que foi o seu “porto seguro” até então). Em alguns momentos a mesma a ajudava no direcionamento das questões e proporcionava um espaço de segurança. Sendo a Dr.^a Vânia uma psicóloga, segura do seu trabalho, capaz de compreender o ser humano sem julgar, capaz de ser perspicaz na sua observação, sentimos receio que essa ausência poderia de alguma forma prejudicar o atendimento. Contudo, na nossa perspetiva o atendimento correu positivamente, isto porque de alguma forma demonstrarmos também estar dispostos a crescer com M.L. o que no seu ponto de vista é fundamental na relação e interação.

Síntese integradora do atendimento:

Principais questões levantadas pela estagiária

Ao longo de todo o atendimento, foi possível observar M.L. sem receios em falar das suas relações.

Um aspeto bastante importante neste encontro foi compreender que M.L. neste momento sente falta de afeto, mostrando-se frágil o que de alguma forma é importante, visto que a mesma salienta várias vezes que nunca mostrou as suas fragilidades para ninguém tentando sempre mostrar ser forte perante os outros. Outro ponto, foi compreender que M.L. coloca a sua sobrinha I. no lugar da sua filha adotiva referindo que ela preenche esse buraco.

Propostas para um quinto atendimento

Num terceiro atendimento, e após algumas reflexões entre a estagiária e orientadora e a estagiária e a supervisora, considerou-se pertinente terminar então a representação das relações do último encontro e posteriormente solicitar a M.L. que numa folha de maior dimensão que as anteriores representa-se o seu genograma completo. Refletindo sobre as suas relações com os membros da família, mas sobretudo que refletisse sobre a sua família nuclear e as suas relações/dinâmicas. Isto para que exista um fio condutor para o que é o nosso objetivo principal (trabalhar o regresso de V. a casa, e nesse sentido M.L. e a sua família terão de refletir o porquê da institucionalização do V., não olhando de forma a este (V.) ser o problema.

Notas de Consulta Psicológica

Atendimento nº: 5

Data do Atendimento: 13 de Maio de 2014

Duração do atendimento: 60 minutos aproximadamente

Objetivos do atendimento

Compreender os motivos que levaram M.L. a faltar ao último atendimento

Continuação do genograma (construção das relações entre alguns membros, sendo que não foi possível fazê-lo no último atendimento)

Realização por parte de M.L. do genograma completo, onde identifica-se as suas relações com os seus membros familiares

Reflexão da sua família nuclear

Descrição do atendimento

O encontro iniciou-se com o questionamento a M.L. sobre os motivos pela qual esta tinha novamente faltado a um atendimento, a mesma justificou que surgiu um imprevisto em sua casa não conseguindo avisar atempadamente, ressalvado ainda que só lhe é possível comparecer a atendimentos à terça, sendo mais difícil em outros dias.

Posto isto, fizemos uma ponte entre o último atendimento e este, mostrando o seu desenho (genograma), revelando o que tínhamos refletido no atendimento anterior. Assim, para

iniciarmos a continuação da atividade, era importante refletir sobre o que já tinha realizado anteriormente e fundamentalmente sobre o que não foi possível refletir que seria as relações existentes entre últimos membros da família representados. Neste sentido, M.L. foi conduzida a refletir sobre as relações entre os membros da sua família, explicando o porquê da sua escolha (relações conflituosas, relações fortes, relações normativas). Ao longo deste momento, M.L. foi caracterizando as relações existentes como “ *a minha família sempre teve muitos problemas. Desde que saímos de casa dos nossos pais, cada um seguiu a sua vida uns continuar a falar outros não, é assim também nunca fomos de relações muito próximas, às vezes alguns parecem querer prejudicar os outros*” (cit. M.L.). Para terminar esta reflexão, onde foi possível observar várias relações conflituosas entre irmãos (pelos traços no genograma), é questionado a M.L. sobre o que poderia ser feito para melhorar estas relações, ao qual M.L. disse “*não sei, muito sinceramente não sei, acho que todos tivemos tempos muito difíceis e cada um seguiu o seu caminho*” (cit. M.L.).

De seguida, foi explicado a M.L. que neste segundo momento iria refletir sobre as suas relações com os outros membros da sua família e refletir sobre a sua família nuclear. Neste sentido foi solicitado a M.L. que desenhasse numa folha A3 o seu genograma na sua totalidade, para que assim pudesse representar as suas relações. Após, representar todos os membros da sua família (nota: foi solicitado que se representa-se a si no genograma, mas que a sua família nuclear só fosse representada posteriormente) deu início à descrição das suas relações. Destacando primeiramente as suas relações fortes com: o seu irmão F., com a sua irmã L., com a sua irmã S. e a sua avó M. Quando questionada sobre estas relações ser tão significativas para si M.L. refere: “*foi com estas pessoas que tive carinho e respeito. Neste momento só está viva a S., os outros (F., L. e M.) já faleceram, mas sei e sinto que se estivessem cá me apoiariam como S. o faz*” (cit. M.L.). Posteriormente desenhou as relações “normativas” (ou seja, M.L. ao colocar um traço refere que é uma relação normal, mas de não muito afetividade) com: os seus pais, o seu irmão P., a sua irmã A. e o seu irmão A.. Quando M.L. é questionada sobre a sua relação com os seus pais, a mesma respondeu “*é normal, claro que já sofri muito com eles e tivemos os nossos desentendimentos, mas pronto acho que estamos bem. Sei que o meu sogro foi mais Pai que o meu próprio pai, mas pronto agora estamos bem*” (cit. M.L.). Posto isto, e de forma a explorar mais esta relação com os seus pais, é-lhe perguntado como caracteriza atualmente a sua relação com os seus pais, estando a viver na mesma habitação, ao que disse “*sei muitas vezes que a minha mãe fala nas minhas costas sobre as minhas atitudes e ações, mas já estou habituada. Agora vivemos lá e tentamos ajudar no que podemos, e por estarmos lá a nossa relação foi*

melhorando (nem muito boa, nem muito má” (cit. M.L.). Relativamente às outras relações M.L. descreve “ o A. pouco falo, depois que casou, poucas vezes estamos juntos, mas quando estamos falamos cordialmente; o meu irmão P. gosto muito dele, mas como falamos ao telefone não posso dizer que é a mesma relação que tenho com S., mas gosto muito dele; com a minha irmã A. (M.L. estava bastante indecisa entre colocar uma relação “normativa” ou uma relação conflituosa) tenho alguns problemas e não gosto quando ela despeja os filhos na minha casa, mas pronto... temos os nossos problemas mas resolvem-se”. Sobre esta última relação e tendo sido possível compreender a dificuldade de M.L. em caracterizar a sua relação com A. foi-lhe questionado o porquê dessa dúvida, ao que a mesma respondeu “ Sei que falei aqui muito dela pela negativa, mas não posso dizer que me dou mal com ela, sim temos os nossos desentendimentos, mas não é uma relação má. Bem, sei que fui dizendo que era mas pensando bem, não posso dizer que é conflituosa” (cit. M.L.). Quanto às relações conflituosas, M.L. apenas destaca essa relação com a sua irmã F., referindo “ é conflituosa com todos, não é só comigo. Até lhe digo já colocou quase toda a família em tribunal, até hoje não percebemos o porquê. Para além de que, pouco estamos com ela, pouco sabemos dela” (cit. M.L.). Por fim, M.L. traça as suas relações de distanciamento com o seu irmão J., o seu irmão A. e o seu irmão E., havendo posteriormente um silêncio por parte da mesma, ao que lhe é questionado o porquê de ter caracterizado desta forma estas relações, ao que a mesma disse “ não falamos, eu seguia a minha vida e eles seguiram as deles, sempre foram pessoas que se afastaram muito da família quando saíram de casa por isso... O E. casou afastou-se logo, o J. nem se sabe ao certo onde está e o que é feito dele, e o A. também seguiu a sua vida” (cit. M.L.).

Após este momento, onde M.L. descreveu as suas relações com os seus familiares, é solicitado à mesma que represente-se a sua família nuclear, bem como as relações que provieram o seu filho F. e o seu filho V.

M.L. começa assim por desenhar S., a sua primeira relação, quando questionada sobre esta relação M.L. refere “ eu tinha 15 anos, o S. tinha 30 anos. Eu já trabalhava nessa época e saía muitas vezes à noite, até que o conheci por intermédio de algumas amigas. Envolvemo-nos e passado algum tempo ele decide ir para o estrangeiro, quando ele decide isso e eu sendo menor resolvemo-nos separar. Só depois de ele ter ido embora, é que descubro que estou grávida de F., mas ainda bem que ele foi embora disseram-me depois que ele estava metido nas drogas. Depois, passados dois anos sei que ele tinha voltado e vou ter com ele para falar de F., ao que ele disse que já sabia dele e que ia lá a casa para o conhecer e até hoje não o conheceu” (cit. M.L.). Questionada sobre como é que se sentia sobre F. nunca ter conhecido o seu pai, M.L.

disse “*Ainda bem, sei que ele está melhor assim, o pai nunca o quis conhecer, ele soube pelos amigos que estava grávida dele, mas nem por isso veio a Portugal o conhecer, ou então quando chegou foi o conhecer. Por isso o meu filho merece melhor, é triste mas foi melhor assim*” (cit. M.L.).

Passando depois para o seu segundo relacionamento, M.L. desenha D., quando questionada sobre esta relação M.L. referiu “*O D. tinha 40 anos e eu 18, esta relação começou na mesma altura em que eu recebi maus-tratos do meu pai e dos meus irmãos e então fugi para a casa do D. Na altura o D. era um homem de muitas mulheres e quando eu percebi passado 7 meses que ele andava com uma mulher da idade dele, voltei para casa. E foi em casa que percebi que estava grávida de A., fui ter com o D. e ele com a tal mulher disseram para eu nunca dizer que era dele se não que iam atrás de mim (ia ter problemas). De forma a tentar compreender melhor a história da sua filha A. (ao longo de alguns atendimentos M.L. referiu que A. tinha sido adotada e que sentia uma grande mágoa) foi perguntado o porquê desta adoção e como se sentia perante esse facto, ao que respondeu “*Quando tive a A. no hospital, estava lá a segurança social que perguntou á minha mãe se tinha condições para cuidar de mais uma criança (eu era menor já tinha um filho). Ao que a minha mãe responde que não, e foi assim que a minha filha me foi retirada e de imediato deu-se a adoção. Foi um processo muito rápido, nunca pensei que seria assim, mas foi. O pior é a mágoa que ainda hoje sinto é de não ter visto uma única vez a minha filha e não me ter despedido dela... isso dói-me todos os dias*” (cit. M.L.).*

Dando seguimento, M.L. desenha a sua relação com P., descrevendo-a da seguinte forma “*O P. tinha 34 anos e eu na altura 20 anos, conheci-o através de umas amigas, e passado algum tempo envolvemo-nos, esta relação parecia que ia dar certo, só que um dia contaram-me que ele tinha ido para o hospital, e eu fiquei muito assustada a pensar que lhe tinha acontecido alguma coisa. Mas disseram-me que ele tinha ido ao hospital ter com a mulher e o filho que tinha nascido. Ai eu passei-me, foi nesse dia que descobri que ele tinha mulher e que tinha um filho (ele mentiu-me aquele tempo todo). Passado uns dias disso ter acontecido, descubro que estou grávida do V., ai fiquei muito mal, fui ter com P. e ele diz-me para eu o tirar. Mas eu não quis, principalmente depois de me terem tirado A., decidi logo que não o ia tirar. Ai P. disse que nunca iria assumir a paternidade e que mesmo fazendo ADN nunca sairia o resultado (o que veio a acontecer fiz através do tribunal, até hoje não temos o resultado).*

Por fim, M.L. desenha a sua relação com J. (atual companheiro) descrevendo a sua relação da seguinte forma “*tinha 22 anos quando conheci J. e ele 24/25 anos, conhecemo-nos na*

empresa onde trabalhava. Eu já trabalhava lá e a fábrica precisava de um motorista então ele foi para lá. Depois de algum tempo, começamos a falar, a sair, até que nos envolvemos. Nós tínhamos relações e vivências muito parecidas, e eu sabia que ele era casado, mas que só estava ainda a viver com a mulher porque tinha duas filhas. Depois passado algum tempo juntamo-nos e tivemos a M.

Sabendo que o tempo do atendimento já iria para além da hora, foi terminado o atendimento reforçando o trabalho realizado por M.L. A mesma num último momento refere “*eu morreria pelos meus filhos, só pelos meus filhos, pelo J. não. Eles são tudo na minha vida, obrigada foi importante desabafar sobre a minha história*”.

Observação não-verbal

É de ressaltar que mais uma vez foi visível o relaxamento de M.L. no atendimento, isto porque, foi novamente capaz de deixar a sua bolsa no chão e através do seu corpo relaxado dialogar com a estagiária sem qualquer tipo de indício de tensão. Foi notório também o olhar e o diálogo sem receio, ou seja, M.L. não evidenciou a pausa de pensar o que dizer, mas deixou que as palavras e os seus sentimentos saíssem, o seu olhar que muitas vezes era distante tornou-se bastante presente e direto.

Assim, por estes pequenos gestos é de salientar o grande significado que eles têm, que é a empatia e a confiança que se está a estabelecer entre M.L. e nós.

Reflexão pessoal:

Segundo Papero (1995), Bowen descobriu que as famílias são uma unidade emocional e como tal os membros acham-se unidos uns aos outros, de tal forma que o funcionamento de cada um deles automaticamente influencia o dos demais. Neste ponto de vista, e no que diz respeito às relações desta família, devemos ter em conta que a disfuncionalidade dos progenitores de M.L. enquanto casal e a não transferência de relações afetivas e coesas, fez com que possivelmente existisse estas relações conflituosas entre irmãos, referidas por M.L. no seu genograma, e sobretudo esta fragilidade que M.L. tem relativamente às suas relações.

Dando continuidade a esta reflexão, é de ressaltar a também disfuncionalidade de M.L. quanto às suas relações amorosas, questionando assim, se não poderá estar presente a teoria de Bowen - a influência das famílias de origem sobre as relações conjugais. Nesse sentido, é

importante que M.L. possa refletir sobre a sua relação atual com o seu companheiro, bem como o que esta poderá ou não influenciar na dinâmica/relação com os seus filhos.

Percepção do atendimento:

Principais questões levantadas pela estagiária

Neste atendimento, foi visível que M.L. considera apenas ter uma relação forte com os membros da sua família, mostrando assim, que as suas relações são bastante fragilizadas, e que sobretudo não tem na sua vida relações afetivas e de confiança (como classifica ser uma relação forte). Também foi possível compreender que as suas relações amorosas eram resultantes da ausência afetiva em casa, tendo sido a mesma a referir que se relacionou com D. por fugir de maus-tratos do pai e dos irmãos. Ou seja, M.L. em seus relacionamentos amorosos tentava uma estabilidade emocional que nunca teve com a sua família. Contudo, as mesmas não tiveram um desfecho positivo, exceto com o atual companheiro. Ter os filhos muito nova em parte por querer sentir-se parte de algo (sentimento de pertença) andou sempre à procura de ser aceite por alguém e procurou refúgio nos relacionamentos amorosos e filhos.

Assim, devemos refletir, será que M.L. sente carência de não ter tido relações mais significativas com os membros da sua família? O que essa possível carência poderá ter influenciado nas suas relações? O que essa possível carência poderá ter influenciado nas suas relações/dinâmicas com o seu núcleo familiar?

Propostas para um sexto atendimento

Após algumas reflexões entre a estagiária e orientadora de estágio, considerou-se pertinente explorar num sexto atendimento, a relação de casal (M. e J.), bem como a relação de J. como pai (M.) e padrasto (F. e V.). Isto, para que M.L. possa refletir e dar o seu significado às relações e dinâmicas existentes na sua família nuclear.

Notas de Consulta Psicológica

Atendimento nº: 6

Data do Atendimento: 19 de Maio de 2014

Duração do atendimento: 60 minutos aproximadamente

Objetivos do atendimento

Proporcionar um espaço de reflexão a M.L. sobre a relação/ dinâmicas de J. como pai e como padrasto.

Proporcionar um espaço de reflexão a M.L. sobre a relação de casal (entre M.L. e atual companheiro J.).

Descrição do atendimento

No início deste atendimento, fez-se uma breve síntese do trabalho realizado no atendimento anterior, de forma a haver uma ponte de ligação com este atendimento, que seria essencialmente sobre o seu companheiro J.

Dando início ao atendimento, é solicitado a M.L. que descreva alguns momentos com J., como o conheceu, o seu percurso como casal, o nascimento de M., bem como as presentes relações/dinâmicas com a família nuclear.

M.L. começou por ressaltar: *“eu conheci o J. na empresa onde eu trabalhava, ele era motorista e fazia mais alguns trabalhos na empresa. Quando ele começou a aparecer muitas vezes no corte, começamos a falar e a conhecemo-nos melhor, até que percebemos que tínhamos vidas muito parecidas (ele queria-se separar da mulher, só ainda não o tinha feito porque tinha duas filhas). Assim, começamos a nos relacionar, mas na altura não era nada de sério. Nessa mesma altura fui morar sozinha para um apartamento, mas a minha irmã A. engravidou e não foi aceite pela família, então eu recebia em minha casa. A A. também trabalhava lá na empresa até que ela descobriu que eu namorava com J. e desde aí ela começou a fazer chantagem (pedia que pagasse o almoço, pedi para pagar algumas coisas), até que as pessoas na empresa descobriam tudo. Na altura, com medo que fossem contar aos meus pais, eu fui ter com eles para contar, mas os meus pais não aceitaram por ele ser casado. A minha mãe queria que eu ficasse com outro (quando alguém ia lá a casa tentava-me sempre arranjar um homem”* (cit. M.L.). Neste momento foi-lhe questionado a M.L. se sabia do porquê da sua mãe reagir dessa forma, ao que a mesma respondeu *“ Porque eu era uma rapariga que já tinha tido três filhos e era solteira, e eu sei que ela não aceitava isso, ter uma filha com dois filhos e sem homem. O meu pai também não aceitou bem, andava sempre atrás de nós com um trator para ver o que andávamos a fazer. Na altura ao ver que não tinham aceitado, eu disse-lhes que o J.*

não era uma pessoa com quem ia casar e ter filhos e para eles não se preocuparem que não voltaria a fazer os mesmos erros. Depois disso, as coisas ficaram mais calmas, até que eu e o J. um dia tínhamos ido passear e quando chegamos ao meu apartamento, vejo cá fora a família toda da mulher (na altura) dele a chamarem-nos nome, a partir desse dia J. decide que nunca mais voltaria a casa, ficando a viver comigo” (CIT. M.L.). De forma a compreender como era J. como pai, começou-se por questionar a M.L. como era e é atualmente a relação de J. com as suas duas filhas do relacionamento anterior, ao que a mesma respondeu “ *Bem dentro dos possíveis, J. sempre tentou dar uma melhor educação às filhas, mas como sabe quando um casal se separa existe sempre a tentativa de colocar as filhas contra o pai e foi isso que aconteceu. A mais velha deixou de falar com o pai, ela agora vive com o namorado, mas quando precisa que a ajude (no Natal, com o carro) liga para o J., mas só quando precisa. Com a mais nova fala, mas também pouco”* (cit. M.L.). Dando continuidade à reflexão por parte de M.L. sobre J. como pai, foi-lhe questionado como caracterizava neste momento a relação de J. com as duas filhas, ao que responde “ *não á relação de filhas para pai, se estiverem no mesmo local o J. tenta perceber se elas precisam de alguma coisa se não, pouco falam, só quando precisam”* (cit. M.L.).

Com o intuito de continuar a reflexão, e voltando ao relacionamento de M.L. com J., foi perguntado: uma vez que J. vai viver para sua casa, como reagiram os seus filhos a essa nova mudança, ao que M.L. responde: “ *Bem, o V. ainda era muito pequenino, por isso desde muito pequeno deu-se bem com J. era como se fossem pai e filho. O F. também aceitou, mas nunca foram de muito afeto, mas sempre tanto o V. como o F. virão o J. como pai (exceto o V. nesta ultima fase) ”* (cit. M.L.). Relativamente ao nascimento da M., M.L. refere “*passado algum tempo de nós estarmos juntos, fico grávida, na altura não tinha a certeza e então antes de contar a J. fui fazer exames. Quando depois saem os resultados, fui dizer ao J. e ele ficou muito feliz com a notícia, dizendo que queria um menino, o que não aconteceu. Falamos com o F. e o V. e eles ficaram muito contentes por terem outro irmão. Mas, quando a M. nasce aí as coisas mudaram, o F. durante duas semanas, não falava com ninguém, não olhava para M., eu acho que esta reação deve-se ao sentir a minha falta, ele estava numa idade complicada e ele teve de crescer muito rápido então acho que foi isso. Passadas duas semanas, um dia fui ao quarto de M. e lá estava o F. com ela ao colo a brincar, a partir daí ficou tudo normal, como as relações de irmãos”* (cit. M.L.).

Uma vez que, este atendimento tinha como objetivo, refletir sobre J. como pai e padrasto, foi questionado a M.L. como era a relação de J. com F., V. e M., antes de viverem com a sua mãe e atualmente a viver com a sua mãe, ao qual a mesma responde “*Bem, quando eramos só*

nós, as coisas eram diferentes, tínhamos mais tempo para nós, passeava-mos, tínhamos mais momentos entre nós. O J. sempre foi um homem que trabalhou muito para poder dar dinheiro para casa, então tudo que era escola, e problemas com os filhos era eu que tomava as rédeas. Ele nunca se meteu na educação deles, havia algum problema ele dizia que era eu que tinha de tomar conta disso, que ele tinha muito que trabalhar. Mas quando viemos morar para casa dos meus pais, as coisas mudaram. Mudaram porque eu já estava cansada de ser só eu a tomar conta deles e cada vez mais as coisas estavam a ser complicadas, então o J. começou também a meter-se na educação deles” (cit. M.L.). Neste seguimento, pergunta-se a M.L., o que acha que fez com que J. muda-se a sua forma de agir, M.L. disse “ acho que foi quando F. tinha bastantes problemas com o carro e gastava todo o seu dinheiro á sorte e ele começou a perceber que as coisas não estavam bem, e também por causa do V.O J. nunca foi de chamar atenção a nenhum porque achava que devia eu me responsabilizar disso mas depois o F. mudava muitas vezes de carro, gastava muito dinheiro, tinha ido morar com a namorada mas passava o dia todo na nossa casa e aí o J. começou a ter conversas com ele de forma a tentar ajudar. Por isso entre o J. e o F. existe aquele respeito, quer dizer o F. vê que o J. já está atento ao que ele faz, e falam sobre isso. Não é que seja uma relação de muito boa, mas melhorou muito, o J. transmitiu o sentido de responsabilidade ao F., mas ainda por vezes F. tenta algo comigo, sabendo que J. não aceita. Quando questionada sobre V. e J., M.L. começou por dizer “ Bem a relação de V. com J. antes de vivermos aqui, era excelente o V. tratava o J. por pai, (J. tentou que legalmente tanto F. como V. fosse considerados seus filhos, contudo por falta de alguns documento, não foi possível) claro de J. não se metia muito na educação mas davam-se muito bem. Quando chegamos aqui tudo mudou, o V. deixou de tratar o J. por pai, devido á influência do avô, o V. mudou muito, começou a ter comportamentos agressivos, e foi aí então que J. meteu-se mais na educação dos nossos filhos, ajudava-me mais, porque houve mesmo uma situação que o V. tentou bater no meu carro e destruí-lo e a mim e foi aí que o J. ajudou mais, até que decidimos os dois irmos á segurança social explicar a situação que o V. estava a ter até que dizem através da proteção de menores ao J. que se tentasse bater nele iria preço por ele nem era o pai, foi aí que o J. disse que nunca mais colocaria as mãos no fogo pelo V.” (cit. M.L.). De forma a compreender melhor esta relação, perguntou-se a M.L. como caracterizava neste momento (atualmente) a relação de ambos (V. e J.) ao que M.L. com um sorriso responde “ Melhorou muito, o V. já chama o J. por pai, o V. quando vai de fim-de-semana, vai ajudar o J. com o seu trabalho, ele quando chega de fim-de-semana pergunta logo pelo J. Falam muito, até quando o V. precisa de alguma coisa agora vai falar com J., parece que tudo voltou a ser o que era, ou até

melhor” (cit. M.L.). Dando continuidade a esta reflexão é questionado a M.L. sobre a relação de J. com M., ao qual responde “Dão-se bem, mas com ela o J. prefere a ser eu a ter as conversas com ela, de mulher para mulher. Ele ache melhor assim, mas dão-se bem, e ele também quando precisa de dar uns berros para ela estudar ou fazer o que eu digo ele dá” (cit. M.L.).

Uma vez que neste encontro tinha sido refletindo a relação de J. como pai, como padrasto, criou-se um espaço de reflexão sobre a relação de M.L. e J., enquanto casal, este momento foi breve devido á duração do atendimento, mas foi importante, isto porque M.L. referiu *“A minha relação com o J. é normal, tem os seus altos e baixos, claro que tudo mudou quando viemos viver para aqui, nós agora não passeamos, nós não temos momentos a sós só á noite, é diferente. Mas também houve um momento complicado na nossa relação quando o V. disse-me que achava que o J. andava-me a trair com outra, eu aí mudei muito com ele, não lhe disse nada e tentei procurar a verdade. Até que um dia lhe disse se alguma vez ele me traiu e ele perguntou porque e eu disse que me tinham dito (não disse que foi o V.) algumas coisas sobre a tal rapariga e ele disse, que se eu quisesse íamos ter com ela e ele perguntava se ela não queria ir dar uma volta com ele. Com a resposta dele, eu aí confiei nele e pronto, tudo ficou bem” (cit. M.L.).* Com esta reflexão, deu-se por terminado o atendimento, contudo M.L. menciona o seguinte *“mas as coisas quando vier o verão vão melhorar, temos mais disposição” (cit. M.L.).*

Observação não-verbal

Num primeiro momento deste atendimento, aquando recebemos M.L., a mesma é surpreendida por esta demonstrar total descontração e determinação referindo *“viu Dr.^a não faltei, eu disse que não ia faltar e não faltei, está-me a fazer bem vir aqui”*. Esta atitude de descontração, foi possível observar também pelo seu vestuário, e pela ausência da sua bolsa, evidenciando uma total despreocupação em tentar agradar-nos, e uma vez mais o não receio do atendimento. O que salienta ainda mais uma relação de confiança e empatia nestes encontros.

Reflexão pessoal:

É fundamental conhecer o individuo, e para isso devemos então conhecer a sua história familiar e envolver os eventuais problemas, dentro do seu mundo afetivo e social (Andolfi, 2003). Sendo a família um sistema ativo e em constante transformação, isto é, um organismo

complexo que se modifica com o passar do tempo para asseverar a continuidade e o crescimento psicossocial de seus membros. Esse processo dual de continuidade e crescimento permite o desenvolvimento da família como unidade e, ao mesmo tempo, assegura a diferenciação de seus membros (Andolfi, Angelo, Menghi & Nicolo-Corigliano, 1989).

Nesse sentido, é fundamental que nestes encontros exista a possibilidade de M.L. refletir sobre estas transformações tanto da sua vida, como fundamentalmente da sua família nuclear. Assim foi importante que neste atendimento M.L. refletisse mais aprofundadamente sobre quem é J., como companheiro e como pai e que mudanças existiram ao longo destes anos. Tomando assim consciência que existiram mudanças, não só negativas, bem como positivas e que as mesmas devem ter um significado. Pois é a partir deste significado que se poderá encontrar a chave de leitura.

Perceção do atendimento:

Principais questões levantadas pela estagiária

Neste atendimento, foi visível as diferentes atitudes de J. no que diz respeito ao cuidado, à educação de F., V. e M., primeiramente segundo o discurso de M.L. J. não foi um pai presente no que diz respeito à educação dos mesmos, contudo após a mudança e as dificuldades acentuadas (comportamentos desviantes), J. começou a aproximar-se do que era esperado por M.L., um pai presente, um pai que também educa e tenta ajudar na educação. Quando à relação de casal, é evidente que é um casal que neste momento, não tem a verdadeira relação de casal, ou seja, o morar em casa dos pais, o ter de cuidar da mãe, o trabalho, os comportamentos dos filhos, fazem com que a relação entre ambos seja esquecida e não importante como o que foi anteriormente referindo.

Por tudo o que foi referindo, é importante questionar, será que J. a não ter sido um pai presente (segundo M.L.) terá influenciado nos comportamentos desviantes dos filhos? Será que a não ajuda de J. na educação dos filhos, sente-se na atual relação do casal? O que poderá ajudar a que J. e M.L. se relacionem como casal? Será que estas questões poderão de alguma forma ajudar a refletir sobre o que será importante numa família?

Propostas para um sétimo atendimento

Após algumas reflexões acerca deste atendimento, considera-se importante que num próximo atendimento se possa explorar a relação de M.L. ou seja, a mesma como mulher, como mãe, como filha e todas estas dinâmicas. Isto de forma a poder explorar da mesma forma as dinâmicas que foram refletidas sobre J.

Esta reflexão tem como principal fundamento, consciencializar M.L. sobre as dinâmicas da sua família nuclear do seu ponto vista, quanto a si e quando a J.

Notas de Consulta Psicológica

Atendimento nº: 7

Data do Atendimento: 27 de Maio de 2014

Duração do atendimento: 60 minutos aproximadamente

Objetivos do atendimento

Proporcionar um espaço de reflexão a M.L. sobre a sua vida ou as suas escolhas, como filha, como mãe e como companheira/mulher.

Descrição do atendimento

Iniciamos o atendimento por questionar a M.L. sobre como tinha sido a sua semana, tentando criar um ambiente propício neste encontro. M.L. referiu *“correu bem, mas com esta chuva o J. não foi trabalhar e então já estava cansada de o ter lá e ele também de estar lá sem fazer nada. Ele é uma pessoa que não consegue estar parado, e então foi uma semana cansativa, ele só por se sentir assim foi trabalhar domingo”* (cit. M.L.).

Posto isto, e criando uma ponte entre o último atendimento e este, fez-se uma breve síntese das reflexões de M.L. sobre o seu atual companheiro J., introduzindo de seguida o objetivo deste atendimento, falar/refletir sobre como M.L. se vê como pessoa, como filha, como mãe e como companheira/mulher. Aquando este ponto foi referido M.L. mencionou *“falar sobre mim? Isso é muito complicado, não sei se consigo. Isto é a coisa mais difícil de fazer, falar de mim”* (cit. M.L.) Devido a este comentário, foi reforçado a M.L. que é importante que fosse

capaz de falar em “voz alta” sobre si, dar-se a conhecer e até mesmo ser capaz de se conhecer um pouco melhor.

De seguida, e dando continuidade ao que era pretendido neste atendimento, foi questionado a M.L. quem era como pessoa, a mesma se caracterizou como “*Sou uma pessoa que gosta de carinho, muito amiga, bastante teimosa (quando quero uma coisa ou acho que está correto não deixo que os outros mudem isso, às vezes o J. pedido uma segunda vez lá consegues, mas sou mesmo muito teimosa)*” (cit. M.L.). Posteriormente, narrou que esta teimosia é também uma característica da sua mãe, não tão vincada como a dela, mas que era um feitio que se aproximava. Após este momento, onde foi possível observar alguma dificuldade de M.L. em se descrever, foi-lhe questionado como era enquanto filha, ao que responde “*Dou bastante atenção aos meus pais, cuido deles o mais que posso. Tento proporcionar o melhor para eles, o que não acontecia no passado. Mas, as coisas mudaram, o meu pai mudou, já sabe brincar com as pessoas o que nunca o fazia, a minha mãe, bem essa continua a mesma teimosa de sempre, tenta sempre arranjar alguma confusão*” (cit. M.L.). Explorando mais esta relação de M.L. como filha, perguntou-se como era a sua comunicação com os seus pais, ao que a mesma refere “*Nunca consegui falar abertamente com eles nem agora, mesmo que sinta vontade em desabafar não o faço com eles (falo com uma amiga do pronto a vestir, é lá que choro, que falo de mim, dos meus filhos e do meu companheiro /marido). A minha mãe nunca teve conversas que se tem de mãe para filha, como eu tenho com a minha. O meu pai melhorou, às vezes ainda fala do meu passado quando estamos chateados, porque ele sabe que me magoa com isso, mas de resto já me respeita (desde que lhe disse que ia embora de casa se as coisas não melhorassem)*” (cit. M.L.).

Relativamente ao seu papel como mãe, M.L. se descreve da seguinte forma “*Bem, as coisas são muito diferentes com meus três filhos, o F. ele é muito fechado, nunca foi de falar muito e de mostrar o que sentia (é muito parecido comigo). Posso até dizer que não o vejo como filho, mas sim como irmão. Ele teve que crescer muito rápido, viu-me feliz mas também a sofrer, e como só temos 16 anos de diferença sou muito, muito pegada a ele. Olhe, ele mora com a namorada, mas todos os dias vem almoçar a casa e depois do trabalho fica aqui, tomava banho, vê televisão, e só lá para as 20h00 é que vai para a casa da namorada para jantar e dormir lá. Se ele não vier a casa, por exemplo um domingo eu tenho de ligar e mandar mensagem não consigo é mais forte do que eu. Não somos muito de falar, mas sou muito muito apegada a ele.*”

Com o V. é diferente, ele sempre foi carinhoso, falamos muito, ele percebe quando eu estou em baixo, tenta-me animar. É uma relação normal de mãe para filho. Mas ele mudou muito, começou-se a fechar quando aconteceu aquilo na escola (V. na escola foi rodeado por um

grupo onde lhe tiraram a roupa de baixo fazendo comentários inapropriados), a partir desse dia ele mudou, nunca queria falar disso, mandava-me calar quando eu tentava. Depois quando a M. foi para a escola o V. ui mudou completamente, tornou-se muito protetor da irmã, era agressivo e queria que nada acontecesse á irmã como aconteceu-lhe a ele. Eu tentei conversar, disse que era importante sim que ele se defende-se mas que a irmã não era preciso ser tão protegida como ele o fazia, mas ele não me ouvia. Quando ele veio para cá, voltou a ser o meu menino, preocupa-se comigo, gosta de receber atenção, é carinhoso, falamos.

A M., as coisas foram mudando. A M. também era uma menina carinhosa, gostava de falar comigo. Nós eramos muito próximas, conversávamos de tudo, eramos as verdadeiras companheiras nas conversas. Quando aconteceu este ano no segundo semestre a situação na escola (descobriu-se que M. tirava fotografias provocatórias e publicava na internet) e eu coloquei-a de castigo ela fechou-se como o F. Agora, pouco fala, não diz o que sente, só fala quando quer pedir alguma coisa. Quando eu digo que mudou, mudou mesmo porque antes ela tinha muitos ciúmes da I. e da B. dizia que dava mais coisas a elas (sobrinhas), agora não diz isso, não tem reação. Às vezes tento falar, mas não dá ela é muito teimosa como eu” (cit. M.L.).

Dando seguimento às reflexões de M.L., explorou-se um pouco mais a sua percepção e o significado que a mesma dá ao seu papel como mãe, solicitando-lhe que descreve-se em palavras como M.L. é como mãe, ao qual a mesma referiu “*sou muito carinhosa, amiga, faço tudo por eles, até o que não devo fazer, dou regras (põem a mesa, fazem a casa, fazem os trabalhos de casa). Mas eu sei, que não devia ser assim, mas sou, não consigo ser diferente*” (cit. M.L.).

Após este momento, deu-se por terminado o encontro, reforçando a entrega de M.L. ao atendimento e a importância das suas reflexões, ao que a mesma menciona “*Gosto de vir aqui, foi difícil falar de mim mas falamos. A minha relação com os meus filhos é diferente, sei que o F. é como um irmão, o V. cresceu muito rápido depois do que lhe aconteceu e a M. mudou muito também. Eles estão a crescer, e se me derem carinho é o que me importa, eu dou tudo que eles querem. Sei que faço mal, mas eu sou assim*” (cit. M.L.).

Neste atendimento, é de ressaltar que o objetivo com M.L. em refletir sobre o seu papel como companheira/mulher, não foi possível de ser realizado devido á duração que o atendimento já teria. Nesse sentido, o próximo atendimento terá este mesmo propósito.

Observação não-verbal

Neste encontro, M.L. mostrou-se participativa e que confiança em nós descrevendo que estas consultas não lhe transmitiam receio e vontade de faltar. É de ressaltar ainda, que os seus olhos eram direcionados sem receio a nós, a sua postura corporal era bastante descontraída (sem qualquer tensão no seu corpo). Novamente M.L. não trouxe consigo a bolsa e demonstrou um vestuário descontraído.

Reflexão pessoal:

De acordo com Andolfi, Angelo, Menghi e Nicolo-Corigliano (1983), só se poderá adquirir um equilíbrio funcional unicamente se a família for capaz de tolerar a diferenciação dos seus membros, ou seja, encontrar o espaço pessoal e a própria identidade.

Deste modo, e por tudo que foi já referido, em termos de relações familiares de M.L. é de ressaltar esta necessidade de confiança e lealdade relativamente aos seus pais, que faz com que independentemente de estarem a viverem na mesma habitação exista algum desconforto/ não confiança na relação.

Já quanto ao seu papel como mãe, é necessário termos em conta esta carência de amor, que faz com que as suas atitudes e ações como mãe apenas estejam direcionadas nesse sentido, esquecendo por vezes o essencial, que é ser mãe e não ser a amiga dos seus filhos, que tenta agrada-los para receber o carinho dos mesmos. É ainda de ressaltar esta forma de olhar de M.L. quanto ao seu filho mais velho F., referindo que o vê como amigo e não como filho, demonstrando mais uma vez esta dificuldade de diferenciar os papéis familiares.

M.L. quer tanto pertencer e sentir-se aceite que precisa de ser dependente dos filhos ou dos familiares. É muito insegura sozinha e pouco ou nunca esteve sozinha pra se conhecer.

Perceção do atendimento:

- *Principais questões levantadas pela estagiária*

Neste atendimento, foi patente a dificuldade de M.L. falar sobre si. Inicialmente demonstrou alguma dificuldade em se caracterizar, evidenciando claramente algum desconforto neste exercício (pois ela não se conhece porque nunca esteve sozinha no seu percurso de vida,

dependeu sempre de algum companheiro ou filho). Ao longo do encontro o seu discurso foi sempre direcionado não tanto a si como pessoa, filha e mãe mas sim sobre quem falava, ou seja, caracterizando os seus filhos, os seus pais, “fugindo” de falar sobre si.

É ainda de ressaltar que foi notória a carência de afeto por parte de M.L. ao longo da sua vida, o que influencia a sua relação com os seus filhos, isto porque M.L. ressalva que basta apenas um gesto de carinho, que isso chega para dar tudo aos filhos, mesmo materialmente. Tenta preencher um vazio que os pais nunca lhe deram.

Neste sentido, é de ressaltar que a M.L. vê-se como uma mãe que tenta fazer de tudo para agradar os filhos, com o intuito de receber atenção e carinho dos mesmos, ou seja, não explorando o seu verdadeiro papel como mãe. Por tudo que foi referindo anteriormente, é importante nos questionarmos, até que ponto M.L. poderá abdicar do seu papel como mãe para receber um gesto de carinho? M.L. referindo que precisa de afeto estará a dizer que a sua relação com J. terá o mesmo termo, que as relações anteriores? O que esta ausência de afeto poderá influenciar as suas dinâmicas na família nuclear? Não explora o papel de mãe porque tem medo de não ser aceite e perder os filhos?

Por último e não menos importante referir que não foram explorados episódios concretos do seu papel como mãe, isto porque durante o atendimento M.L. tentou sempre não se centrar em si, mas nos outros, evidenciando dificuldade em falar de si e refletir sobre si.

- *Propostas para um oitavo atendimento*

Tendo em conta que o objetivo deste atendimento (7), não foi totalmente realizado, é importante dar continuidade ao mesmo. Ou seja, que no próximo atendimento (8) M.L. reflita sobre o seu papel como companheira/ mulher e sobretudo reflita sobre os seus relacionamentos, tanto o atual como os anteriores. Isto de forma a poder atribuir um significado mais profundo sobre si mesma e as suas relações.

Notas de Consulta Psicológica

Atendimento nº: 8

Data do Atendimento: 3 de Junho de 2014

Duração do atendimento: 60 minutos aproximadamente

Objetivos do atendimento

Continuar a reflexão do atendimento anterior, ou seja, M.L. refletir sobre si como companheira/mulher.

Descrição do atendimento

Neste atendimento, ao receber M.L., a mesma entrou no espaço da consulta a falar da sua filha M. *“Sabe Dr.^a a minha filha gastou-me o dinheiro todo do telemóvel com a internet, estive agora ao telemóvel com a operadora para cancelar a Internet. Como sabe M. ainda está de castigo por isso está sem telemóvel, mas às vezes pega no meu telemóvel* (cit. M.L.). Posto isto, questionou-se a M.L. se a mesma falou com M. sobre o que aconteceu, ao que respondeu que não, mas que iria fazê-lo hoje, visto que só percebeu aquando a chegada ao CAT.

Após este “desabafo”, deu-se início ao atendimento ressaltando que se iria falar de M.L. como companheira/mulher de J. A mesma demonstrou algum desconforto e perante esse comportamento foi-lhe falado sobre o atendimento da semana passada, reforçando que a mesma teve alguma dificuldade em falar sobre si, ao que M.L. responde *“ é verdade eu percebi isso quando fui para casa, fui falando dos outros e não falei de mim, é normal na minha vida, cuido dos outros, mas não cuido de mim”* (cit. M.L.). Com o intuito de criar uma ponte entre o último atendimento e o de hoje, foi ainda referido a M.L. as suas últimas palavras da semana passada (preciso de carinho, se me derem eu faço tudo), e perguntado de seguida se sentia falta do carinho por parte de J. ao que a mesma respondeu *“as coisas já não são o como eram, a nossa vida mudou muito, quando viemos para a casa dos meus pais. Antes tínhamos uma relação ótima, falávamos, namorávamos, passeávamos, agora não sei o que lhe diga, já não somos os mesmos”* (cit. M.L.). Perante o que mencionou, perguntou-se a M.L. o que tinha mudado, ao que responde *“ mudou tudo, ele trabalha à tarde e à noite, o único momento que estamos juntos é no jantar com todos à mesa (os meus pais, M. e nós os dois) e de manhã quando ele chega do trabalho ele deita-se e eu levanto-me por volta das nove. Também irrita-me facilmente com ele, ele agora tem a mania de falar à frente dos meus pais de tudo, os nossos assuntos e eu não gosto disso, as nossas conversas deveriam ser entre nós. Mas agora nunca são e isso piora tudo”* (cit. M.L.).

Dando seguimento a esta reflexão, é questionado a M.L. o que mudou em si como companheira/mulher relativamente ao seu relacionamento antes de virem para a casa dos seus pais. M.L. um pouco emocionada mencionou “ *Estou distante de J., não sou igual, culpo-o muito de estarmos nesta situação, foi por causa dele que viemos viver para aqui, eu avisei-o mas ele acreditou no meu pai, quando ele prometeu mundos e fundos, agora olhe trabalha e não tem nada. Eu não sou feliz, não me sinto mulher. Antes era valorizada, tinha o meu trabalho, tinha a minha vida e depois ia para casa para os meus, agora é sempre limpar a casa, cuidar dos meus pais, o único tempo que tenho para mim é das 13h30 às 15h00*” (cit. M.L.). Questionou-se assim, o que fazia nesse tempo que disse que era só seu, ao que M.L. respondeu “ *vejo televisão, durmo, trato das minhas coisas, vou falar com a minha amiga. Dr.^a a culpa é do J., neste momento não me sinto completa, não me sinto mulher, depois aquela desconfiança que tive dele, já se resolveu mas isso tudo junto fez com que me distancie-se dele. O J. muitas vezes diz que estou distante, mas eu nunca lhe disse que sim, mas é verdade não sou a mesma*” (cit. M.L.).

Com o intuito de compreender como M.L. vê o seu relacionamento com J. perguntou-se como vê o seu relacionamento com J. daqui a cinco anos, ao que a mesma após alguns segundos de silêncio, respondeu “*com o J. já mais velhos, o V. já casado e M. também podia ser, nunca se sabe, mas todos muito perto de mim como o F., não conseguia estar longe deles*” (cit. M.L.). Já sobre o seu passado, e para que M.L. refletisse mais sobre a sua relação com J. questionou-se à mesma, qual era a principal diferença entre os seus antigos relacionamentos e o atual ao que respondeu “ *os outros foram para fugir de casa, já com J. é diferente era um porto seguro e também sabia que estaria melhor com ele. Com o J. também fugi, mas porque sabia que estava segura com ele. Também é uma pessoa com quem podia falar, ele ouvia-me, entendia-me, os outros nunca se preocuparam comigo. Sei que eu e o J. não estamos bem, quer dizer eu estou distante dele, porque o culpo de ser infeliz, trabalho para os meus pais, não ganho nada por isso, não tenho o meu trabalho onde era feliz, não me sinto realizada, não me sinto mulher, já não passeio como antes, já não á tempo com a minha família – família sou eu o J. e os meus filhos, mas esta conversa, foi boa. Foi bom falar disto, nunca disse isto ao J.*” (cit. M.L.).

Para terminar este atendimento foi solicitado a M.L. disse-se palavras que a caracteriza-se como companheira/ mulher com J. ao que descreve “ *não estou por inteiro, à muitas arestas para limar, sou amiga, por ele faço tudo mas primeiro pelos do meu sangue (filhos)*” (cit. M.L.). Posto isto, solicitou-se que M.L. refletisse até ao próximo atendimento sobre estes sentimentos quanto a J. (a culpabilização, a desconfiança, o não se sentir mulher), o que interfere na sua relação.

M.L. terminando, refere “*este fim-de-semana saímos, fomos passear (esboça um sorriso) só nós, eu, o J. e a M. Primeiro levamos o V. ao rio e fomos passear, depois fomos busca-lo e fomos jantar fora. Senti-me muito bem, já não fazíamos isto há muito tempo*” (cit. M.L.). Ressalvamos a importância desse seu sentimento e do comportamento da sua família nuclear, ao que M.L. ainda refere “*eu se pudesse saía de casa dos meus pais, mas não posso eu sinto que é o meu dever se não fosse eu eles não tinham ninguém, mas se pudesse saía. Até o V. disse que devíamos sair, mas eu acho que deve ser por causa da namorada*” (cit. M.L.).

Observação não-verbal

Neste encontro, M.L. demonstrou-se participativa e que estava interessada na consulta psicológica, que existia confiança em nós e que estas consultas não lhe transmitiam receio e vontade de faltar. É de ressaltar ainda, que os seus olhos eram direcionados sem receio à estagiária, a sua postura corporal era bastante descontraída (sem qualquer tensão no seu corpo) e que novamente M.L. não trouxe consigo a bolsa e demonstrou um vestuário descontraído. Contudo, é de salientar que M.L. ao longo de todo o encontro demonstrou-se bastante frágil ao falar do seu relacionamento.

Reflexão pessoal:

A família tem funções de proteção psíquica dos seus membros, neste sentido a socialização e transmissão da cultura da qual fazem parte varia de geração para geração. Isto é, na família subsistem mudanças relacionadas com o contexto histórico-social de cada um dos seus membros, manifestando vínculos emocionais e uma história partilhada sob a forma de valores (Minuchin, 1982, cit in Alvim, Oliveira & Cunha, s.d.). Nesta mesma linha de raciocínio, é de todo de ressaltar que no desenvolvimento da família, existem transições e crises que afetam o subsistema conjugal e, concludentemente, o subsistema pais-filho. A transição do subsistema conjugal para o parental conduz a alterações tanto a nível individual e conjugal, que se caracteriza como uma das transições mais frágeis que pode fomentar dificuldades no relacionamento familiar (Hintz & Baginski, 2012)

Nas últimas décadas, deparamo-nos com uma mudança no cenário sociocultural, provocada, entre outros fatores, pelas alterações na estrutura da família (Hack & Ramires, 2010). Na sociedade ocidental, esperava-se que independentemente dos seus conflitos, a família

continuasse indivisível. No entanto, o crescente incremento de separações conjugais e posteriores recasamentos e a inclusão da mulher no mundo do trabalho trouxe transformações nos papéis familiares primários. Numa era que designamos de Pós-Modernidade, as famílias já não se regem por um modelo único, o de pais e filhos biológicos dividindo a mesma casa.

Uma relação a dois percorre etapas previsíveis ao longo do tempo, embora diversifiquem as circunstâncias de vida de cada casal, a maneira como essa viagem é empreendida depende não só da bagagem emocional de cada um como também as suas histórias pessoais são articuladas (Tavora, 2009). A relação conjugal baseia-se na diferença de géneros, e estrutura-se no matrimónio sob a forma de pacto de reciprocidade, onde os cônjuges possuem direitos e deveres (Ciglo & Scabini, 2000). Um pacto de reciprocidade possui uma estrutura dramática, porque a reciprocidade põe em jogo cada um dos intervenientes, é uma dimensão em movimento. Uma tarefa primordial, que se deva manter num relacionamento, é a capacidade de reciprocidade, isto é, a habilidade que cada um possui para cuidar do outro, não se deve apenas satisfazer as necessidades individuais pois corre-se o risco de destruir a relação (Raguso, 2012). O funcionamento do pacto conjugal é assumido pelo casal que pressupõe um projecto de vida comum e que tem capacidades de adaptação perante as adversidades.

No que concerne à coparentalidade é a extensão na qual o pai e a mãe dividem a liderança e se apoiam nos seus papéis de “chefes” da família, este conceito envolve dimensões de cooperação bem como de antagonismo, e onde as interações da família dão a oportunidade de ver se os pais se apoiam ou se opõem à intervenção do outro para com a criança (Bosa, Frizzo, Kreutz, Piccinini & Schmidt, 2005). O termo de coparentalidade não implica que os papéis parentais devam ser iguais em autoridade e responsabilidade, esse grau é determinado pelos intervenientes, onde o contexto social e cultural desempenha uma ampla influência (Bosa, Frizzo, Kreutz, Piccinini & Schmidt, 2005). Essa etapa é comum a todas as relações, a seguir a ilusão inicial, segue-se uma fase de decepção, não porque o casal estivesse a ocultar partes de si próprios mas porque a convivência revela sempre aspectos menos atractivos de cada personalidade, exigindo de ambos uma maturidade emocional para lidar com estes imprevistos (Tavora, 2009). A maior diferença entre a coparentalidade e o relacionamento conjugal é que o primeiro está associado e é motivado pela preocupação e o bem-estar dos filhos e o segundo refere-se à intensa preocupação com o parceiro, por si e pela relação conjugal (Bosa, Frizzo, Kreutz, Piccinini & Schmidt, 2005).

Percepção do atendimento:

Principais questões levantadas pela estagiária

Neste atendimento, foi patente que o relacionamento de M.L. com J. foi bastante penalizado com a ida para a atual moradia. M.L. tendo sido contra esta ideia, atualmente culpa J. pela sua tristeza e por não se sentir realizada. Neste sentido, é importante refletir – o que poderá fazer com que M.L. não culpabilize J.? Será que ao culpar J. sente-se mais confortável, ou seja, a mesma refere que não pode sair de lá porque se sente responsável, neste sentido a sua decisão inconscientemente também teria sido vir viver com os seus pais, porquê então culpa? Será que a sua desconfiança foi mesmo esquecida? Sabendo que a comunicação é bastante importante numa relação, será que a ausência da mesma, não ajuda a relação? Será que ao não haver tempo/espço para a familiar nuclear estarem sós, estará a penalizar as dinâmicas relacionais? Não será importante focalizar a importância de relação conjugal na família nuclear, ou seja, é mãe mas também não se pode esquecer que é mulher/companheira.

A questão central que se coloca é se ML se tornou verdadeiramente adulta; capaz de assumir as suas responsabilidades. Refere que todos os seus companheiros foram uma oportunidade de fuga da família; em parte (embora não admita e compreenda) também este companheiro a “libertou” das outras más relações. A pergunta é portanto como ajuda-la a tomar consciência disto. E ao mesmo tempo, ajuda-la a reconhecer as necessidades dos outros.

Propostas para os próximos atendimentos

Ao longo destes atendimentos, é evidente que existe uma família nuclear bastante fragilizada por acontecimentos pessoais de cada membro, que fez com que influenciasse o núcleo familiar e as suas relações e ações. Por esse motivo seria importante que os próximos atendimentos se focalizassem:

- Papel de mãe (parental);
- Refletir sobre o lugar do companheiro relativamente aos seus filhos
- Refletir sobre a importância de uma fronteira clara entre o avô e os seus filhos;
- Refletir – será que a fuga de V. não será a mesma atitude que M.L. teve? O porquê disso ter acontecido?

Anexo XV - Atividades de adaptação às novas instalações no CAT

Atividade 1: “Conhecer a casa”

Data da atividade: 23/10/2013

Objetivos:

- Compreender por parte das crianças quais os aspetos mais apelativos da nova casa.
- Conhecer as características da nova casa, afim de elucidar acerca da mesma e expor algumas diferenças entre a casa nova e a antiga. (ou entre as duas casas).

Intervenientes:

- Crianças do CAT

Procedimento:

Será solicitado às crianças que se sentem em círculo no chão. Começa-se por explicar em que consiste o jogo do lencinho.

Para que estas tenham um maior entendimento do jogo será aclarado que cada criança terá de dar uma volta ao círculo cantando a música do lencinho. Desta forma, quando terminar a volta, esta terá de deixar cair o lencinho no chão atrás de outra criança. Logo de seguida, terá que responder do que mais gosta na casa. Após dar a resposta, será a vez da criança com o lencinho atrás das costas a cantar a música do lencinho e assim sucessivamente.

Para terminar, é de referir que irei descrever a nova casa, para que assim saibam como é que ela é, e de certa forma perceberem as diferenças existentes entre as duas casas.

Materiais de apoio:

- Documento com a descrição da nova casa
- Lencinho

Atividade 2: “A mudança da casa é diversão”

Data da atividade: 24/10/2013

Objetivo:

- Sensibilizar as crianças para a adaptação e transição da mudança para a nova casa com o apoio de vídeos.

Intervenientes:

- Crianças do CAT

Atividade a desenvolver:

- “Noddy muda-se” – duração 03:16
- “A casa dos sonhos do Pluto” – duração 03:45

Procedimento:

As crianças são encaminhadas para a sala de lazer, onde inicialmente será feito um breve resumo da atividade nº1 e, pedir-se-á aos participantes para responder a algumas questões com o intuito de apurar o que ficou assimilado anteriormente.

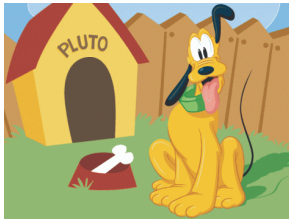
Num segundo momento será explicado que a visualização dos excertos dos vídeos demonstram que não somos só nós que fazemos mudanças, como também o Noddy e o Pluto.

Finalmente, as crianças visualizarão os dois excertos do vídeo.



Noddy – as imagens relativas a este desenho animado retratam a vontade do Noddy transportar a sua casa para um lugar perfeito, referindo a um dos seus companheiros que apesar de se sentir feliz, vai sê-lo ainda mais noutro lugar. O facto de alterar a casa de lugar,

pode ser uma forma de explicar às crianças que, independentemente da mudança, os pertences que trazem consigo e as experiências não serão esquecidas. A última mensagem deste excerto é “Vai ser divertido a minha casa mudar, gosto de mudar”, dando assim a perceber que as mudanças são boas e divertidas.



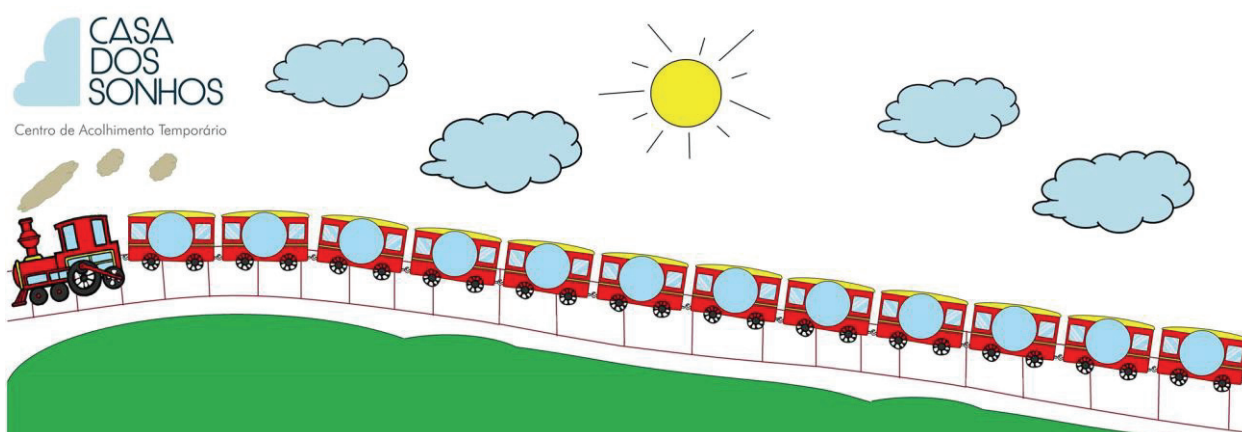
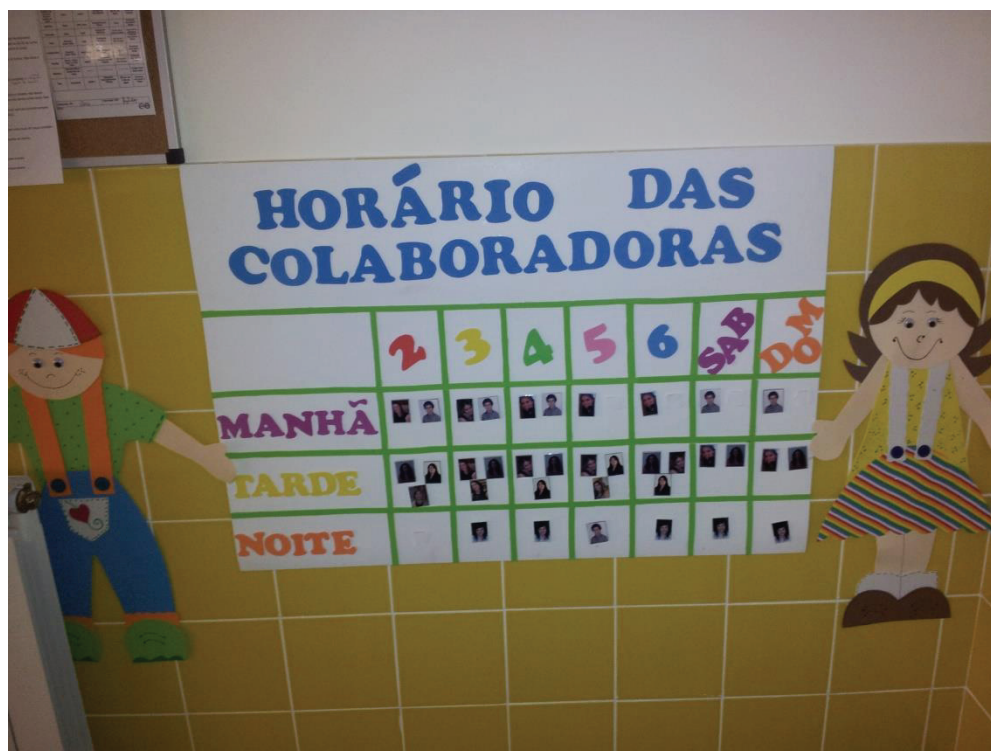
Pluto- este vídeo tem como objetivo transmitir a ideia que a mudança da casa pode ser divertida. É de salientar que neste episódio, o Pluto muda-se porque a sua casa já não está em boas condições, trocando-a por uma melhor. Este excerto é bastante divertido e passa a mensagem de que para construir uma casa é necessário muito trabalho e dedicação mas que no final é sempre compensatório.

Materiais de apoio:

- Computador
- Vídeos

Anexo XVI -VÍdeo

Anexo XVII - Horário das colaboradoras/ Calendário de aniversários



Anexo XVIII - Sceno-Vida



Sceno- Vida

Índice

Prefácio

Às crianças e jovens (poema)...

1. Centro Acolhimento Temporário “Casa dos sonhos” APAC-CAT

Caracterização do Centro de Acolhimento Temporário

O Centro de Acolhimento assegura a prestação dos serviços

2. A importância que a vinculação tem nas crianças, e o significado de uma institucionalização

Vinculação

Institucionalização

Crianças e Jovens Institucionalizadas

3. As crianças/ jovens e o jogo

O significado atribuído ao Brincar /Jogar

O Brincar/ Jogar na Perspectiva de Winnicott e Melanie Klein

O jogo em terapia

PREFÁCIO

Quando se fala em crianças a primeira coisa que nos surge é vida, alegria, fragilidade, brincadeira. Quando recordamos a nossa infância, a primeira imagem que nos surge serão as brincadeiras e os jogos que fazíamos individualmente ou com os nossos amigos.

O Centro de Acolhimento Temporário “Casa dos sonhos” é uma instituição que acolhe crianças e é aqui, neste espaço que se tem a oportunidade de ver diversas crianças a brincar e a interagir entre si, para além seu sofrimento. Todas estas crianças, entraram nesta instituição num ambiente já formado, tendo a necessidade de se adaptarem a este espaço. Percebemos então, que as brincadeiras e os jogos eram utilizados pelas crianças não só como forma de entretenimento, mas também como forma de socialização.

Neste sentido, devemos reflectir que o jogo para uma criança/jovem poderá ser um motivo de aproximação ao grupo, bem como uma forma de se relacionar com o outro, conhecer o outro e estar em contacto com o outro.

Pretendemos assim, com este Sceno-vida criar um vínculo entre a criança/jovem e o terapeuta através do jogo, para que estes sintam empatia, confiança e sobretudo sintam o à vontade de partilhar as suas emoções. O Sceno-vida é um jogo/actividade que a criança pode através dos bonecos, das representações lúdicas compreender/reflectir o significado do afastamento á sua família, da sua institucionalização e projectar sobretudo as suas emoções.

ÀS CRIANÇAS E JOVENS...

De tudo, ficaram três coisas:

A certeza de que estamos sempre começando...

A certeza de que precisamos continuar...

A certeza de que seremos interrompidos antes de terminar...

Portanto devemos fazer da interrupção um caminho novo...

Da queda, um passo de dança...

Do medo, uma escada...

Do sonho, uma ponte...

Da procura, um encontro...

Fernando Pessoa

1. CENTRO ACOLHIMENTO TEMPORÁRIO “CASA DOS SONHOS” APAC-CAT

Caracterização do Centro de Acolhimento Temporário

O Centro de Acolhimento Temporário “Casa dos sonhos” surge em Setembro de 1999, para crianças/jovens dos 0 aos 18 anos em condições de perigo subsequentes de abandono, maus tratos, negligência ou outros fatores.

A sua equipa é constituída por uma Psicóloga, uma Educadora de Infância, uma Técnica de Serviço Social e oito Técnicas de Ação Educativa. Nesta valência, os técnicos têm como compromisso proteger, valorizar, apoiar as crianças/jovens num dos primeiros desafios da sua história de vida, reedificando afetos e reestruturando vivências, garantindo a obtenção de um sentido de identidade, promotor do seu desenvolvimento.

O Centro de Acolhimento Temporário é caracterizado por ser uma instituição que acolhe dez crianças/jovens provenientes de qualquer parte do país, sendo uma primeira resposta no concelho de Barcelos.

O CAT surge da necessidade de acolher crianças/jovens que foram afastadas das suas famílias e que aguardam que lhes seja traçado um novo projeto de vida. Esta instituição procura minimizar os problemas e as carências emocionais sentidas pelas crianças em situação de urgência, dando apoio na transição entre famílias disfuncionais ou ausentes e as famílias recuperadas ou de substituição.

Deste modo, o principal objetivo do Centro de Acolhimento é assegurar as condições das crianças que estão em regime de internato, facultando meios e garantias para o seu crescimento físico, a sua evolução intelectual, cultural e profissional, visando a sua inclusão na comunidade envolvente e a ligação ao seu seio familiar de origem. Privilegiando as relações afetivas enquanto bases essenciais para o processo de maturação e desenvolvimento psíquico da criança/jovem. É neste sentido pertinente realçar, que o CAT procura desde o acolhimento da criança na instituição seja traçado o futuro da mesma, promovendo a sua desinstitucionalização num espaço de tempo útil e o mais curto possível. Contudo, nem sempre é possível que esse desenlace tenha um final pretendido, isto é, que haja uma integração da criança na sua família biológica ou numa alternativa, adoptiva ou de tutela, sendo que nestas condições não resta outra alternativa ao CAT a opção pelo acolhimento prolongado.

O Centro de Acolhimento assegura a prestação dos serviços

Sendo o Centro de Acolhimento Temporário uma valência de grande importância, esta deve assegurar: a) o acolhimento imediato e absolutamente transitório de utentes em situações de perigo; b) a realização de estudos rápidos e diagnósticos corretos, conducentes a projetos de vida concretizáveis; c) proporcionar aos utentes a satisfação de todas as necessidades básicas, em condições de vida tão aproximadas quanto possível às da estrutura familiar; d) promover o desenvolvimento integral dos utentes de forma a atenuar os fatores de risco e potenciar os fatores de proteção; e) realizar um diagnóstico da situação tendo em conta a informação já disponível noutros serviços e outros atores sociais envolvidos nas situações; f) construir com os utentes projetos de vida; g) promover o equilíbrio emocional e afetivo; h) proporcionar um apoio adequado à idade e características pessoais do utente, procurando despistar e diagnosticar os aspetos mais carenciados de intervenção em termos de saúde, socialização e escolaridade, recorrendo aos espaços educativos e lúdicos existentes no meio envolvente, i) desenvolver uma intervenção da família e da comunidade de origem do cliente, visando a caracterização sociofamiliar e o encontrar das soluções possíveis, em articulação e concertação com as instituições e os serviços locais, tendo em vista o regresso do utente à família.

2. A IMPORTÂNCIA QUE A VINCULAÇÃO TEM NAS CRIANÇAS, E O SIGNIFICADO DE UMA INSTITUCIONALIZAÇÃO

Vinculação

Bowlby em 1950 e 1954 com os seus estudos concluiu que, as crianças se fossem separadas da mãe, eram expostas a uma carga de stress, defendendo assim, que as crianças institucionalizadas eram afectadas no seu desenvolvimento, resultante da falta de interacção com a sua figura materna (Ainsworth&Bowlby, 1991; Hazan&Shaver, 1994; cit in Ganchinho, 2011). No fim dos anos 50 após John Bowlby redigir a obra “A natureza da ligação da criança com a mãe”, começa-se a reflectir sobre o conceito de “vinculação”, definido como diferente da dependência, sendo que o seu objectivo é favorecer a sobrevivência e não suscitar o amor (Guedeney e Guedeney, 2004).

Relativamente à experiência familiar dos indivíduos que desenvolvem uma vinculação segura esta é caracterizada pelo suporte parental, especialmente em situações difíceis, mas também pelo respeito pela sua individualidade, encorajamento da autonomia e comunicação aberta sobre as experiências de vinculação (Anjos, 2010; Cigarro, 2011). Deste modo, verifica-se

que a vinculação é constituída por aspectos significativos para o desenvolvimento do ser humano, bem como para a formação de relações interpessoais. Importa assim salientar, que são as relações estabelecidas com aqueles que são mais próximos da criança, que contribuem de forma significativa para o seu desenvolvimento. Segundo Almaça (2009), as relações significativas podem ser fatores de risco ou de proteção, pois ora promovem o sentimento de segurança e a auto-estima e concorrem para o bem-estar global do indivíduo, ora geram condições adversas de existência e implicam considerável sofrimento. Efectivamente, a natureza e a qualidade das relações emocionalmente significativas que ocorrem no período da infância, parecem influenciar o modo como o indivíduo irá estabelecer relações no futuro. Neste sentido, a qualidade da vinculação parental demonstra ser fundamental para o jovem e para o adulto, que irá estabelecer novos vínculos no seu contexto (Sousa, 2010; Cigarro, 2011).

De acordo com Petrini (2003) *“os vínculos familiares realizam uma relação na qual a pessoa entra com a totalidade de sua existência, de seu temperamento, de suas capacidades e limites, diferentemente do que acontece com quase todos os outros ambientes da vida, nos quais se estabelecem relações parciais, limitadas a capacidades específicas, correspondentes a funções determinadas”*. A Família, é assim um agente primário de socialização, é o palco do desenvolvimento humano, é a partir dela que se constroem histórias, tradições, valores. Por isso, o desenvolvimento de cada indivíduo passa primeiramente pela família, pois a família é considerada fundamental para a identidade individual e grupal do ser humano e que nunca nem ninguém se pode desligar dela.

Relativamente ao processo de socialização é uma tarefa fundamental de desenvolvimento da família, de facto, esta busca introduzir os filhos num contexto social mais extenso do que o seio familiar, auxiliando-os na construção de padrões de comportamentos socialmente aceites (Pacheco, Silveira & Schneider, 2008). É importante que durante a infância, os pais tenham como objetivo dirigir os comportamentos desses, de maneira a seguir determinados princípios morais e adquirirem atitudes que levem à autonomia e à responsabilidade.

As modificações nas relações entre pais e filhos resultantes das alterações pelas quais a família vem passando, têm conduzido a um crescente questionamento sobre o papel dos pais na educação dos seus filhos (Costa, Teixeira & Gomes, 2000). Neste sentido a instituição família é encarada o lugar mais importante para o desenvolvimento dos laços afetivos do indivíduo, mesmo que não atenda aos padrões ideias estabelecidos pela sociedade (Rizinni, 2001; Sousa Peres, 2002, cit in Oriente & Sousa, 2005). Segundo Petrini (2003), o complexo simbólico da

família é o primeiro cimento da sociedade e o primeiro ponto de auxílio. Neste sentido, o mesmo autor refere ainda, que a família é tão importante que quando se está distante dela, esta continua a estar presente como uma realidade simbólica, na qual liga as pessoas entre si num projeto de vida. Rosa, Nascimento, Matos e Santos (2012) mencionam ainda, que a família é um importante microssistema no que diz respeito ao desenvolvimento de uma criança e adolescente, que tem como principal intuito oferecer segurança e proteção. Contudo na impossibilidade de a família cumprir com o seu papel, existe medidas protetivas previstas no Estatuto da Criança e Adolescente (ECA,1990) que devem ser implementadas, como a colocação em instituições de acolhimento que passam a exercer um apoio fundamental no seu desenvolvimento.

Institucionalização

Foi em meados do século XVII, que surgiu a institucionalização sob a defesa da protecção das crianças. Nesta época mesmo que tentassem garantir a sobrevivência das crianças abandonadas o índice de mortalidade infantil era elevado devido às precárias condições de saúde, higiene, além de que existiam registos históricos de crianças vendidas com o objetivo de servirem de escravas. Porém é de ressaltar a mudança no âmbito social e cultural que proporcionaram transformações quanto à forma de olhar e tratar crianças e adolescentes (Marzol, Bonafé&Yunes, 2012).

Relativamente à institucionalização como contexto de desenvolvimento infantil, é fundamental ter em conta três sistemas distintos mas interligados: o ambiente físico e social (estrutura, espaços, equipamentos, rotinas, dinâmicas), as crenças, valores e padrões de comportamento dos profissionais tais como os cuidadores habituais, os técnicos e outros indivíduos que interajam com as crianças (Calvancate, Magalhães & Pontes, 2007). A institucionalização atualmente é assim vista como uma medida de protecção utilizada sempre que os direitos das crianças e dos adolescentes estejam ameaçados ou violados. Esta medida leva a um afastamento da criança relativamente aos facilitadores da violência e/ou situação de risco, mas também a uma privação do convívio familiar (Siqueira, Tubino, Schwarz&Dell’Aglío, 2009). Neste sentido, o retorno ao convívio familiar deve ser promovido aquando a família apresentar condições favoráveis para o retorno da criança/jovem, consolidando o caráter provisório da medida de institucionalização, visto que é direito fundamental de toda a criança e adolescente conviver em família e sociedade (Siqueira, Zoltowski, Giordani, Otero & Dell’Aglío, 2010).

Para a criança que é institucionalizada, o mundo que ela vivia, reconhecia muitas vezes conturbado e até perigoso deixa de existir (alguns casos temporariamente) tendo que substituí-lo pela instituição que a recebe onde abarca experiências de perdas como: dos seus referenciais de vida e desafios como associar novos referenciais. Assim, o mundo da criança que engloba o passado, o presente e o futuro ficam abalados, perdendo a sensação de segurança e controle em relação ao que lhe vai acontecer (Marin, 1999, Mazorra & Tinoco, 2001, cit in Tinoco & Franco, 2011). Deste modo, tanto para a criança, como para os pais e os profissionais a passagem pela institucionalização é complicada e intensa, pois engloba uma experiência de perda e adaptação a esta nova fase de vida como também envolve um processo de luto. Luto no sentido em que existe um rompimento de um vínculo e como tal subsiste um processo essencial de elaboração de uma perda onde a chave do sucesso passa pela possibilidade de elaboração dos lutos e reconstrução de vínculos sadios (Bowlby, 1993; Parkes, 1998).

Cabe assim à instituição proporcionar recursos para que a criança e adolescente possa enfrentar eventos negativos provenientes tanto das famílias como do mundo externo (Moré & Sperancetta, 2010). Olhando de uma forma positiva, a institucionalização cria oportunidades de desenvolvimento e é uma parte integrante da rede de apoio social e afetivo da criança (Cavalcante, Magalhães & Pontes, 2007). Os autores Siqueira, Tubino, Schwarz e Dell'Aglio (2009), salientam que são vários fatores de proteção podem estar presentes na institucionalização, tais como acolhimento, compreensão e respeito às histórias individuais de cada um, vinculação afetiva entre funcionários e as crianças/jovens, sentimentos de proteção, melhoria nas condições físicas de moradia e alimentação e reinserção escolar.

Crianças e Jovens Institucionalizadas

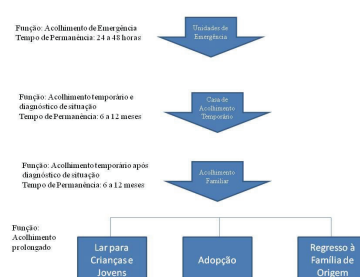
Segundo Cerqueira (2000), outrora, onde as sociedades olhavam para as crianças como “adultos em miniatura”, eram poucas as organizações de proteção à infância existentes. Estas eram descritas como instituições onde sobressaíam os sentimentos de caridade e assumiam a postura de paternalista, criando desta forma um lugar para as crianças órfãs e abandonadas, por períodos de tempo indeterminados, deixando assim de importunar a consciência moral da sociedade. Nesta linha de pensamento foram muitas as instituições que surgiram em Portugal, mas foi nos primeiros anos do séc. XX que surgiu um novo olhar sobre os direitos das crianças.

A criança como sujeito de direitos é algo que se encontra previsto na Declaração Universal dos Direitos da Criança, adoptada pela Assembleia-Geral Das Nações Unidas e aprovada pela

Organização das Nações Unidas (O.N.U.) em 1989 e ratificada por Portugal a 12 de Setembro de 1990 (Declaração Universal dos Direitos das crianças – UNICEF Portugal). De acordo com a lei 147/99 de 01 de Setembro, que diz respeito ao sistema nacional de protecção de crianças e jovens em risco, subsiste uma intervenção por parte da Comissão de Protecção de Crianças e Jovens, onde prevalece o superior interesse da criança, ou seja, existem intervenções diretas ou indiretas onde se tem em conta os seus interesses e direitos (Ramião, 2007).

Relativamente à Lei de Protecção de Crianças e Jovens em Perigo, uma das medidas de promoção e protecção é o acolhimento de crianças e jovens em instituições no art. 49º que “*consiste na colocação da criança ou jovem aos cuidados de uma entidade que disponha de instalações e equipamento de acolhimento permanente e de uma equipa técnica que lhes garanta os cuidados adequados às suas necessidades e lhes proporcionem condições que permitam a sua educação, bem-estar e desenvolvimento integral*”. Ainda segundo a mesma lei no art.53º menciona que “*as instituições de acolhimento funcionam em regime aberto e são organizadas em unidades que favoreçam uma relação afectiva do tipo familiar, uma vida diária personalizada e a integração na comunidade*”. Relativamente à família e/ou outros significativos, “*(...) podem visitar a criança ou o jovem, de acordo com os horários e as regras de funcionamento da instituição, salvo decisão judicial em contrário*” (Diário da República – Isérie-A, 1999).

Segundo Ministério do Trabalho e da Solidariedade (2000), os lares de acolhimento de cariz decisivo para as crianças e jovens encontram-se no contexto do sistema nacional de acolhimento e acolhimento infantil e juvenil em condições de risco. Este sistema nacional, é realizado com o intuito de funcionar em rede.



Deste modo, segundo o Ministério do Trabalho e Solidariedade (2000) o acolhimento institucional potenciou o surgimento de um novo paradigma que resultou na necessidade de passar de uma intervenção assistencialista para uma intervenção técnica e terapêutica. Ao longo destes últimos 10 anos evoluiu-se de um acolhimento assistencial e macro-institucional para um acolhimento do tipo familiar, especializado e em alguns casos terapêutico. O modelo familiar de acordo com Del Valle e Fuertes (2002), é caracterizado por instituições de pequena dimensão,

com 8 a 12 crianças/jovens, que utiliza os recursos da comunidade (escola, serviços médicos, formação profissional) e que, sobretudo privilegia a integração nas equipas de profissionais qualificados que iniciam uma intervenção terapêutica e profissional, propondo o desenvolvimento integral bio-psico-social da criança/jovem. Não esquecendo que são instituições que garantem as portas constantemente abertas à família, havendo uma dinamização constante dos projetos de vida da criança/jovem com o intuito de estimularem a participação dos membros nestes projetos. Gomes (2010, p.14) refere ainda “*o trabalho com a família biológica é determinante, embora tantas vezes inglório. Mas é uma demonstração que tem de ser feita, para que nenhuma criança fique privada da sua família por uma mera circunstância ultrapassável*”, sendo por este motivo fundamental ao nível da intervenção precoce uma articulação entre os sistemas de segurança social, saúde e educação, com o intuito de auxiliar a família a superar qualquer situação que a tenha separado do seu filho, salvaguardando o equilíbrio afetivo e emocional dos menores (Fernandes & Silva, 1996).

De acordo com Gomes (2010), o acolhimento institucional em Portugal tem sofrido diversas alterações positivas. Embora ainda em algumas instituições abranjam um elevado número de crianças e, consequentemente, uma enorme variedade de necessidades, os técnicos que fazem parte destas começam a evidenciar necessidades formativas para conseguir responder às características, cada vez mais complexas, das crianças/jovens acolhidas que provêm de uma realidade cada vez mais complexa. Simultaneamente, tem-se observado de acordo com o mesmo autor, uma apreensão crescente no que diz respeito à organização e sistematização da intervenção em acolhimento institucional. Porém, Alves (2007) salienta que se deve ter em conta a prevalência das dificuldades de comportamento das crianças e jovens que criam uma séria preocupação na sua institucionalização. Isto porque, segundo Bowlby (1951/1995) “*as crianças não são lousas das quais o passado pode ser apagado com uma esponja, e sim seres humanos, que carregam consigo suas experiências anteriores e cujo comportamento presente é profundamente influenciado por tudo o que se passou antes.*” Por esse motivo, deve-se ter em atenção que aquando a institucionalização a criança deve ter os mesmos direitos que de todas as crianças, sendo fundamental que todos os intervenientes neste processo os entendam e os interiorizem (Gomes, 2010).

Ainda de ressaltar que para a criança/jovem que se encontra afastada do meio familiar de origem, as pessoas que trabalham na instituição são para ela vistas como figuras de referência e agentes de confiança e segurança. Deste modo, os profissionais que integram equipas técnicas e educativas nas diversas instituições de acolhimento devem estabelecer uma relação de confiança

e segurança, entre as crianças e profissionais, de modo a que se verifique respeito, disponibilidade, protecção, afetividade e compreensão. Deve ter-se em conta que estes profissionais sejam qualificados, empenhados e que sobretudo, adoptem uma atitude positiva e capacidade de lidar com situações de frustração, garantindo assim respostas individuais a cada criança/jovem, pois cada criança/jovem é único, não se podendo dar deste modo a mesma resposta a todas as crianças e jovens institucionalizados (Gomes, 2010).

São estes elementos significativos que muitas vezes são nomeados pela categoria de “tutores de desenvolvimento ou tutores de resiliência” que ajustam os elos de relacionamento recebidos e compreendidos pela criança/jovem, criando oportunidades relacionais que podem propiciar sentidos de superação em situações de dificuldade (Marzol, Bonafé & Yunes, 2012). Assim, segundo Dorian (2003; cit in Vectore & Carvalho, 2008) é importante criar nas instituições ambientes mais positivos, com maior segurança e estabilidade e promotores de resiliência, o que significa proporcionar um local onde exista fatores de proteção para o desenvolvimento humano. Sendo que o termo resiliência tem como significado “superação” de crises e adversidades em indivíduos, grupos e organizações (Yunes, 2003). O trabalho em equipa neste sentido é fundamental, pois assim permite partilhar informações e dúvidas, responsabilidades, garantir um maior suporte emocional de todos os trabalhadores, aumentando o sentimento de pertença, pois todas as equipas de cada instituição são importantes e nenhuma consegue funcionar bem sem a colaboração da outra (Manual de Boas Práticas – Um Guia para o acolhimento residencial das crianças e jovens, 2005).

3. AS CRIANÇAS/ JOVENS E O JOGO

“O jogo e a criança caminham juntos. A criança é um ser que brinca, que comunica pela actividade lúdica. As brincadeiras e jogos da criança perpetuam-se e renovam-se de geração em geração”.

Kishimoto (2003, 11).

O significado atribuído ao Brincar/Jogar

Segundo Gomes (1961), para a criança o jogo é o trabalho, o bem, o dever e o ideal da vida. É a única atmosfera em que o seu ser psicológico pode respirar e, naturalmente, pode agir.

Jogar e brincar de acordo com vários autores, são conceitos muito próximos e distintos mas que se incluem na actividade lúdica ao qual tem efeitos sobre o desenvolvimento da criança

(Sarmiento & Fão, 2005). O jogo favorece o desenvolvimento físico, cognitivo, afectivo, social e moral, e nesse sentido não deve ser só visto como uma brincadeira com o intuito de gastar energias (Ide, 2001). Bruce (2003), menciona ainda que o brincar está associado a sentimentos, relações, ideias, sensações e movimento.

O Brincar é assim, uma forma da criança se exprimir, mesmo que a mesma não fale, ela exprime todos os seus sentimentos, positivos e negativos, no seu brincar. Deste ponto de vista, a brincadeira é para a criança a sua linguagem primária que lhe facilita desenlaçar o seu mundo interior e as emoções/sentimentos (Ferland, 2006). O brincar é “um fenómeno permanente e complexo, por um lado é a vivência natural e espontânea da criança, por outro é começar a dar sentido às coisas no processo evolutivo de ser capaz de usar um objecto ou uma situação” (Onofre, 1997, cit in Pinto & Sarmiento, 1999, p.93). Brincar, de acordo com Roskos e Christie (2007), bem como Pessanha (2001) pode ainda ajudar ao ajustamento emocional, pois a componente de fantasia, principalmente do jogo sócio dramático, cria resiliência, a capacidade de enfrentar desafios e proporciona a resolução de problemas da vida diária e a adaptação emocional da criança ao meio. Segundo

Solé (1980), o jogar e o brincar permite à criança descobrir-se a si própria, descobrir o mundo, as pessoas e as coisas que estão à sua volta.

O Brincar/ Jogar na Perspectiva de Winnicott e Melanie Klein

Winnicott

O jogo em si mesmo, é uma terapia – Winnicott 1971

De acordo com Alves e Gnoato (2003), Winnicott teve formação médica, evidenciando interesse pela pediatria logo nos primeiros anos de universidade. É conhecido por ter desenvolvido uma teoria do desenvolvimento humano fundamentada na criatividade e no encontro do individuo com a sua realidade cultural. Os mesmos autores referem ainda, que Winnicott associou a criatividade à brincadeira.

Segundo Winnicott (1975), é no brincar que a criança pode ser criativa e ao sê-lo é que descobre o eu. Assim, na brincadeira a criança constrói um espaço de experiência e de transição entre o mundo interno e o mundo externo. Sendo deste modo, o brincar criativo uma forma de enfrentar a realidade. O brincar, é considerado uma forma de comunicação da criança com os outros e com o mundo, que facilita o crescimento e que conduz aos relacionamentos grupais.

(Winnicott, 1971). Winnicott um herdeiro da teoria freudiana menciona que o jogo não evidencia apenas representações internas da criança, mas também o impacto do ambiente no desenvolvimento. Considerando assim, que a criança ao brincar é capaz de reproduzir perguntando “o que torna a vida digna de ser vivida” (Bailly, 2001).

Deste modo, ao longo das suas obras, o jogo é visto como uma terapia, e nesse sentido é possível afirmar que uma psicoterapia poderá ser vista quando proporcionamos à criança o brincar (Winnicott, 1971). Winnicott refere assim, “a brincadeira é a prova evidente e constante da capacidade criadora, que quer dizer vivência” (Martins & Gabriades, 2001)

Melanie Klein

O jogo aparece ao mesmo tempo como uma encenação tensões psíquicas da criança e como um meio terapêutico no âmbito da transferência –KLEIN, 1993

Melanie Klein, psicanalista infantil iniciou os seus estudos através do incentivo de seu analista, Karl Abraham, seguidor de Sigmund Freud. Partindo do âmbito fisiológico da teoria freudiana, Klein aprofundou o seu estudo na dimensão psicológica com o intuito de estudar a mente das crianças (Oliveira, 2007).

De acordo com Bailly (2001), Klein usava o jogo como forma de mediação terapêutica, pois via-o como um meio de acesso a representações internas e simbólicas da criança. Neste sentido, o seu trabalho tinha como intuito uma análise interpretativa de crianças, visando à decodificação do significado da brincadeira (Ferro, 1995). Através da brincadeira, a autora interpretava as fantasias, as angústias e outras manifestações do inconsciente da criança, às quais eram manifestadas de maneira simbólica (Oliveira, 2007).

Adami (2006) em seu estudo, menciona que na psicanálise infantil o brincar passou a ser visto e trabalhado como uma técnica infantil, chamada ludoterapia. Perante esse universo, Melanie Klein, acreditava que para a criança as brincadeiras e jogos apresentavam conteúdos sexuais, e nesse sentido os brinquedos e jogos infantis tornaram-se processos simbólicos, com sentidos e significados únicos para a criança. O mesmo autor salienta ainda que, a análise através do brincar demonstra que o simbolismo proporciona à criança transmitir interesses, fantasias, ansiedades e culpa a outro objecto (brinquedo) além de pessoas.

O jogo em terapia

Segundo a perspectiva sistémica, escreveu-se muito pouco sobre o jogo como meio de comunicação. Primeiramente o jogo foi ponderado como meio das crianças exprimirem as suas emoções e conflitos intrapsíquicos; pouco era a atenção ao papel do jogo como linguagem relacional própria do desenvolvimento infantil, e à relação lúdica entre a criança e o adulto como meio de adaptarem-se e interagirem entre eles (Andolfi, 1981).

Contudo, hoje em dia, o jogo em terapia, pode possibilitar analisar e experimentar as possíveis combinações de ideias, emoções, unidades de comportamento (Andolfi, 2013). Através da linguagem ou do gesto, do símbolo ou do ato, a criança cria um mundo de vivências, onde os objectos são capazes de responder às suas perguntas (Barone, Junior, 2005).

O jogo, é uma forma em terapia de fazer com que a criança se sinta à vontade, tornando o contexto terapêutico familiar, possibilitando exprimir-se e comunicar aos outros as suas necessidades e humor (Andolfi, 1981). O jogo também poderá ser um estímulo eficiente de interligar o mundo das crianças, vibrante de expressões não-verbais e de imagens concretas com o mundo dos adultos, rico de conceitos abstractos e comunicações verbais (Andolfi, 1979; cit in Andolfi&Angelo, 1989). “É difícil dizer até que ponto o jogo é importante, mas é certo que cada pessoa, no decorrer da sua existência passa continuamente através de um “jogo” para alcançar um equilíbrio nas relações com a realidade, e com aqueles com os quais vive ... através do jogo lida com a realidade de aqueles com os quais vive” (Andolfi, Angelo e outros, 1982; cit in Andolfi&Angelo, 1989).

Ao terapeuta, cabe também jogar em terapia, mas antes de mais este deverá descobrir o valor do jogo para si mesmo e depois repropô-lo como um instrumento de relação (Andolfi&Angelo, 1989). Saber jogar, é o terapeuta considerar as definições da realidade, as suas e a dos outros, como temporárias e mutáveis, ajudando assim o mesmo a não se levar muito a sério (Andolfi, 2013). Para que o terapeuta tenha sucesso em terapia com a criança é fundamental, que o mesmo crie um ambiente propício que faça com que a criança se sinta à vontade para se exprimir e que a comunicação entre ambos seja acessível para a criança. Muitas vezes, a dificuldade em terapia acontece por o contexto terapêutico ser demasiado “adulto”, ou seja, o terapeuta está à espera que a criança compreenda conceitos que são muito abstractos para ela, que dê respostas lógicas e que permaneça sentada a sessão toda (Andolfi, 1981).

4. Sceno – Vida e a sua aplicação

Levantamento de necessidades

A criação/ readaptação do instrumento Sceno-Test para esta actividade Sceno-Vida, teve como principal fundamento a necessidade de criar um espaço de reflexão às crianças do Centro de Acolhimento Temporário (APAC-CAT). Esta reflexão, visa não só que a criança/jovem possa reflectir sobre a sua institucionalização, o seu afastamento à família, mas também que a mesma possa projectar através da brincadeira/jogo o significado que dão ou deram a esses momentos. Como sabemos, mais do que verbalizar o que sentimos, é demonstrar e isso é possível através do jogo e da projecção.

Esta actividade, poderá recriar vários momentos, como por exemplo: estar na escola, ter sido um polícia a ter levado a criança para o CAT, espaços físicos do CAT, dinâmicas possíveis no CAT, no grupo, com as suas famílias. Esses momentos que serão possíveis de representar, serão importantes numa perspectiva em que a criança/jovem possa reflectir e projectar o significado de cada momento que vivenciou, isto para que o técnico/psicólogo possa compreender um pouco melhor as suas vivências, os seus receios e desta forma possa ajudar.

Objectivo do Sceno- Vida

Proporcionar um espaço de reflexão á criança/jovem através do jogo, onde poderão projectar o significado que dão às dinâmicas relacionais, à sua institucionalização e ao afastamento das suas famílias.

Material

Caixa Sceno – Vida

Família (pai, mãe, avó, avô, crianças; bebé);

Espaço de estudo;

Professor;

Quartos;

Cozinha;

Casa de banho;

Bibliografia

- Adami, Milla. (2006). Criatividade; criação: um viés sublimatório. *Cógito*, 7, 29-33.
- Almaça, I. C. P. (2009). A constelação fraternal: auto-estima, padrão de vinculação e percepção das práticas parentais no adolescente. *Dissertação no Mestrado Integrado em Psicologia –Secção de Psicologia Clínica e da Saúde /Núcleo de Psicologia Clínica Sistémica*.
- Alves, A. M. P. & Gnoato, G. (2003). O brincar e a cultura: jogos e brincadeiras na cidade de morretes na década de 1960. *Psicologia em Estudo, Maringá*, 8, 111-117.
- Alves, S. (2007). *Filhos da Madrugada: percursos de jovens em lares de infância e juventude*. Lisboa: ISCSP.
- Andoldi, M. (1981). *A terapia familiar*. Editorial Vega. Viseu.
- Andolfi, M. & Angelo, C. (1989). *Tempo e mito em psicoterapia familiar*. Porto Alegre.
- Andolfi, M. (2013). *A criança como recurso terapêutico. Os seminários de MaurizioAndolfi*. Editorial Caminho. Portugal.
- Anjos, S.C.B.D.G. (2010). Desesperança e agressividade na adolescência e qualidade de vinculação aos pais. Mestrado (obtenção de grau de Mestre), Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias-Faculdade de Psicologia.
- Bailly, R. (2001). Lejeudansl'œuvre de D.W. Winnicott. *Enfances&Psy*, 15, p. 41-45.
- Barone, K. C. & Junior, N. E. C. (2005). Uma dimensão paradoxal da teoria de Winnicott sobre a comunicação e sua importância na psicoterapia com crianças gravemente enfermas. *Latin-American Journal of Fundamental Psychopathology on Line*, 1, 80-88.
- Bowlby, J. (1951). *Cuidados maternos e saúde mental*. São Paulo, Martins Fontes.
- Bowlby, J. (1993). *Separação: angústia e raiva* (Vol.2). São Paulo: Martins Fontes.
- Cavalcante, L. I. C., Magalhães, C. M. C. & Pontes, F. A. R. (2007). Abrigo para crianças de 0 a 6 anos: um olhar sobre as diferentes concepções e suas interfaces. *Revista Mal-Estar e Subjetividade*, 7 (2), 329-352.
- Cerqueira, B. E. (2000). *Diferentes rostos da Infância*, Braga, UM, Instituto de Estudos da Criança.
- Cigarro, A. F. M. (2011). *Vinculação, memória de cuidados na infância, auto – conceito e depressão em adolescentes*. Dissertação de Mestrado em Psicologia: Faculdade de Psicologia, Universidade Lusófona de Humanidade e Tecnologia.

- Costa, F.T, Teixeira, M.A.P. & Gomes, W.B. (2000). Responsividade e exigência: duas escalas para avaliar estilos parentais. *Psicologia: Reflexão e crítica*, 13 (3), 465-473.
- Diário da República – I Série – A (1999) Nº 204. Obtido em: <http://dre.pt/pdf1s/1999/09/204A00/61156132.pdf>.
- Ferland, F. (2006). *Vamos brincar? Na infância e ao longo de toda a vida*. Climepsi.
- Fernandes, M. A. & Silva, M. G. P. (1996). Centro de Acolhimento para crianças em risco (condições de implantação, localização, instalação e funcionamento). *Direcção-Geral da Acção Social- Núcleo de Documentação Técnica e Divulgação*.
- Ferro, A. (1995). A técnica na Psicanálise Infantil. *Imago*.
- Ganchinho, M.R.A. (2011). Mobilidade relacional: influência do estilo de vinculação e da vinculação ao local. Mestrado, Universidade de Lisboa (Faculdade de Psicologia).
- Gomes, I. (2010). *Acreditar no Futuro*. Lisboa: Texto Editores.
- Gomes, J. F. (1961). *A criança e o jogo*. Coimbra MCMLXI.
- Guedeney, N. & Guedeney, A. (2004). Vinculação: conceitos e aplicações. Lisboa: Climepsi.
- Idi, S. M., (2001). O jogo e o fracasso escolar. In T. M. Kishimoto (Org.), *Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação* (pp. 89-108). Sao Paulo: Cortez Editora.
- Klein, M. (1993). *La Psychanalyse des enfants*, Paris, PUF.
- Manual de Boas Práticas (um guia para o acolhimento residencial das pessoas em situação de deficiência. Obtido em: http://www4.seg-social.pt/documents/10152/13327/acolhimento_residencial_pessoas_deficiencia
- Martins, N. B. C. & Gabriades, R. H. C. N. (2001). *Reflexões sobre o brincar*. Winnicott Seminários Paulistas. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Marzol, R. M., Bonafé, L. & Yunes, M. A. M. (2012). As perspectivas de crianças e adolescentes em situação de acolhimento sobre os cuidadores protetores. *Psico*, 43 (3), 317-324.
- Marzol, R. M., Bonafé, L. & Yunes, M. A. M. (2012). As perspectivas de crianças e adolescentes em situação de acolhimento sobre os cuidadores protetores. *Psico*, 43 (3), 317-324.
- Ministério do Trabalho e da Solidariedade (2000). *Lares de Crianças e Jovens – caracterização e dinâmicas de funcionamento*. ISBN Nº 972-8553-07-02.
- Moré, C. L. O. O. & Sperancetta, A. (2010). Práticas de pais sociais em instituições de acolhimento de crianças e adolescentes. *Psicologia & Sociedade*, 22 (3), 519-528.
- Oliveira, M. P. (2007). Melanie Klein e as fantasias inconscientes. *Winnicott e-Prints*, 2.
- Oriente, I. & Sousa, S. M. G. (2005). O significado do abandono para crianças institucionalizadas. *Psicologia em Revista*, 11 (17), 24-46.

- Pacheco, J.T.B., Silveira, L.M.O.B. & Schneider, A.M.A. (2008). Estilos e práticas educativas parentais: análise da relação desses constructos sob a perspectiva dos adolescentes. *Pisco*, 39 (1), 66-73.
- Parkes, C. M. (1998). Luto: estudos sobre a perda na vida adulta. *Ver.Bras.Psiquiatr.*, 21 (1).
- Pessanha, A. M. (2001). *Actividade Lúdica Associada à Literacia*. Lisboa: Ministerio da Educacao – Instituto de Inovacao Educacional.
- Petrini, J. C. (2003). *Pós – modernidade e família: itinerário de compreensão*. Bauru: EDUSC.
- Pinto, M. & Sarmento, M. J. (1999). Saberes sobre as crianças – Para uma bibliografia sobre a infância e as crianças em Portugal. Braga: Universidade do Minho.
- Ramião, T. (2007). *Lei de Protecção de Crianças e Jovens em Perigo Anotada e Comentada* (5ª ed.). Lisboa: Quid Juris Sociedade Editora.
- Rosa, E. M., Nascimento, C. R. R., Matos, J. R. & Santos, J. R. (2012). O processo de desligamento de adolescentes em acolhimento institucional. *Estudos de Psicologia*, 17 (3), 361-368.
- Roskos, K. A. & Christie, J. F. (2007). Play In The Context Of The New Preschool Basics. In K. Roskos, A. & J. Christie, F. (Eds.), *Play and Literacy in Early Childhood* (pp. 83-100). Yahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associates.
- Sarmiento, T. & Fão, M. (2005). Todos juntos a brincar e a aprender, in PEQUITO, P. e PINHEIRO, A. (Coord). Actas do 1º Congresso Internacional de Aprendizagem na Educação de Infância. Pp. 187-201. Braga: Universidade do Minho.
- Siqueira, A. C., Tubino, C. L., Schwarz, C. & Dell’Aglío, D. D. (2009). Percepção das figuras parentais na rede de apoio de crianças e adolescentes institucionalizados. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 61 (1).
- Siqueira, A. C., Zoltowski, A. P., Giordani, J. P., Otero, T. M. & Dell’Aglío, D. D. (2010). Processo de reinserção familiar: estudo de casos de adolescentes que viveram em instituição de abrigo. *Estudos de Psicologia*, 15 (1), 07-15.
- Solé, M. B. (1980). *O jogo infantil*. Lisboa: Instituto de apoio à criança.
- Sousa, A. F. B. (2010). *Influência da vinculação ao pai e à mãe nas motivações dos adolescentes para iniciar ou manter relações românticas*. Dissertação de Mestrado Integrado em Psicologia: Faculdade de Psicologia, Universidade de Lisboa.
- Tinoco, V. & Franco, M. (2011). O luto em instituições de abrigo de crianças. *Estudos de Psicologia*, 28 (4), 427-434.

- Vectore, C. & Carvalho, C. (2008). Um olhar sobre o abrigo: a importância dos vínculos em contextos de abrigo (a importância dos vínculos em abrigo). *Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional*, 12 (2), 441-449.
- Winnicott, D. W. (191). *Playing and Reality*. London: Tavistock Publications.
- Winnicott, D. W. (1975). *O Brincar & a Realidade*. Rio de Janeiro: Imago.
- Yunes, M. A. M. (2003). Psicologia positiva e resiliência: o foco no indivíduo e na família. *Psicologia em Estudo*, 8, 75-84.